



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ISABELA CRISTINA CARNEIRO CALDAS

POETAS-REPÓRTERES: O FOLHETO NORDESTINO COMO
LITERATURA-JORNALÍSTICA (1913-1996)

FORTALEZA

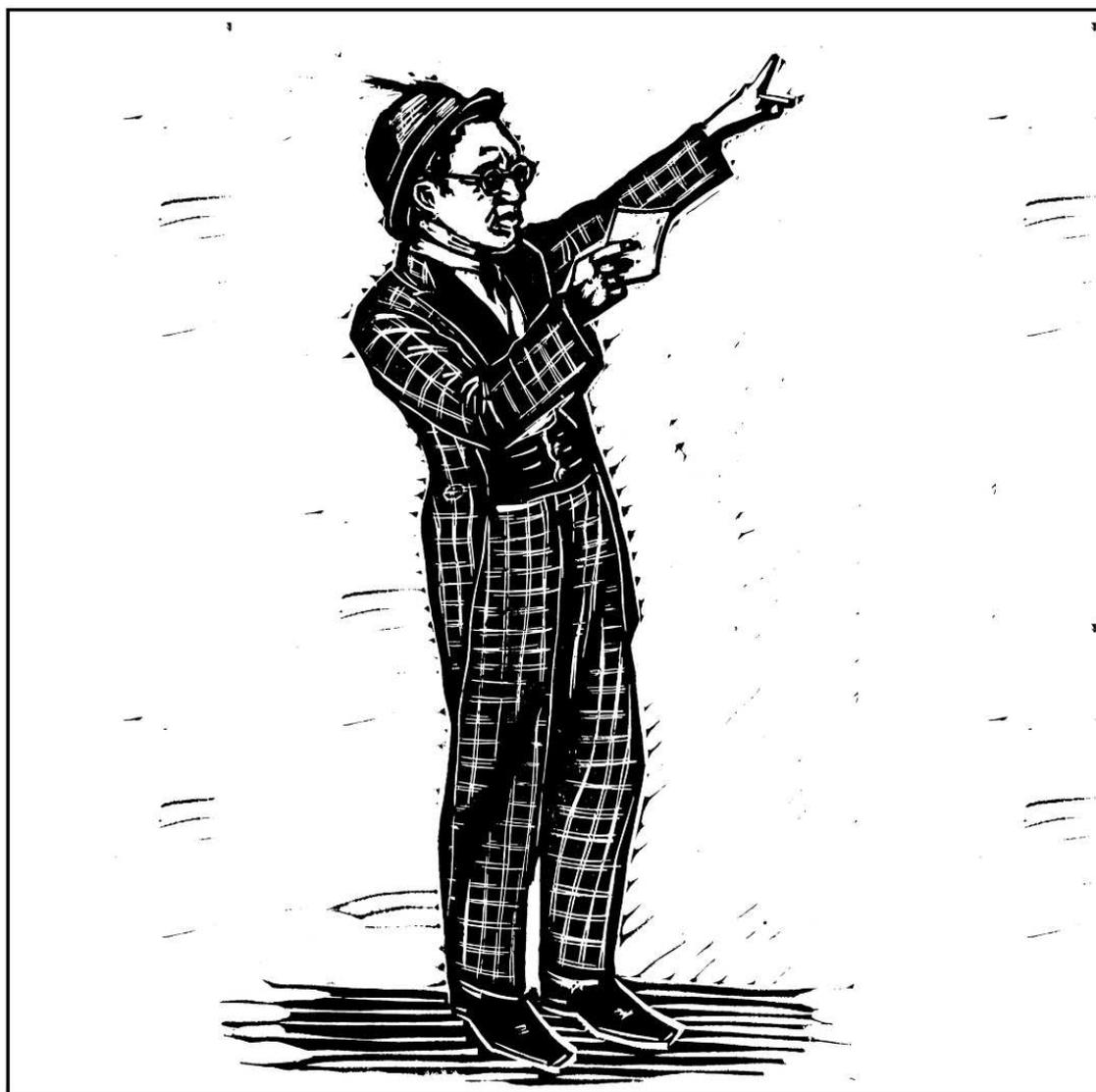
2024

Literatura de Cordel

Isabela Caldas & Júlio Cezar

POETAS-REPÓRTERES

O FOLHETO NORDESTINO COMO
LITERATURA-JORNALÍSTICA



Xilogravura: Jefferson Campos

Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFC)
Fortaleza - 2024

ISABELA CRISTINA CARNEIRO CALDAS

POETAS-REPÓRTERES: O FOLHETO NORDESTINO COMO
LITERATURA-JORNALÍSTICA (1913-1996)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C15p Caldas, Isabela Cristina Carneiro.
Poetas-repórteres : o folheto nordestino como literatura-jornalística (1913-1996) / Isabela Cristina Carneiro Caldas. – 2024.
116 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva.
1. jornalismo literário. 2. folheto nordestino. 3. cordel. 4. poetas-repórteres. I. Título.
CDD 400
-

ISABELA CRISTINA CARNEIRO CALDAS

POETAS-REPÓRTERES: O FOLHETO NORDESTINO COMO
LITERATURA-JORNALÍSTICA (1913-1996)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva

Aprovada em: 09/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFC)

Prof. Dr. Atílio Bergamini Junior
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFC)

Prof. Dr.: Exedito Wellington Chaves Costa
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

A Ives Natan.

Sob o empréstimo das palavras de Saramago, “tenho muitas razões para pensar, por exemplo, que o grande acontecimento da minha vida foi exatamente esse”. Ter conhecido ele.

AGRADECIMENTOS

É com grande satisfação e emoção que expresso meus sinceros agradecimentos a todos/todas que contribuíram para a conclusão deste trabalho tão significativo em minha jornada acadêmica.

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo generoso apoio financeiro que viabilizou a realização deste estudo. Sua contribuição foi essencial para o desenvolvimento e conclusão desta dissertação.

Ao meu orientador, Júlio Cezar Bastoni da Silva, pela incansável disposição e dedicação durante todo o processo de escrita. Sua amizade e calma foram fundamentais para superar os desafios e tornar esta jornada leve e enriquecedora.

Aos membros da banca, Atilio Bergamini Junior e Expedito Wellington Chaves Costa, por suas contribuições valiosas que enriqueceram a construção deste trabalho.

A Ives Natan de Castro Maia Menezes, sua paciência infinita, leituras detalhadas, sugestões e apoio emocional foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Cada linha escrita foi permeada pela sua presença, pelo seu amor dedicado e pela sua capacidade de ver o potencial em cada palavra.

Aos meus pais, Eliane Caldas e Wagner Caldas, por seu constante incentivo, que mesmo à distância, me motivou diariamente a sonhar cada vez mais alto.

Ao meu irmão, Rafael Caldas e à minha cunhada Karine Santana, por me acolherem em sua casa, permitindo que eu ingressasse nessa nova etapa da minha vida. Sou eternamente grata pela generosidade e apoio incondicional.

À Jacqueline de Castro Maia Menezes e Marcos Gabriel Ferreira Menezes pela acolhida calorosa, apoio inabalável e inspiração constante ao longo desta jornada. Muito obrigada por tudo!

Ao Programa de Pós-graduação em Letras, por proporcionar uma experiência única e humana, onde pude desenvolver habilidades que desconhecia. Agradeço pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal.

A todos e todas que estiveram ao meu lado durante este período desafiador e gratificante, meu mais profundo obrigado. Cada palavra de incentivo, apoio e compreensão não passou despercebida. Esta conquista é de todos nós, e levo cada colaboração e gesto de apoio no coração.

[...] é autor, editor, chefe de publicidade e livreiro ambulante. Um poeta que se basta e que tem um grande público. Não fica ele nos quinhentos exemplares a que montam as maiores edições dos nossos grandes poetas modernos. [...]. E, escrevendo seus versos sobre acontecimentos de todos os dias, dignificou a poesia. Perdoai mas foi assim mesmo (Amado, 1986, p. 81).

RESUMO

No século XIX, surgiu no Brasil uma sinergia valiosa que ligou intensamente a literatura ao jornalismo. Essa relação emergiu a partir de 1840 — com o fim do reinado do publicista e o início da república dos homens de letras — quando houve uma crescente de periódicos que mantiveram esse vínculo e passaram a ser considerados parte de um período nomeado de jornalismo literário, marcado pela presença concreta de escritores fazendo imprensa. No entanto, externo aos periódicos, um fenômeno semelhante aconteceu: poetas do Nordeste brasileiro criaram um sistema de comunicação popular e através da literatura conseguiram revelar à população os acontecimentos do Brasil, foram a imprensa onde o jornal era, dentre outras coisas, a última a chegar. Assim, consideramos necessário investigar as origens, as características e o desenvolvimento do folheto nordestino como literatura-jornalística. Para isso, concluímos que o melhor caminho é: revisitar o contexto histórico da imprensa no Brasil e destacar as interações da literatura com o jornalismo; descrever o percurso histórico dos folhetos, para evidenciar tanto suas origens quanto a transição de um sistema de comunicação oral para o escrito e sua relação com o realismo social; e evidenciar quem são os “poetas-repórteres”, além de analisar os folhetos noticiosos para identificar sua contribuição na formação de uma expressão literária híbrida, nomeada “literatura-jornalística”, explorando a interação dessas obras com o contexto político e social do século XX. Com esse intuito, dialogamos com autores de diversos ramos de estudo e dentre eles/elas destacamos: Sodré (1998), Ferreira (1992), Costa (2004), Etienne (1994), Zhirmunsky (1994), Abreu (2006), Luyten (1984), Lima (1975; 1976), Koch, Bentes e Cavalcante (2007). E como procedimento metodológico, adotamos uma abordagem qualitativa com articulação técnica dos procedimentos da pesquisa bibliográfica e da pesquisa documental. Em síntese, a hipótese se confirma, pois trata-se de uma decorrência de uma sinergia antiga. Os folhetos noticiosos fizeram parte do fenômeno do jornalismo literário, cujo trabalho foi desempenhado com profissionalismo por: poetas-repórteres.

Palavras-chave: jornalismo literário; folheto nordestino; cordel; poetas-repórteres.

RESUMEN

En el siglo XIX, surgió en Brasil una valiosa sinergia que conectó de manera intensa la literatura con el periodismo. Esta relación emergió a partir de 1840, con el fin del reinado del publicista y el inicio de la república de los hombres de letras, cuando hubo un aumento de periódicos que mantuvieron este vínculo y pasaron a ser considerados parte de un período denominado periodismo literario, marcado por la presencia concreta de escritores haciendo prensa. Sin embargo, externo a los periódicos, ocurrió un fenómeno similar: poetas del noreste brasileño crearon un sistema de comunicación popular y a través de la literatura lograron revelar a la población los acontecimientos de Brasil, siendo la prensa donde el periódico era, entre otras cosas, el último en llegar. Por lo tanto, consideramos necesario investigar los orígenes, las características y el desarrollo del folleto nordestino como literatura-periodística. Para ello, concluimos que el mejor camino es: revisar el contexto histórico de la prensa en Brasil y destacar las interacciones de la literatura con el periodismo; describir el recorrido histórico de los folletos, para evidenciar tanto sus orígenes como la transición de un sistema de comunicación oral a escrito y su relación con el realismo social; y evidenciar quiénes son los "poetas-reporteros", además de analizar los folletos noticiosos para identificar su contribución en la formación de una expresión literaria híbrida, llamada "literatura-periodística", explorando la interacción de estas obras con el contexto político y social del siglo XX. Con este fin, dialogamos con autores de diversos campos de estudio y entre ellos destacamos: Sodré (1998), Ferreira (1992), Costa (2004), Etienne (1994), Zhirmunsky (1994), Abreu (2006), Luyten (1984), Lima (1975; 1976), Koch, Bentes y Cavalcante (2007). Y como procedimiento metodológico, adoptamos un enfoque cualitativo con articulación técnica de los procedimientos de la investigación bibliográfica y la investigación documental. En resumen, la hipótesis se confirma, ya que es una consecuencia de una sinergia antigua. Los folletos noticiosos fueron parte del fenómeno del periodismo literario, cuyo trabajo fue desempeñado con profesionalismo por: poetas-reporteros.

Palabras clave: periodismo literario; folleto nordestino; "cordel"; poetas-reporteros.

RÉSUMÉ

Au XIXe siècle, une synergie précieuse est apparue au Brésil, liant intensément la littérature au journalisme. Cette relation a émergé à partir de 1840, avec la fin du règne du publiciste et le début de la république des hommes de lettres, lorsque de nombreux périodiques ont maintenu ce lien et sont devenus partie intégrante d'une période nommée journalisme littéraire, marquée par la présence concrète d'écrivains faisant de la presse. Cependant, en dehors des journaux, un phénomène similaire s'est produit : des poètes du nord-est du Brésil ont créé un système de communication populaire et, à travers la littérature, ont réussi à révéler à la population les événements du Brésil, la presse étant l'endroit où le journal était, entre autres choses, le dernier à arriver. Par conséquent, nous estimons nécessaire d'investiguer les origines, les caractéristiques et le développement de la brochure nordestino en tant que littérature-journalistique. Pour ce faire, nous concluons que le meilleur chemin est de revisiter le contexte historique de la presse au Brésil et de mettre en évidence les interactions de la littérature avec le journalisme ; de décrire le parcours historique des brochures, afin de mettre en évidence à la fois leurs origines et la transition d'un système de communication oral à écrit et leur relation avec le réalisme social ; et de mettre en évidence qui sont les "poètes-reporters", en plus d'analyser les brochures d'information pour identifier leur contribution à la formation d'une expression littéraire hybride, appelée "littérature-journalistique", explorant l'interaction de ces œuvres avec le contexte politique et social du XIXe siècle. Dans cette optique, nous dialoguons avec des auteurs de divers domaines d'étude et parmi eux, nous soulignons : Sodré (1998), Ferreira (1992), Costa (2004), Etienne (1994), Zhirmunsky (1994), Abreu (2006), Luyten (1984), Lima (1975 ; 1976), Koch, Bentes et Cavalcante (2007). Et comme procédure méthodologique, nous adoptons une approche qualitative avec une articulation technique des procédures de la recherche bibliographique et de la recherche documentaire. En résumé, l'hypothèse se confirme, car il s'agit d'une conséquence d'une ancienne synergie. Les brochures d'information faisaient partie du phénomène du journalisme littéraire, dont le travail était accompli professionnellement par les poètes-reporters.

Mots-clés : journalisme littéraire ; brochure du nord-est ; « cordel » ; poètes-reporters.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Gazeta do Rio de Janeiro.....	18
Ilustração 2 – Folhetim de Memórias de um sargento de milícias.....	21
Ilustração 3 – Poema Ella, de Machado de Assis.....	23
Ilustração 4 – A aparição dos folhetins no periódico francês La Presse.....	24
Ilustração 5 – Ao correr da pena.....	27
Ilustração 6 – Classes temáticas da literatura de folheto.....	41
Ilustração 7 – Cordel com o endereço de Leandro Gomes de Barros.....	42
Ilustração 8 – Continuação do folheto O reino da Pedra Fina.....	48
Ilustração 9 – Leandro Gomes de Barros.....	51
Ilustração 10 – Cuíca de Santo Amaro.....	53
Ilustração 11 – José Francisco Soares.....	55
Ilustração 12 – Rodolfo Coelho Cavalcante.....	57
Ilustração 13 – Apolônio Alves dos Santos.....	61
Ilustração 14 – Raimundo Santa Helena.....	63
Ilustração 15 – Gonçalo Ferreira da Silva.....	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 O LITERATO É JORNALISTA (VICE-VERSA).....	16
2.1 A sinergia entre imprensa e literatura ao longo da história no Brasil.....	17
2.2 Jornalismo literário: explorando as relações intertextuais.....	20
2.2.1 Folhetins.....	24
2.2.2 Crônicas.....	26
2.2.3 Poemas.....	28
3 FOLHETO NORDESTINO: ORIGENS E TRANSFORMAÇÕES.....	31
3.1 Cultura oral e narrativas populares.....	32
3.2 Chegada da imprensa e a popularização dos folhetos.....	39
3.3 O ciclo político e social no folheto nordestino.....	42
4 FOLHETO NORDESTINO COMO LITERATURA-JORNALÍSTICA.....	49
4.1 Quem são os poetas-repórteres?.....	50
4.1.1 Leandro Gomes de Barros (1865-1918).....	50
4.1.2 Cuíca de Santo Amaro (1907-1964).....	52
4.1.3 José Francisco Soares (1914-1981).....	55
4.1.4 Rodolfo Coelho Cavalcante (1919-1987).....	56
4.1.5 Apolônio Alves dos Santos (1926-1998).....	60
4.1.6 Raimundo Santa Helena (1926-2018).....	62
4.1.7 Gonçalo Ferreira da Silva (1937-2022).....	64
4.2 A literatura-jornalística nos folhetos.....	67
4.2.1 Crise econômica e social.....	68
4.2.1.1 A crise actual e o aumento do selo (1913), de Leandro Gomes de Barros.....	68
4.2.1.2 ABC da carestia (1947), de Rodolfo Coelho Cavalcante.....	72
4.2.1.3 O Aumento da Carne Verde (1959), de Cuíca de Santo Amaro.....	76
4.2.1.4 A Crise da Carne Verde e a matança de jégue (1974), de Rodolfo Cavalcante.....	79
4.2.1.5 Acabou a gasolina? ou a gasolina acabou? (1977), de José Francisco Soares.....	83
4.2.1.6 Kissinger fura greve dos professores (1981), de Raimundo Santa Helena.....	87

<i>4.2.1.7 Eleições Diretas Já (1984), de Apolônio Alves dos Santos.....</i>	<i>88</i>
<i>4.2.1.8 Democracia nas urnas (1985), de Raimundo Santa Helena.....</i>	<i>94</i>
<i>4.2.1.9 Massacre em Volta Redonda (1988), de Gonçalo Ferreira da Silva.....</i>	<i>95</i>
<i>4.2.1.10 Sem-terras massacrados a sangue-frio (1996), de Raimundo Santa Helena.....</i>	<i>99</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	108

1 INTRODUÇÃO

“Nasceu da necessidade, a exemplo de tudo o que nasce. A necessidade da comunicação num tempo de atraso e silêncio. [...] O Folheto chegou para suprir essa deficiência e esse atraso e esse silêncio. Então, se havia um fato novo, principalmente cheirando a tragédia, todo mundo já sabia como se inteirar da história, nas minudências. Era só ir à Feira no domingo e comprar um exemplar do ‘*Romance*’ (A ciência [...], 1980, p. 33, grifo nosso).

No século XIX emergiu no Brasil, dos altos e baixos entre a *Imprensa Áulica* e a *Imprensa Política* (Sodré, 1998), uma sinergia valiosa que ligou intensamente a literatura ao Jornalismo. Essa relação surgiu a partir de 1840, quando houve uma crescente de periódicos que mantiveram esse vínculo e passaram a ser considerados parte de um período nomeado de *Jornalismo Literário*. Apesar da nomenclatura sugerir um jornal plenamente literário — como o caso dos primórdios da imprensa brasileira —, na verdade, foi um fenômeno universal marcado pela presença concreta de escritores fazendo imprensa, até o início do século XXI, quando houve uma separação brusca devido à adoção do molde americano de objetividade, que inibia diversos recursos de escrita utilizados em obras literárias, como “os pontos de exclamação, as reticências e os adjetivos” (Costa, 2005, p. 12).

Externo aos jornais impressos, um fenômeno semelhante aconteceu: poetas do Nordeste brasileiro, utilizando a “fórmula editorial” do cordel lusitano — que embarcou em seu berço ibérico e ancorou em terras nordestinas no século XIX — junto aos seus poemas nascidos nas vozes dos cancioneiros, criaram um sistema de comunicação popular — o folheto noticioso — e através da literatura conseguiram revelar à população os acontecimentos do Brasil e alcançar os lugares mais remotos, onde a imprensa era dentre outras coisas, a última a chegar. E o povo, através de um trato implícito com seu jornalista, só acreditava nos fatos noticiados quando o cordelista os escrevia, tanto que diferente de outras regiões, quando uma notícia chegava no “boca a boca” a população procurava imediatamente um exemplar de seu periódico regional, o “romance” (A ciência [...], 1980).

Logo, considerando a hipótese de que este trata-se de um fenômeno não só similar, mas pertencente ao *jornalismo literário*, pretendemos retomar debates em torno de algumas hipóteses, como: “Há quem afirme que os folhetos populares se enquadram muito mais dentro do jornalismo do que na literatura” (Lima, 1975, p. 29); ou “a Literatura de Cordel Noticiosa é um sistema paralelo e particular de jornalismo (Luyten, 1984, p. X)” a fim de discutir e relacionar o papel do folheto nordestino enquanto literatura e um sistema de comunicação popular, cujo trabalho foi desempenhado com profissionalismo por

poetas-repórteres, estes que mantinham tanto uma proximidade quanto uma relação de confiança com seu público por se integrante de uma mesma realidade social, pois ambos eram agricultores, operários, vendedores (Abreu, 2006), que ouviam e produziam literatura sobre suas vidas.

É relevante destacar que esta pesquisa justifica-se pela falta de discussão sobre o fenômeno na área de Literatura Comparada. Percebemos que, em sua maioria, o diálogo sobre o folheto noticioso é continuamente mantido na área de Comunicação Social, o que é pertinente para nossa pesquisa. Tendo em vista que a Literatura Comparada pode explicar o fenômeno não só considerando seu carácter noticioso e a necessidade de informação popular — que é objeto de estudo da área de Comunicação Social nos estudos sobre a *folkcomunicação* —, como considerar aspectos frequentemente ignorados, como: a vida social na qual a obra está inserida, sua origem, adaptações, individualidades, que esclarece os porquês de tais empréstimos (Zhirmunsky, 1967) que a torna uma “literatura-jornalística”, sem perder suas especificidades.

Diante do pressuposto, o intuito desta dissertação é investigar origens, características e desenvolvimento do folheto nordestino como literatura-jornalística. Para isso, concluímos que o melhor caminho é: revisitar o contexto histórico da imprensa no Brasil e destacar as interações da literatura com o jornalismo; descrever o percurso histórico dos folhetos, para evidenciar tanto suas origens quanto a transição de um sistema de comunicação oral para o escrito e sua relação com o realismo social; e evidenciar quem são os “poetas-repórteres”, além de analisar os folhetos noticiosos para identificar sua contribuição na formação de uma expressão literária híbrida, nomeada “literatura-jornalística”, explorando a interação dessas obras com o contexto político e social do século XX.

Para isso planejamos dialogar, aproveitando que este é um debate interdisciplinar, com autores de diversos ramos de estudo, dentre eles/elas destacamos: Sodré (1998), com *A história da Imprensa no Brasil*; Ferreira (1992), com *O jornalismo literário*; Costa (2004), com *Pena de aluguel*; Etiemble (1994), com *Crise da Literatura Comparada*, e Zhirmunsky (1994), com *Sobre o estudo da Literatura Comparada*; Abreu (1999), com *História de cordéis e folhetos*; Luyten (1984), com *Notícia na literatura de cordel*; Lima (1976), com *Os meios de comunica o e a literatura de cordel*; Lima (1975), com *Cordel e jornalismo* e Koch, Bentes e Cavalcante (2007), com *Intertextualidade*.

Alinhada aos nossos objetivos, determinamos que a metodologia deste estudo trata-se de uma abordagem qualitativa, considerando que o intuito é descrever e interpretar um fen meno cultural específico (Prodanov; Freitas, 2013) com base em “diversas

perspectivas e contextos sociais a eles relacionados” (Flick, 2009, p. 25). Para isso utilizaremos as técnicas da *pesquisa bibliográfica*, que serve, além da seleção da fundamentação teórica, para evidenciar possíveis incoerências e contradições em materiais publicados sobre o assunto, e *documental*, que baseia-se em materiais que não receberam um tratamento analítico em uma determinada perspectiva, logo, para construção da dissertação utilizamos documentos de primeira mão — jornais e cordéis — dos acervos digitais: Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e a Cordelteca, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular e da Casa Rui Barbosa.

Com base no alcance dos objetivos específicos, organizamos a dissertação da seguinte forma: na seção *O Literato é jornalista (vice-versa)*, exploramos a relação intertextual entre literatura e jornalismo, considerando suas particularidades históricas e técnicas. Com base em Etiemble (1963) e Zhirmunsky (1967), a seção examina a sinergia entre essas duas áreas, voltando ao passado para entender suas similaridades e diferenças. O cenário histórico da imprensa no Brasil é relevante para entender essa dinâmica, considerando que os altos e baixos da imprensa no Brasil resultaram em uma fase homogênea que uniu as duas áreas, criando o fenômeno do jornalismo literário.

Na seção *Folheto nordestino: origens e transformações*, exploramos a transição da cultura oral para os folhetos impressos no contexto do Nordeste brasileiro durante o século XIX, além de evidenciarmos tanto os aspectos que influenciaram o estabelecimento e permanência de uma cultura oral — ocasionada pelo analfabetismo e o sistema escravocrata —, bem como a posterior introdução da imprensa e sua importância na impressão dos folhetos, assim como o papel de Leandro Gomes de Barros nesse cenário. Além disso, foi discutida a coexistência entre a tradição oral e os folhetos impressos, considerando a homogeneidade temática e estilística destes últimos, que espelhavam as realidades sociais do período.

Na seção *Folheto nordestino como literatura-jornalística*, faremos uma análise comparativa entre os atributos jornalísticos e literários presentes nos folhetos de cordel, com o propósito de investigar e compreender suas relações. Ao examinar detalhadamente esses pontos, a seção discutirá como os folhetos de cordel funcionam como um sistema de comunicação popular e mantêm características literárias. Exploraremos os porquês desses folhetos se utilizarem de elementos tanto do jornalismo quanto da literatura, sondando suas complexas inter-relações e oferecendo uma visão aprofundada sobre como elas se entrelaçam no contexto da literatura de cordel.

2 O LITERATO É JORNALISTA (VICE-VERSA)

O que serve de caminho para a poesia, transmite também a notícia da morte de uma criança sobre o asfalto. (Olinto, 1955, p. 17 – 19)

A palavra, como dito por Olinto (1955), é a matéria-prima de duas áreas que por um longo período caminharam juntas e às vezes separadas, mas, porventura, intertextualmente ligadas. Pensando nisso, esta seção as estuda, com base na Literatura Comparada, sem julgar que este seja um elo de influências¹ — influenciador e influenciado — e sim uma contínua relação entre a literatura e o jornalismo — considerando suas particularidades históricas e suas individualidades técnicas. Para isso, utilizaremos o conselho de Etiemble (1963) que recomenda analisar “a história dessas relações, devendo voltar ao passado mais antigo” (Etiemble, 1963, p. 195), a fim de entender suas similaridades e diferenças “começando com uma justaposição elementar” (Zhirmunsky, 1967, p. 199).

Além do dito anteriormente, é relevante destacar que se voltar para o percurso histórico da imprensa no Brasil — com base em Sodré (1998) e Luyten (1984) — é relevante para nossa pesquisa se considerarmos que o fenômeno estudado não se trata de um caso isolado, mas sim uma repercussão de uma sinergia antiga. Logo, afirmações como: “a Literatura de Cordel Noticiosa é um sistema paralelo e particular de jornalismo” (Luyten, 1984, p. X); “há quem afirme que os folhetos populares se enquadram muito mais dentro do jornalismo do que na literatura” (Lima, 1975, p. 29), tornam-se obsoletas quando embalam os folhetos noticiosos em caixas isoladas considerando apenas as técnicas jornalísticas utilizadas e desconsiderando fatos como: “a personalidade criativa do autor, a conexão de sua obra com a vida social que ela reflete, sua origem nacional e histórica e as adaptações ao tempo, lugar e individualidade, aos quais, tais ‘empréstimos’ necessariamente se sujeitam” (Zhirmunsky, 1967, p. 199).

Portanto, para o início da discussão organizamos o capítulo em duas seções principais: *A sinergia entre imprensa e literatura ao longo da história no Brasil*, com a gênese da imprensa no Brasil e a construção dessa interação. E *Jornalismo literário: explorando suas relações intertextuais*, com exemplos retirados dos periódicos.

¹ “Tem sido uma prática comum a interpretação do estudo de ‘literatura comparada’ em termos de ‘influências literárias’, considera-se cada semelhança mais ou menos casual entre autores ou entre suas obras como o resultado de influências literárias exteriores, venham estas do mesmo país ou de países estrangeiros” (Zhirmunsky, 1967, p. 199).

2.1 A sinergia entre imprensa e literatura ao longo da história no Brasil

À medida que o mundo conhecia a nova classe burguesa em ascendência e o desenvolvimento da sociedade capitalista, após a Revolução Francesa, no século XVIII, o Brasil estava no período escravista. Esse fato é relevante para uma contextualização comparativa, se considerarmos que nesse tempo o país desconhecia tanto a imprensa — segundo Sodré (1998), considerado mundialmente um suporte de importância significativa para a difusão ideológica e um auxílio para arte da multiplicação dos textos —, quanto a Universidade — esta restrita às elites que enviavam seus herdeiros para se formarem na Europa.

Este cenário, resultado de um molde de dominação aplicado especificamente à realidade brasileira, diferia em outras colônias. Enquanto o Brasil era parte de um dos países em que “o sistema escravocrata impedia que a maioria da população tivesse, sequer, anseios por comunicação letrada” (Luyten, 1984, p. 02), segundo Sodré (1998), o México conheceu a imprensa em 1539, Peru em 1583, as colônias inglesas em 1650, mas não por se ter um nível de “tolerância” maior; era, na verdade, um característico sintoma de “esmagamento, de destruição, da necessidade de, pelo uso de instrumentos adequados, implantar a cultura externa, justificatória do domínio, da ocupação e da exploração” (Sodré, 1998, p.14). Em síntese, nosso país foi um dos últimos a instalar sistemas de imprensa e ensino superior² (Luyten, 1984; Sodré, 1998).

O Brasil conheceu o seu protótipo — nomeado de *Imprensa Áulica* (1808 e 1820) — no século XIX, quando este ancorou junto a família real em 1808, no mesmo período em que o absolutismo entrava em fase de decomposição. Fato relevante para nossa discussão tendo em vista que suas páginas eram marcadas por notícias, escritas em narrativas crônicas tipicamente literárias, sobre a vida na Europa. E, segundo Sodré (1998), informava seus leitores sobre o “estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias, natalícios, odes e panegíricos da família reinante” (Sodré, 1998, p. 23). É explícito que seus periódicos, apesar de não serem numerosos, mas diversificados, destacavam a necessidade de recuperar os louvores para a monarquia, além de aproveitar as páginas para proclamar suas virtudes, “difundir os seus benefícios, e, principalmente, combater as ideias que lhe eram contrárias”

² “[...] outros países da América já possuíam seus sistemas de ensino superior desde 1560, como as Universidades de Santo Domingo, na ilha do mesmo nome, e a de São Marcos, Lima — Peru” (Luyten, 1984, p. 02).

Frade, que carregava com a maior promptidão, e não errava tiro, estes lhe fizerão d'entre as Vinhas hum fogo tão horrível, que elle entrou outra vez na Régou com a perda de 40 mortos, e com muitos feridos, a fóra parte das bagagens, e muitos prisioneiros. A não serem os avisos, que havia recebido, e o valor intempestivo, ainda que superior a todos os elogios d'aquelles poucos Transmnontanos, Loison se teria entranhado pelo Douro, e estava inteiramente perdido (*sic*) (Notícias [...], 1808, p. 01).

Perante o excerto, podemos perceber que a escrita de um dos primeiros jornais da época é repleto de elementos característicos da escrita literária crônica, como: a descrição detalhada dos eventos e a escolha de palavras para descrever ações — “continuou a sua jornada”, “que carregava com a maior promptidão” — e emoções dos envolvidos. Em resumo, a sua redação preocupava-se mais com o registro de um informativo detalhado, cronológico, altamente descritivo, do que em prender a atenção de seus leitores com uma escrita concisa e objetiva, o foco atualmente.

Após a publicação de um dos primeiros jornais impressos, a *Imprensa Áulica* estava com seus dias contados, pois o seu percurso não foi linear e sim uma sequência de altos e baixos. Em suma, a *Imprensa Áulica*, nos moldes citados anteriormente, ancorou no Brasil em 1808 e manteve sua importância até os prelúdios de 1820 (Independência do Brasil), em que, simultaneamente, crescia a nova e ousada *Imprensa política* (carregada de discursos liberais, como o *Sentinela da Liberdade*) que tomava seu lugar e se manteria até 1840 (Golpe da maioria de Dom Pedro II). No entanto, com o declínio dessa nova forma de imprensa e uma tentativa de restaurar a *Imprensa Áulica*, nasceu um formato homogêneo de ambas.

Os anos que sucederam 1840 foram caracterizados por uma notável transição, representando o ponto de mudança entre “o reinado do publicista e a república dos homens de letras” (Costa, 2005, p. 10). Conforme destacado por Sodré (1998), este período foi marcado por uma homogeneidade entre os dois tipos de imprensas⁵, onde o jornalismo servia de ponte para a literatura, que por sua vez se entrelaçava com a esfera política. Uma simbiose constante entre as quatro qualidades, como destacado por Sodré: “o literato é jornalista, é orador, e é político” (Sodré, 1998, p. 212). Em síntese, a presença literária nesse momento histórico foi tão penetrante que uma análise detalhada dos periódicos da época permitiria construir de maneira precisa o panorama do romantismo brasileiro.

⁵ O jornalismo literário desenvolve-se na Europa com os escritores assumindo funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetim. Na imprensa, eles melhoraram a qualidade do texto, levando os jornais a aumentarem as tiragens e criando um público para a literatura (Ferreira, 1990, p. 13).

2.2 Jornalismo literário: explorando as relações intertextuais

Marcado pela mudança no papel social do escritor, o final do século XIX trouxe essa nova empreitada profissional — o jornalismo — que teria “um efeito libertador, oferecendo a jovens sem diploma ou renda a possibilidade de viver de seu próprio trabalho intelectual” (Costa, 2005, p. 10). Um trabalho que se tornou um meio para que “qualquer um” pudesse chegar a seu fim literário e garantir a notoriedade do homem de letras, esta que só cresceu ao longo dos anos, visto que “políticos, militares, médicos, advogados, engenheiros, [...], ou simplesmente funcionários públicos, todos, buscavam na criação poética ou ficcional o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes dar” (Costa, 2005, p. 20-21).

Esse período deu início ao que chamaremos de *jornalismo literário* — nomenclatura utilizada por Ferreira (1990) — que resume o período em discussão. No entanto, é relevante destacar que apesar da terminologia sugestiva, *jornalismo literário* não se refere a uma imprensa plenamente literária — como o fenômeno ocorrido no início do século XVIII nomeado de *Imprensa Áulica*. Esse momento, na verdade, marcou a presença “maciça de escritores na imprensa, o que a transformou em um tipo de jornalismo mais “informativo e atrativo” (Ferreira, 1990, p. 04).

Conforme a lista organizada por Costa (2005), com enfoque nos que foram efetivamente jornalistas-escritores e não só colaboradores, a primeira geração (1840-1910) era composta pelos nomes mais aclamados da literatura brasileira, dentre eles destacamos: Manuel Antônio de Almeida, José Martiniano de Alencar, Machado de Assis e Lima Barreto. A segunda (1920 e 1950) era formada, principalmente, por: Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Erico Verissimo. E a terceira (1960-1980), por: Antonio Callado, Antônio Torres, Caio Fernando Abreu, Carlos Heitor Cony, Carlinhos Oliveira, Ferreira Gullar, Ivan Ângelo, João Antônio, José Louzeiro, Otto Lara Resende, Paulo Francis. E após a terceira geração (1980-2004) é possível verificar um declínio do *jornalismo literário*, devido a uma separação “radical das técnicas literárias e jornalísticas que culminou com a importação do modelo americano de objetividade. [...] com as novas regras, que proibiam os pontos de exclamação, as reticências e os adjetivos” (Costa, 2005, p. 12).

A título de curiosidade, destacaremos a primeira aparição da geração inicial dos jornalistas-escritores nos periódicos impressos. Lembramos, primeiramente, de um dos nomes

mais importantes da primeira geração do romantismo, o médico e professor: Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) redator do *Correio Mercantil e, Instructivo, Político, Universal*, onde publicou em folhetins sem autoria (e sem pseudônimos) a sua obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, “um romance de costumes [...], sem nenhuma pretensão literária” (Sodré, 1998, p. 218), que em 1855 ganharia uma versão em livro que manteria seu anonimato através da assinatura “Um brasileiro”⁶. Vejamos em seguida a primeira publicação literária de Manuel Antônio de Almeida:

Ilustração 2 – Folhetim de *Memórias de um sargento de milícias*



Fonte: Biblioteca Nacional, *Correio Mercantil e Instructivo, Político, Universal*, n.º 185 e 212 (1852-1853).

Em 1854, a convite de seu antigo amigo da Faculdade de Direito de São Paulo, ingressou no jornal *Correio Mercantil* José Martiniano de Alencar (1829-1877), onde escrevia seções forenses “com muita segurança e método” (Sodré, 1998, p. 219). No mesmo jornal, iniciou sua escrita através das crônicas que saíam aos domingos no periódico, “passando em revista os acontecimentos da semana” (Sodré, 1998, p. 219), que conseqüentemente resultou em um reflexo minucioso das mudanças na sociedade e, posteriormente, essas crônicas no jornal iriam compor a obra *Ao Correr da Pena*.

⁶ Contrariando a ideia comumente difundida, Manuel Antônio de Almeida não utilizou o pseudônimo “Um brasileiro” em seus folhetins, como destacado por Sodré (1998), ele os manteve em anonimato e sem autoria. Em suma, a famosa assinatura apareceu mais tarde na publicação de sua obra em livro, no ano de 1855.

Os costumes mudavam, rapidamente. As crônicas de Alencar refletem essas mudanças: o interesse, por vezes apaixonado, pelo teatro, espetáculos como o da oratória sagrada de Mont’Alverne — de tantos toques profanos, aliás — a nova dança, a guerra da Criméia, as festas populares, como o carnaval, as sociedades por ações, que davam toque de escândalo aos negócios parcos e morigerados até aí vigentes. O folhetim espelhava os acontecimentos: inauguração das corridas de cavalos, os partidos que se formavam após as récitas do teatro lírico, chegando ao choque entre os seus componentes, o aparecimento das máquinas de costura Alencar era contra elas: matariam a poesia do trabalho caseiro. (Sodré, 1998, p. 219, grifo nosso)

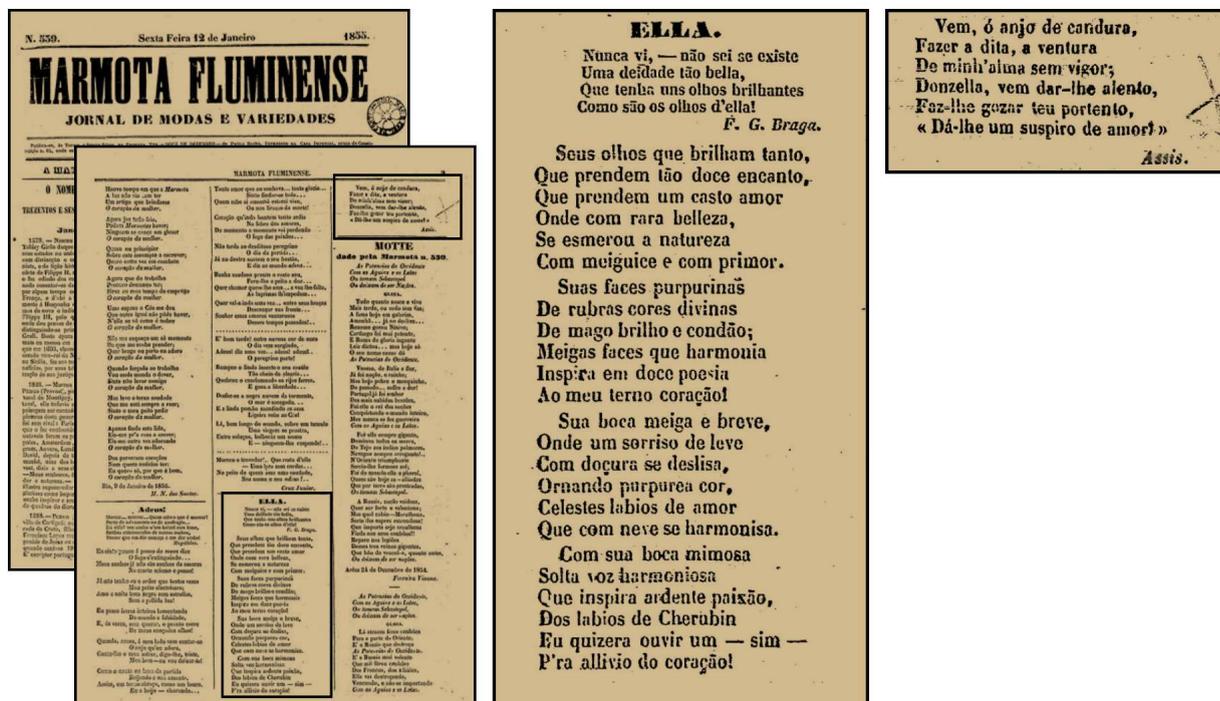
No mesmo jornal, acolhido por Manuel Antônio de Almeida, em 1859, aos 20 anos, o escritor Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), o maior nome da literatura brasileira, exerceu o trabalho de revisor. E, em 1860, aos 21 anos, ingressou no periódico *Diário do Rio de Janeiro*, onde desempenhou a função de redator: “Nesse anno entrara eu para a imprensa [...] no mesmo anno, abertas as camaras, fui para o Senado, como redactor do *Diario do Rio*” (Assis, 1898, p. 257). Ele foi responsável por escrever⁷ “sôbre o espetáculo do Senado, que vira com os *olhos atentos de jovem repórter*.” (Sodré, 1998, p. 224, grifo nosso). Todavia, seu contato com a imprensa iniciou anos antes, “órfão aos 12 anos [...] pela necessidade de ganhar a vida” (Sodré, 1998, p. 222) foi recebido por Francisco de Paula Brito⁸ no jornal *Marmota Fluminense*, cujas últimas páginas eram majoritariamente compostas por diversos tipos de poemas, onde publicou aos 15 anos o seu poema *Ella* (1855)⁹, assinando como “Assis”. Desde uma de suas primeiras publicação deu início a uma sequência de versos, comédias e a novela *Madalena*. Em 1860 foi oficialmente incluído no jornal: “Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que o Sur. — Machado de Assis — faz hoje parte da collaboração da *Marmota*” (*sic*) (Declaração, 1860, p. 01).

⁷ É relevante evidenciar que não encontramos no jornal *Diário do Rio de Janeiro* os textos de Machado de Assis sobre o senado no ano de 1860, como destaca Sodré (1998) e o próprio Machado (1898) em “O velho senado”. No entanto, encontramos, com base nos pseudônimos destacados por Silva (2005) uma seção intitulada “Comentários da semana”, escrita por Machado sob a assinatura “Gil”, que destaca assuntos variados e dentre eles encontramos temas do interesse do senado: “Vagou uma cadeira no senado. É a que pertenceu ao eleito por Mato-Grosso João Antonio de Miranda, que acaba de fallecer, levando comsigo a experiencia e o conhecimento do egoísmo de um partido político” (Comentários [...], 1861, n.º 307, p.1).

⁸ “Era êste, sem dúvida, figura singularíssima. Mulato, homem do povo, começara como tipógrafo em 1829. [...] Comprou, então, a *Marmota*, em que divulgou os trabalhos dos escritores jovens. Torna-se-ia um dos primeiros abolicionistas e teria longa vida, morrendo em 1931. Paula Brito traduzia as fábulas de Esopo e escrevia também peças teatrais, dramas e comédias. [...] trouxe para o Rio Texera e Sousa, marceneiro esquecido em Cabo Frio, estimulando-o a escrever romances para a *Marmota*; *acolheu e protegeu Machado de Assis*”. (*sic*) (Sodré, 1998, p. 222-223, grifo nosso) Faleceu em extrema pobreza.

⁹ Não afirmamos que este seja o primeiro poema de Machado, por considerar que ainda é um mistério a ser (re) descoberto. No entanto, devido às falsas informações online, é relevante lembrar que “O Grito do Ypiranga” (1856), publicado no *Correio Mercantil*, e (re) descoberto por Wilton José Marques (2022), foi o primeiro que o autor assinou com seu nome completo — Joaquim Maria Machado de Assis — deixando de lado a abreviação “J. M. M. Assis” — esta que aparece no *Periodico dos pobres* em seu soneto de (1854) — ou “Assis” como assinava em suas produções no jornal *Marmota Fluminense*.

Ilustração 3 – Poema Ella, de Machado de Assis



Fonte: Biblioteca Nacional, Marmota Fluminense, n.º 553 (1855).

Às portas da segunda geração de escritores-jornalistas surgia Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), com a vida dividida entre a personalidade jornalística e literária. No *Correio da Manhã* Lima Barreto “inicia sua vida de jornalista profissional” (Alves, 2007, p. 62). Identificamos haver um registro sutil de suas produções literárias que, possivelmente, foram escritas com um de seus pseudônimos: “[...] resolvemos depois de amadurecido exame suffragar e apresentar ao suffragio de todos os patriotas ainda não inteiramente scepticos o nome do *notavel chronista* - A. de Lima Barreto (*sic*) (Telegramas, 1901, p. 01, grifo nosso). No mesmo periódico o autor escreveu, em 1905, uma cobertura minuciosa de artigos sobre a demolição do Morro do Castelo intitulados de “O subterrâneo do Morro do Castelo”. Todavia, anos mais tarde seu nome foi retirado das páginas devido à publicação de “Recordações do escrivão Isaías Caminha” (1905), que “descrevia em detalhes nada edificantes os bastidores da redação do jornal e as armações de seu dono, Edmundo Bittencourt” (Costa, 2005, p. 48).

Na época, quando surgia um novo trabalho, um novo autor, era uma festa “que celebra-se na imprensa com luminárias e fogos de vistas. Rufam todos os tambores do jornalismo, e a literatura forma parada e apresenta armas ao gênio triunfante que sobe ao

Panteão” (Alencar, 1893, p. 16). Evidenciaremos a seguir as produções literárias — Folhetins, Crônicas e Poemas — nos periódicos e como elas estavam aliadas ao contexto social da época, mas, em síntese, “Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa” (Sodré, 1998, p. 22).

2.2.1 Folhetins

Os folhetins foram um fenômeno universal que iniciou na Europa, mais precisamente na França, em 1836, a partir do século XIX, — “de lá espalhou-se pelo mundo” (Meyer, 1996, p. 57) — devido “à ascensão das massas urbanizadas à alfabetização” (Ferreira, 1992, p. 20), acompanhada do aumento do número de leitores. E, uma vez que os jornais já ocupavam um espaço importante na sociedade e os livros, ainda voltados às classes mais altas, permaneciam inacessíveis aos assalariados, a solução estava na publicação periódica de capítulos dos romances na seção: *Feuilleton* — este que além de um espaço no rodapé dos periódicos tornou-se um gênero textual. Conforme Ferreira (1992) o jornal francês *La Presse*, cujo editor era Émile Girardin, foi o melhor a combinar a diminuição dos gastos editoriais com a inserção dos anúncios e o aumento dos leitores com a inclusão de textos literários, que “quase todos os escritores do século XIX vão escrever” (Ferreira, 1992, p. 20), dentre estes evidenciamos Visconde Charles de Delaunay pseudônimo da escritora francesa Delphine Gay que escreveu para o jornal no período de 1836 a 1848.

Ilustração 4 – A aparição dos folhetins no periódico francês *La Presse*



Fonte: Biblioteca Nacional da França, *La Presse*, n.º 123 (1882)

Nesse período, a imprensa brasileira passava por mudanças significativas, principalmente, com a inclusão de um formato multimodal e o surgimento de escritores literários devido ao convívio com a imprensa. Fenômeno esse que foi mais intenso no Brasil do que na Europa, considerando que no país, praticamente, “não existiam editoras de livros” (Ferreira, 1992, p. 20) e a forma mais rápida de conseguir a publicação de obras literárias era através dos jornais, que além de ser uma forma rápida não exigia a obra completa. E um exemplo desse acordo apareceu na publicação de *Memórias de um Sargento de Milícias*, “entregou-nos o Sr. Gregorio uma carta, e dentro della encontramos a continuação das — Memórias de um Sargento de Milícias — Diz-nos o correspondente que *já tem escrito nove capítulos* e que se Deus lhe der vida e paciência, irá ainda mais longe [...]” (*sic*) (Pacotilha, 1852, p. 1, grifo nosso).

O primeiro periódico brasileiro a adotar o molde francês com a inclusão de literatura nas notas de rodapé foi *O Chronista* ao substituir *Folha Crítica* por *Folha Literária* no dia 12 de outubro de 1836. Todavia, foi em 1838 que, utilizando do formato “*à la Français*”, o *Jornal do Commercio* ao invés de criar um nome traduziu literalmente *Feuilleton* que significa “série”, para: Folhetim. E esta escolha de nomenclatura, trouxe um certo desconforto aos leitores do primogênito, que enviaram uma correspondência sob o título “Carta que os redactores do Chronista enviou o seu bom amigo Y”, que após o elogio — “O jornal do Commercio tem a primazia entre os periódicos da côrte pela beleza da impressão” (Rio [...], 1838, p. 4) — faz o seguinte apontamento:

Ultimamente adptou o uso dos periodicos francezes, publicando o que n'aqueles apparece estampado com o título de feuilleton, palavra que elle traduziu, em odio ao Chronista, por folhetim: que importa porém a diferença de nome? Si tal uso é um melhoramento, O Chronista foi o primeiro periodico brasileiro que adoptou esse melhoramento (*sic*) (Rio [...], 1838, p. 4).

As características dos folhetins baseavam-se, principalmente, nesse formato de publicação dos jornais franceses, com romances ou contos adaptados aos pequenos cortes, “suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando” (Meyer, 1996, p. 59), além de uma linguagem acessível e personagens que poderiam pertencer a qualquer uma das classes sociais, capaz de envolver o mais variado público.

Os folhetins tiveram grande importância nesse período em que o jornalismo era intensamente literário. Foi através deles que grandes nomes da literatura brasileira foram consagrados através de suas obras, dentre elas destacamos a primeira geração: *Memórias de*

um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *O Guarani*, de José de Alencar e *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Segundo Ferreira (1992) o fim do período do jornalismo literário foi em 1907 — a morte de Machado de Assis —, no entanto, mesmo com a baixa dos folhetins, a literatura permaneceu nos periódicos por um bom tempo, com outros nomes e outros rostos.

2.2.2 Crônicas

Paralela à inserção do folhetim nos jornais, a crônica é um gênero antigo implementado na imprensa no século XIX que preencheria “o espaço anteriormente ocupado pelo folhetim” (Neves, 1992, p. 77). Há quem ouse dizer que é descendente do folhetim, este que “foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. [...] entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho até chegar” (Candido, 1992, p. 15) em seu formato de crônica. Todavia, não consideramos que ela seja uma “sobra” dos folhetins, tendo em vista que a escrita em formato cronológico sempre esteve presente nas notícias dos primeiros jornais, como evidenciamos anteriormente (Ilustração 1). Porém, foi somente a partir de sua inclusão na seção “folhetins” que chegou a conquistar a atenção dos leitores da época por expor literariamente a vida na cidade com narrativas do cotidiano e imagens de um tempo social, construídas pelo/pela cronista, que “passará a limpo os principais acontecimentos da semana, as tardes no Jockey Club, as apresentações no teatro lírico. [...] que caminha pela cidade, ao ar livre, que desfila pelos lugares mundanos, observando o movimento das pessoas, da natureza” (Ferreira, 1992, p. 28).

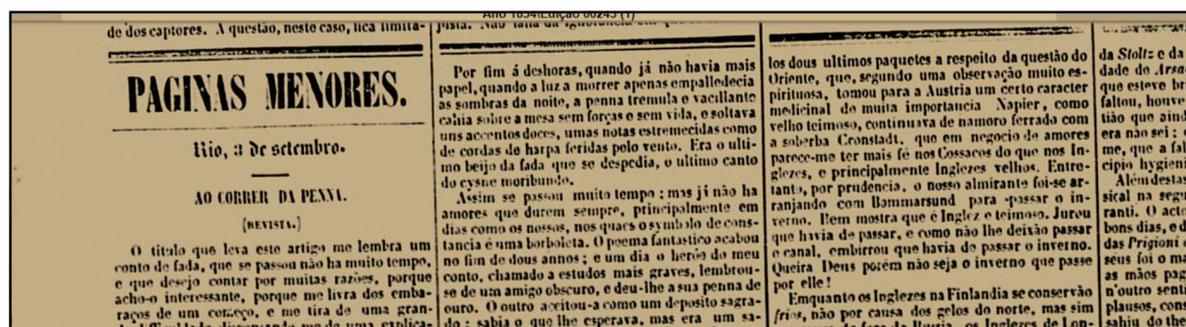
Suas especificidades estão, justamente, nesse contexto diário e não propositalmente no registo de um período, visto que “pela própria etimologia — *chronus*/crônica —, é um gênero colado ao tempo” (Neves, 1992, p. 82). E foi a sua roupagem jornalística de entregar as novidades para o leitor que manteve sua fama por um bom tempo, pois ao invés de um simples registro noticioso no jornal, o cronista entregava a sua interpretação e uma recriação do real cheia de impressões e confissões pessoais, e ao invés de oferecer “um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (Candido, 1992, p. 14).

Uma das primeiras aparições do gênero como destaque, em vez dos longos romances fatiados, foi no jornal *Correio Mercantil e, Instructivo, Político, Universal* na seção semanal que mantinha o título de *Páginas Menores*, considerando sua posição de destaque nas

notas de rodapé do periódico. E foram nas páginas de domingo, no dia 5 de setembro de 1854, que José de Alencar foi anunciado como atual encarregado da seção — “O Sr. Dr. J. de Alencar encarregou-se da revista hebdomadaria das Paginas Menores.” (*sic*) (Rio [...], 1854, p. 1) —, que ele deu o título de *Ao correr da pena*, a fim de poupar-lhe dos inícios e das explicações, como ele mesmo esclarece na publicação inaugural:

O título que leva este artigo me lembra um conto de fada, que se passou não há muito tempo, e que desejo contar por muitas razões, porque acho-o interessante, porque me livra dos embaraços de um começo, e me tira de uma grande dificuldade, dispensando-me de uma explicação, que de qualquer modo sou obrigado a fazer. Há de haver muita gente que não acreditará no meu conto fantástico, mas isto me é indiferente, convencido como estou de que aquilo que se escreve ao correr da pena, deve ser lido ao correr dos olhos. (Rio [...], 1854, p. 1)

Ilustração 5 – Ao correr da pena



Fonte: Biblioteca Nacional, Correio Mercantil e, Instructivo, Político, Universal, n.º 243 (1854).

As crônicas foram inseridas nos jornais ainda na primeira geração (1840-1910) de jornalistas-escritores, no entanto, foi com a baixa dos folhetins — os romances fatiados e não a seção — entre meados do século XIX e início do século XX que as crônicas conquistaram seu espaço. Em suma, seu sucesso foi devido ao seu formato efêmero — “uma vez que é filha do jornal e da era da máquina onde tudo acaba tão depressa” (Candido, 1992, p. 14) — e considerando que seu auge foi no período da industrialização e da mercantilização da imprensa¹⁰ ela não foi feita para ser um livro, mas para a publicação diária “que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (Candido, 1992, p. 14).

É este caráter passageiro que consegue transformar a literatura em algo pessoal e quando ela passa do jornal para o livro conseguimos verificar “meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela pensava” (Candido, 1992, p. 15). E a segunda geração

¹⁰ Antes desse período os jornais viviam de anúncios e de assinaturas estipuladas, pois não havia venda avulsa. Somente em torno de 1876, com a industrialização e a mercantilização da imprensa, que começaram a aparecer os jornaleiros, as bancas e o número avulso que custava 200 réis. (Sodré, 1998)

(1920 e 1950) foi a que melhor aproveitou-se dessas especificidades — contando até com um escritor cronista nato: Rubem Braga — para mediar um diálogo rápido e certo com seus leitores, conectando a literatura com a capacidade de registro temporal do mundo e dos homens, mas não com a perspectiva “dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão” (Candido, 1992, p. 14).

2.2.3 Poemas

Como observado anteriormente — com a publicação do poema *Ella* de Machado de Assis —, além dos folhetins romanescos e das crônicas, os poemas também faziam presença nas páginas dos periódicos, dentro ou fora da seção *Folhetim*. E, bem como os romances seriados e as crônicas, os poemas estavam interligados aos costumes e atualidades da época e foram participantes ativos no período do jornalismo literário, considerando que houve uma crescente necessidade do aparecimento de escritor socialmente engajado quando o nacionalismo e os costumes tornaram-se “grandes pretextos, funcionando como justificativa da atividade criadora” (Candido, 2006, p. 89).

O período do jornalismo-literário foi tão intenso que apesar de ter uma seção dedicada às obras, dos mais variados gêneros literários, havia outro tipo de seção que podemos encontrar essas produções: as *publicações a pedido*. Nesta seção conseguimos sentir o alcance da literatura, por haver nela análises pessoais, reclamações e cobranças a respeito da publicação dos folhetins atrasados. Nela encontramos desde cartas com desabafos, acompanhamento de votações políticas a contos e poemas diversos, tudo isso enviado por correspondência para ser publicado e apreciado pelos leitores do periódico:

Em todos os tempos a poesia tem sido estimada dos homens, e na actualidade não deve ser ella esquecida pela política, principalmente a poesia nacional, quan cadente e expressiva como a de um poema projectado O Ganhador, ela é cheia de força e persuasiva, digna portanto de ser apreciada pelos entendedores (*sic*) (Publicações [...], 1848, p. 3).

Os leitores, influenciados “pelo fato da literatura brasileira ser então encarada como algo a criar-se voluntariamente” (Candido, 2006, p. 89), criavam poemas sobre qualquer temática — declarações românticas, críticas políticas, ironias e até notícias —, mesmo que as mais populares fossem os poemas nacionalistas, produzidos quase que como uma necessidade de suprir um arquétipo nacional, basicamente “a melancolia, a nostalgia, o amor da terra foram tidos como próprios do brasileiro; foram considerados nacionais a seu

modo, de valor quase cívico, e frequentemente inseparáveis do patriotismo (Candido, 2006, p. 90). Dentre as temáticas, o conteúdo político foi o mais presente, pois reforçava os debates reportados nos periódicos, a título de exemplo, citamos o jornal abolicionista *Libertador: Orgão da Sociedade Cearense Libertadora*, que possuía uma seção intitulada de *Literatura*, na qual se publicavam poemas sobre a temática defendida, afinal: “elle aceita qualquer publicação concebida nos termos do seu programa” (Literatura, 1881, p. 1).

[...] Sois poucos, mas resolutos
 Cheios de crença e valor,
 São nobres vossos esforços
 E nobre mais vosso amor;
 Amor à causa sublime
 Daquelles quem opprime
 O estigma da escravidão
 A' quem só coube por sorte
 Miséria e dor fê que a morte
 Os livra a degradação

Avante, pois, que este seculo
 É o seculo da grande acção,
 Repugna a luz do progresso
 A idéa de escravidão;
 Bem firme no vosso posto
 Oh! nunca volteis o rosto
 Aos inimigos da luz
 Si vos é dura a provança
 Tende no ceu confiança
 Que a gloria ao fim conduz.

A patria de tantas glorias
 Que viu-nos livres nascer,
 Embora lh'embarquem a marcha
 Não pôde escravos conter;
 É tempo que a liberdade
 Aos brados da mocidade
 Erga os brios da nação,
 Que igualados os direitos
 Batidos os preconceitos
 Seja o escravo um cidadão.

Eia, moços, attonita
 Vos contempla a multidão,
 Vinde aqui lanças as bases
 Da mais santa instituição;
 Cheios de nobr coragem
 Deixais na vossa passagem
 Um sulco immenso de luz,
 Luz que derrama victorias,
 Que ilustra ainda mais as glorias
 Da terra da Santa Cruz

Seja-vos, pois, a constancia
 Companheira de labor,
 Não teman agres trabalhos
 Quem sabe lutar com ardor:
 Avabte, que a vossa idéia

Resume a grande epopeia
 Que ha de um povo remir,
 Pois já com fé verdadeira
 Gravaes em vossa bandeira
 — Perseverança e porvir!—

Antonio Bezerra

(Literatura, 1881, p. 7)

Dentre as mais variadas aparições de poemas nos periódicos, evidenciamos a presença do cordel noticioso, tendo em vista que essa é uma das constatações de seu pertencimento no fenômeno do jornalismo-literário, pois se deslocou dos folhetos para apresentar-se nos jornais. Ressaltamos, portanto, o poeta alagoano Toni de Lima (1944-2020), que em meio aos poetas convidados a alugarem suas penas, ele foi um dos que atuaram efetivamente no papel de jornalista-escritor, chegou até a “conseguir registro profissional de jornalista (Luyten, 1984, p. 172), para atuar na profissão não só como colunista de esportes, como também em relatos sociais. A título de exemplo, evidenciamos a coluna *O Cordel no cotidiano*, do jornal *A Região*, de Osasco, onde ele publicou seu folheto nomeado de *A inflação permanece* (1980), uma crítica política e social, foco do nosso estudo:

A INFLAÇÃO PERMANECE

É horrível a carestia
 Ninguém mais pode viver
 Pobre que ganha salário
 De fome tem que morrer
 Sobe arroz, sobe feijão
 Prevalece a inflação
 Ninguém mais pode comer

Sobe o preço do tomate,
 Do alface e do agrião;
 Sobe o preço da batata,
 Do fuba, do macarrão.
 Tudo, tudo está subindo
 E à gente se consumindo,
 Nesta maldita inflação.

(Luyten, 1984, p. 176 *apud* Lima, 1980, s.p).

O cordel de Toni de Lima está inserido em um contexto específico em que “a inflação do Brasil chegou ao patamar histórico e, até então recorde, de 100%” (Lacerda, 2022, s.p) que marcou o pico da carestia vivida pelos brasileiros, evidenciada por “revoltas, saques, aumento da mortalidade infantil e da desnutrição da população em geral, potencialização da fome, da desigualdade” (Lacerda, 2022, s.p). No poema, o cordelista escâncara a realidade social da época através de versos como “Ninguém mais pode viver, Pobre que ganha salário, De fome tem que morrer” (Lima, 1980, s.p). Para enfatizar a situação, conduz seu poema em torno da temática “inflação” explorando o uso da anáfora a fim de revelar ao público a recorrente oscilação dos preços dos produtos. Esse trecho, publicado em periódico, remete à tradição literária dos folhetos nordestinos que cogitamos analisar, com foco naqueles que integraram o sistema de comunicação popular, atuando como literatura-jornalística.

3 FOLHETO NORDESTINO: ORIGENS E TRANSFORMAÇÕES

Cordel quer dizer Barbante
 Ou senão mesmo Cordão,
 Mas Cordel-Literatura
 É a real expressão
 Como fonte de Cultura
 Ou melhor: poesia pura
 Dos Poetas do sertão.
 (Cavalcante, 1984, p. 1)

Folheto, romance, abecê, cordel, vários nomes e uma só intenção: evocar a alma de um povo como sua inspiração (Maxado, 1982). Todavia, antes de iniciarmos a discussão desta seção é relevante destacar que optaremos pela nomenclatura “folheto” e “cordel”, mesmo que o termo “Literatura de Cordel” remeta a uma nomenclatura específica da realidade lusitana, alinhada a sua forma de venda: “Segundo está no papel, a resposta original é porque são pendurados em cordões ou em varal. Daí, o nome CORDEL, origem Portugal” (Maxado, 1980, p. 4). Essa terminologia que conhecemos e usamos atualmente, foi adotada por estudiosos, na década de 1970, com base em afirmações anteriores que consideravam que a “litteratura ambulante e de cordel no Brazil é a mesma de Portugal” (*sic*) (Romero, 1888, p. 342); no entanto, apesar dos equívocos os poetas “influenciados pelo contato com os críticos, [...] começam a utilizar tal denominação” (Abreu, 2006, p. 18)¹¹. Portanto, seguiremos com a utilização, pois o intuito desta seção é descrever o percurso histórico do folheto nordestino, considerando a transição de um sistema de comunicação oral para o escrito e seu vínculo com o realismo social, sem a inclusão da trajetória histórica do cordel lusitano, a qual exigiria uma diferenciação terminológica, como fez Márcia Abreu (2006) em *História de cordéis e folhetos*.

Portanto, para o desdobrar da discussão sobre o percurso histórico do cordel nordestino organizamos o capítulo em três seções principais: *Cultura oral e narrativas populares*; *Chegada da imprensa e a popularização dos folhetos* e *A cultura popular e o ciclo político e social nos folhetos*.

¹¹ É importante trazer à tona essas questões considerando que a adoção da terminologia “Literatura de Cordel” não era cabível na realidade brasileira, pois ao contrário de Portugal os folhetos não eram expostos em barbantes e essa escolha considerou apenas o seu formato semelhante. É relevante lembrar que essa “fórmula editorial não é uma criação portuguesa, já que se encontram publicações similares em quase todos os países europeus — basta que se pense nos *chapbooks* ingleses, na *littérature de colportage* francesa, nos *pliegos sueltos* espanhóis, etc” (Abreu, 2006, p. 23). E, basicamente, no contexto português, o termo foi decidido considerando que a forma de venda era a única ligação entre os cordéis lusitanos, visto que, contrário aos folhetos nordestinos, eles não tinham regras ou qualquer constância, “a literatura de cordel abarca autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias... além de poder ser escrita em prosa, em verso ou sob a forma de peça de teatral” (Abreu, 2006, p. 21).

3.1 Cultura oral e narrativas populares

A predominância da comunicação oral como um padrão cultural foi um dos reflexos da colonização portuguesa. Devemos (re) lembrar que o próprio país colonizador “detinha um dos maiores índices de analfabetismo da Europa, já quase nada se podia esperar no que se refere à dinamização de sistemas de divulgação cultural no Brasil” (Luyten, 1984, p. 2) e o sistema escravocrata empregado era incumbido de dificultar que a maioria da população tivesse “sequer, anseios por uma comunicação letrada” (Luyten, 1984, p. 2). Esses fatores foram o suficiente para atrasar não só a chegada das Universidades¹² no país, como também retardar a instalação da imprensa (Sodré, 1998; Luyten, 1984). Esta que foi instalada apenas no século XIX sob proteção oficial, nos porões do príncipe regente D. João Antônio de Araújo, administrada por um grupo responsável por “examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes” (Sodré, 1998, p. 23). Basicamente, nada se imprimia sem a autorização dos censores reais — frei Antônio de Arrábida, o padre João Manzoni, Carvalho e Melo e José da Silva Lisboa.

Em compensação, nos meios populares, foi sendo enraizada a cultura oral e auditiva, dispensando o intermédio da página impressa, que acabou por formar escritores, em prosa e verso, que representavam “um leitor que ouve o som da sua voz brotar a cada passo por entre as linhas” (Candido, 1992, p. 90), em suma, esses elementos da comunicação escrita existentes viviam em função dos orais pré-moldados (Luyten, 1984). A tradição oral, que precedeu a escrita, foi algo característico de muitos povos nos quais a cultura escrita não era dominante: “Índios, negros e portugueses contavam histórias e faziam jogos verbais oralmente” (Abreu, 2006, p. 73) e essa prática se espalhou pelo país, mantendo as especificidades de cada região. No Nordeste predominaram as cantorias — a possível gênese do cordel nordestino — que traziam para o povo os romances poéticos e as pelejas, manifestando-se nesse espaço oral muito antes que a impressão fosse possível (Abreu, 2006).

Conforme Abreu (2006), não há registros desses momentos nos primeiros séculos da história do Brasil, mas sabe-se que foi na serra do Teixeira¹³, na Paraíba, que surgiram

¹² “Em 7 de setembro de 1920, por meio do Decreto n.º 14.343, o governo federal criou sua primeira universidade: a Universidade do Rio de Janeiro (URJ). Foi longa a trajetória para a criação de universidades no país: diferentemente de outras áreas coloniais, no Brasil, universidades e cursos superiores eram proibidos por lei e os filhos das elites colonial e imperial se dirigiam às universidades europeias, principalmente a de Coimbra, para concluir os estudos em Direito e Medicina” (Oliveira, s.a., s.p.).

¹³ Vale ressaltar que o nome da cidade “Teixeira” é frequentemente apresentado de forma estilizada como “Texeira” nos folhetos abordados nesta pesquisa. Essa variação ortográfica, que reflete a rica diversidade linguística e cultural presente na produção literária nordestina, é característica de uma literatura cuja gênese

alguns dos nomes mais importantes do século XIX: Nicandro e Hugolino, “Romualdo da Costa Manduri, Bernardo Nogueira, Germano da Lagoa, Francisco Romano, Silvino Pirauá” (Abreu, 2006, p. 74), conhecidos como “grupo do Texeira” e foram os primeiros compositores que se conhece popularmente. Todavia, as manifestações da cultura oral dos cancioneiros não se restringia a serra do Texeira, dentre outros, citamos: Inácio da Catingueira, Preto Limão, Manoel Caetano, Neco Martins, Manoel Carneiro, João Benedito, João Melchiades, Manoel Cabeceira. Em síntese, foram essas vozes, as responsáveis por disseminar ainda mais a tradição de disputas e narrativas orais através de apresentações “nas casas-grandes das fazendas ou em residências urbanas, em festejos privados ou em grandes festas públicas e feiras” (Abreu, 2006, p. 75).

ORIGEM DA LITERATURA DE CORDEL E EXPRESSÃO DE CULTURA DO NOSSO PAÍS

Os primeiros repentistas
Residiam no Texeira
Cidade da Paraíba
Como Inácio Catingueira
Hogolino e outros mais
Nossos primeiros jograis
Na viola tinideira.

Fabiano das Queimadas
Do tempo da escravidão
E Romano da Mãe D'Água,
O negro Preto Limão,
Depois Antonio Marinho
E o célebre Canhotinho
Ídolos da multidão.

[...]

No início os Cantadores
Cantavam com seu Pandeiro
Com triângulo, com Rabeca
No Nordeste brasileiro,
As fazendas se alegravam
E os ouvintes deliravam
Nos Salões e no Terreiro

Os Coronéis das Fazendas
Convidavam moradores
Pra assistirem as Pelejas
Dos famosos Cantadores,
Eram os grandes Desafios
Dos Repentistas bravios
De versos mais multicores

Naquele tempo os Poetas
Não usavam profissão

Embora que fossem pagos
 No calor da discussão
 Do dinheiro que ganhavam
 Sua alforria compravam
 Saindo da escravidão
 (Cavalcante, 1984, p. 4-5).

Dentre os poetas citados, gostaríamos de destacar Inácio da Catingueira, pois o poeta repentista paraibano, escravo “nasceu, escravo morreu. Ainda assim, sobreviveu. Seu gênio o traria até nossos dias como um dos maiores cantadores de seu tempo, se não o maior” (Lima, 2022, p. 103, *apud*, Lessa, 1982, p.1). Não tinha sobrenome por ser filho de pai desconhecido, mas como nasceu — em 31 de julho de 1845 — filho de Catarina e da cidade de Catingueira adotou o sobrenome. Conforme Lima (2020), as cantigas e repentes de Inácio foram espalhados “de boca em boca”, seu público e seus discípulos “como o cantador Silvino Pirauá de Lima, se encarregaram de guardar os manuscritos e passar adiante suas composições” (Lima, 2020, p. 103). Dentre suas apresentações, a mais conhecida foi contra Romano da Mãe D’Água, que aconteceu em 1879 na cidade de Patos–PB, mais especificamente na “casa do mercado” (Batista, 1929, p. 50). O desafio foi considerado um “duelo de titãs”, que “durou oito dias e oito noites, com alguns descansos de quinze minutos e meia-hora, no máximo um cochilo de sessenta minutos” (A ciência [...], 1980, p. 33). No início do século XX foi reproduzida e publicada em formato de folheto por Silvino de Pirauá de Lima e em 1937 ganhou um ensaio de aniversário de 60 anos no jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, escrito por Graciliano Ramos¹⁴. E a fim de mostrar como eram essas pelepas, selecionamos a mais famosa delas, cujo conteúdo remete os tempos de escravidão.

PRIMEIRA PELEJA DE ROMANO DO TEXEIRA COM INÁCIO DA CATINGUEIRA

I.Senhores que aqui estão
 me tire de um engano
 me aponte com os dedos
 que é Francisco Romano
 pois venho no piso dele
 já não sei, a quanto Zano

R. Inácio vinheste a Patos
 procurando quem te forra
 volte para casa negro
 aqui ninguém te socorre
 que caíndo em minhas unhas
 apanha, diserta, ou morre.

¹⁴ “Inácio da Catingueira, que homem! Foi uma das figuras mais interessantes da literatura brasileira, apesar de não saber ler. Como os seus olhos brindados de negro viam as coisas! É certo que temos outros sabidos demais. Mas há uma sabedoria alambicada que nos torna ridículos” (Ramos, 1937, p. 17).

I. Seu Romano eu vim a Patos
pela fama do sinhô
que me disseram que era
mestre e Rei de cantadô
que dentro de um salão
tem discuso dum doutô

[...]

R. Inácio eu quando mi zango
tenho a força do zabu
pra gente da sua cor
sou pior que canguru
rasgo, estraçalho e devoro
mato negro e como crú

I. Seu Romano eu me zango
devoro sem compaixão indo
corto mais do que nada ha
furo mais do que ferrão
queimo como fôgo embrasa
é de tremer coração

[...]

R. Inácio arrufe o pandeiro
enquanto acende o cigarro
hoje na vila de Patos
negro fugido eu amarro
pra terminar o serviço

I. Meu senhô nunca me deu
seu Romano qué me dá
dá de língua e muito face
mais querê me amarrá
num carro prá me batê
isso eu não vou aceitá (*sic*)

(Pirauá, 1903, p. 3-4).

Conforme Abreu (2006) quem saia vitorioso das pejejas obtinha o privilégio de continuar a festa com suas composições que abrangiam “descrições da natureza, ABC's, sátiras, *comentários de acontecimentos sociais*, louvações, marcos, narrativas. Saber alguns romances decorados era obrigação de todo cantador, pois o público os exigia” (Abreu, 2006, p. 79, grifo nosso). Todas as composições, oriundas da “memória velha que guardara os romances primitivamente cantados nos primeiros cupiães erguidos na solidão” (Casudo, 1984, p. 17) eram compostas com uma métrica — que para os poetas era a “linha” (Casudo, 1984) — dentro de sete sílabas formando uma técnica mnemônica¹⁵ para facilitar os improvisos e adaptar ao seu modo “as velhas histórias que encantaram os rudes colonos”

¹⁵ “Em uma cultura oral, à memória é o único recurso de conservação de produções intelectuais. Sabe-se que a regularidade é um auxiliar mnemônico poderoso; assim, a existência de um padrão para a estrutura estrófica, rímica e métrica é uma ferramenta fundamental” (Abreu, 2006, p. 87).

(Cascudo, 1984, p. 22), que podem — ou não — ter influenciado a poética nordestina, mas com certeza estavam presentes nas vozes dos cancioneiros.

Dentre os mais variados personagens estrangeiros que ganharam fama no nordeste, lembramos da Donzela Teodora, da Imperatriz Porcina e da Princesa Magalona¹⁶, ambas ostentavam marcas que o cordel nordestino carregaria — o mito da inocência perseguida, no qual o bem “passa por um estádio de provação, de descrédito, de perseguição, numa fase alienante, para afinal, ressurgir triunfante, vitorioso, reconhecido, numa fase de reintegração” (Tavares, 1980, p. 16) e da maldade castigada, em que ocorre a “derrota das forças do mal, do castigo do pecado, do prêmio da virtude, do louvor da moralidade” (Tavares, 1980, p. 55). Não podemos deixar de citá-los, pois esses são três personagens e “três romances que todo sertão conhece” (Cascudo, 1984, p. 24) e que passaram de cordéis lusitanos — ou livros — escritos em prosa para a cultura oral nordestina e, posteriormente, a folhetos nordestinos rimados, como o exemplo a seguir.

HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA

Ela que já era um ente
nascida por excelência
como quem tivesse vindo
das entranhas da ciência
tinha por pai o saber
e por mãe a inteligência

[...]

Disse ao público: senhores
a donzela me venceu
não sei com qual professor
esta mulher aprendeu!...
aí a donzela disse:
então o mestre perdeu?

Êle vendo que estava
esgotado e sem recursos
ficou trêmulo e muito pálido
faltando-lhe até os pulsos
prostou-se aos pés do El-rei
se sufocando em soluços

E disse: senhor confesso
a vosso real majestade
que vejo nesta donzela

¹⁶ “É impossível saber que versão era lida no Brasil, embora seja plausível supor que dentre as requisições algumas dissessem respeito ao envio de folhetos e não de livros. Se essa suposição for correta, os cordéis mais enviados ao Brasil narravam as histórias de [...], ‘Magalona’, [...], ‘Imperatriz Porcina’, ‘Donzela Teodora’ [...]. É difícil assegurar que os pedidos se refiram à literatura de cordel, pois todas essas narrativas foram originalmente publicadas sob a forma de livros, escritos por autores eruditos, com vistas à circulação entre as elites” (Abreu, 2006, p. 54).

a maior capacidade
 ela merece ter prêmio
 pois tem grande habilidade

A donzela levantou-se
 foi ao soberano rei
 então beijou-lhe a mão,
 disse: vos suplicarei
 mande o sábio entregar-me
 tudo que dêle ganhei

O rei ali ordenou
 que o sábio se despojasse
 de todas as vestes que tinha
 e à donzela entregasse
 o jeito que tinha ali
 era êle envergonhar-se

O sábio pôs a despir-se
 como quem estava doente
 fraque, colete e camisa
 ficando ali indecente
 e pediu para ficar
 com a ceroula somente.
 (Silva, 1965, p. 1, 18-19).

Além das histórias das donzelas, dos príncipes e princesas, os animais faziam presença nas narrativas. Conforme Cascudo (1984) e Abreu (2006), as narrativas da cultura oral frequentemente descreviam cenas e episódios da pecuária com poemas de glorificação aos bois valentes e indomáveis que roubam a fama e humilhavam vaqueiros. Em síntese, a popularidade dessas histórias instaurou um “ciclo do boi” e até o romancista José de Alencar tem memórias desse período: “Em minha infância, passada nas cercanias da lagoa de Mecejana, [...] quasi todas as noites, durante os invernos, ouvia eu ao nosso vaqueiro o rimance ou poemeto do Boi Espacio” (*sic*) (Alencar, 1874, p. 8). Ele que em um artigo, da seção de *Literatura*, para os jornais *Diário de Pernambuco* e *O Globo*, do Rio de Janeiro, narrou a sua busca para (re) lembrar não só das histórias de bois valentes de sua infância, como da figura do cancionista. Em seu artigo, declara que a apuração das cantigas populares deveria ser cuidadosa assim como a restauração de antigos painéis (Alencar, 1874). Foi com esse trato minucioso que conseguiu resgatar uma das histórias que percorriam o Nordeste tempos atrás — “Ahi vai, pois, o poemeto sertanejo” (*sic*) (Alencar, 1984, p. 8) —, que foi relembrado, em meados de 1879, em seu folhetim *O sertanejo*.

RABICHO¹⁷ DA GERALDA

¹⁷ “Rabicho é um adjectivo sertanejo. Querem alguns que signifique tanto como o classico rabão, o que na provincia tem ainda outro synonymo *biquó*. Mas pessoa do sertão me informou que lhe dão alli diverso sentido, correspondente á adjectivação do bem conhecido substantivo. Neste caso viria significar — Cauda arqueada”

Eu fui o liso Rabicho,
Boi de fama conhecido;
Nunca houve neste mundo
Outro boi tão destemido.

Minha fama era tão grande,
Que enchia todo o sertão
Vinham de longe vaqueiros
Pra me botarem no chão.

Ainda eu era bezerro
Quando fugi do curral
E ganhei o mundo grande
Correndo no bamburral.

Onze anos eu andei
Pelas catingas fugido,
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.

Morava em cima da serra
Onde ninguém me avistava,
Só sabiam que era vivo
Pelo rasto que eu deixava.

(Alencar, 1874, p. 8)

Haviam, também, as narrativas conhecidas popularmente como “A.B.C” e sua principal característica — além da estrutura se organizar em torno do alfabeto, como o nome sugere — era narrar uma “gesta”¹⁸ — “um poema de ação” (Cascardo, 1984, p. 59). Dentre os tipos que existiam, os mais famosos eram aqueles que narravam heróis e acontecimentos históricos, além daqueles que cantavam, também, a vida de animais — “dum boi, dum touro, dum bode, duma onça sussuarana” (*sic*) (Cascardo, 1984, p. 59) — valentes e insubmissos que escapavam e resistiam às tentativas de aprisionamento (Abreu, 2006). Como exemplo dos ABCs destacaremos a canção de Davi Francisco Pereira, registrada por J. Simões Lopes Neto, pois segundo Cascardo (1984) essa narrativa foi escrita “poucas horas depois da batalha de Passo do Rosário [...] explicando as razões do recuo das tropas imperiais”, (Cascardo, 1984, p. 64) no século XIX, que marca uma tipologia temática similar ao nosso foco de estudo.

A desgraça do govêmo
Nos levou a tal estado,
Que deu valor ao inimigo,
Fêz do Exército desgraçado.

Bravos heróis se perderam!...
Faz pasmar a triste cena,
Devido a rude vileza
Do general Barbacena.

Como condutor de negros.
Que trouxesse do Valongo
Conduziu a nossa gente
Muito pior que um rei do Congo!

(*sic*) (ALENCAR, 1874, p. 8).

¹⁸ A título de curiosidade, as canções de “gesta” eram um tipo de poesia épica medieval — que talvez possuam alguma relação com as narrativas dos cancioneiros — cujo papel era narrar episódios. Basicamente, seu carácter “era noticioso, já que um dos seus propósitos era divulgar os acontecimentos. Os elementos fantásticos ou novelescos que vemos nessas canções iam-se agregando gradualmente, à medida que elas se transmitiam oralmente com o decorrer dos séculos, de geração em geração” (Fontes, 2000, p. 36).

Deu princípio ao ataque,
Sem junção duma brigada...
Nem mandou juntar bagagens
Carrêtas, bois, cavallhada.

E assim acometeu
Sem nada determinar;
E só entrou nessa luta
Aquele que quis entrar!

Fazendo carga no centro,
Sem dar proteção ao flancos
Lá deixou bastantes mortos.
Muitos feridos e mancos.
(Casudo, 1984, p. 66)

Como um quebra-cabeça ressoante, as canções antigas sobreviveram na memória compartilhada entre os poetas e seu público, este um trabalho árduo, considerando que em uma cultura oral “o que não é memorizado desaparece” (Abreu, 2006, p. 88). No entanto, foram essas reminiscências partilhadas que resguardaram as famosas disputas e romances e conduziram as narrativas para uma nova jornada: a transformação dessas expressões populares em folhetos impressos. A partir dessa renovação exploraremos, a seguir, a importância da imprensa na disseminação dessas histórias a um público mais amplo, revelando as mais variadas possibilidades e desafios.

3.2 Chegada da imprensa e a popularização dos folhetos

No século XIX, mais especificamente após a “independência do Brasil”, o número de tipografias brasileiras aumentaram. É relevante (re) lembrar que pairava sobre o país “o pecado do livro” (Sodré, 1998), estes que circulavam clandestinamente ou eram sujeitos a processos demorados de censura — era proibida qualquer impressão “sem primeiro ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, depois de vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição” (Sodré, 1998, p. 33). Em resumo, de acordo com Sodré (1998), o atraso na implantação e propagação da imprensa, assim como das tipografias, pode ser atribuído à falta de desenvolvimento do capitalismo e à ausência de uma classe burguesa no país. Uma vez que neste período, só nos países “em que o capitalismo se desenvolveu, a imprensa se desenvolveu” (Sodré, 1998, p. 33). Essas problemáticas são importantes para nossa discussão se considerarmos que a publicação “de textos populares — ou popularizados — nasce, praticamente, junto com o início da imprensa” (Abreu, 2006, p. 24). E foi a difusão desta que proporcionou aos poetas uma possibilidade de editar suas composições “levando os textos para lugares e momentos em que os poetas não podiam estar” (Abreu, 2006, p. 119).

Com a substituição da imprensa artesanal pela imprensa industrial (Sodré, 1998), o final do século XIX ficou marcado como o período em que parte das narrativas pré-folhetos, com gênese na cultura oral, começaram a ganhar forma impressa. Há quem afirme, de maneira geral, que “o hoje chamado Cordel, surgiu com Leandro, no alto sertão paraibano”¹⁹ (A ciência [...], 1980, p. 33), todavia, a questão do primogênito é algo que não se tem tantas evidências e apesar de reconhecermos que Leandro Gomes de Barros (1865-1918) foi o autor da sistematização da publicação dos poemas em folhetos (Abreu, 2006), não sabemos ao certo se ele foi o primeiro a imprimir suas composições. Mas, concordamos, seguramente, que ele foi um dos poetas que mais contribuiu para o folclore nordestino (Batista, 1929), responsável por recriar algumas pelepas e trazer a tona os nomes de cancioneiros que seriam esquecidos pelo tempo caso se mantivessem apenas na cultura oral, lembrando que na época não havia “nenhum recurso tecnológico que registrasse uma comenda poética. Para recolher o material por inteiro, ou mesmo aos pedaços, só mesmo um gravador” (A ciência [...], 1980, p. 33).

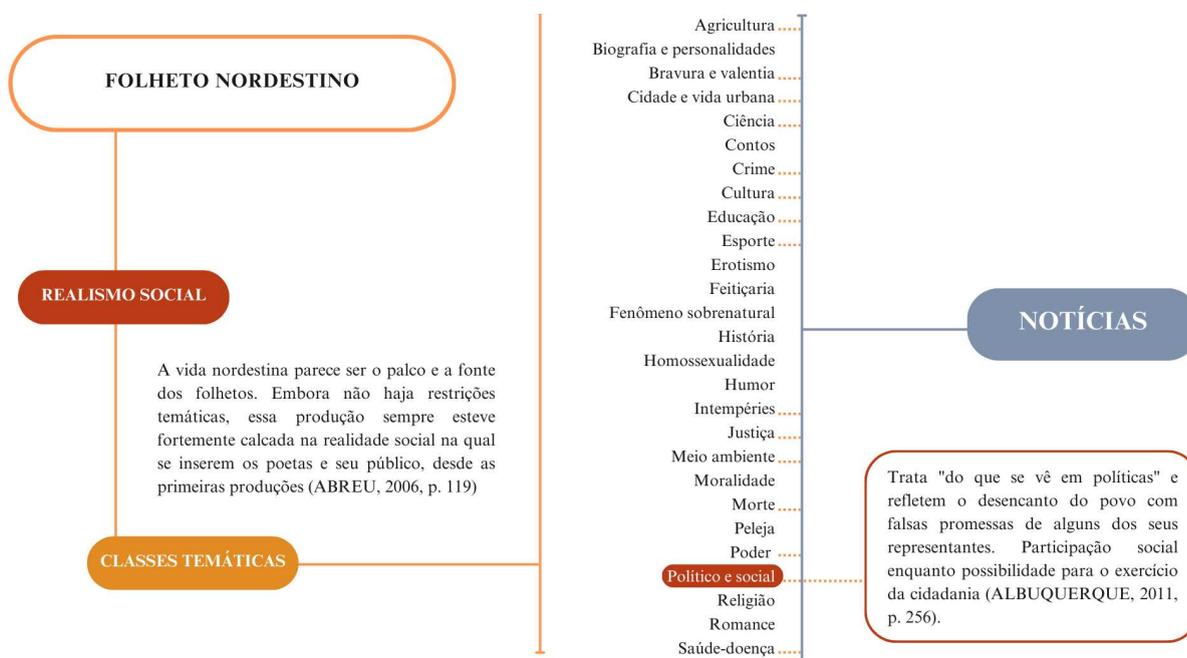
A única forma de registro da época era feita pelos próprios poetas através das suas anotações pessoais em papéis ou cadernos, mas sem a intenção de editá-los, pois costumavam reservar suas composições para as apresentações orais, recusando a publicação em folheto (Abreu, 2006). A título de exemplo, relembramos o caso de João Faustino, poeta e vendedor de folhetos, que nunca chegou a publicar seus poemas, pois acreditava que romance solto — ou no caso, em folheto — “perde a graça” (Mota, 1976, *apud*, Abreu, 2006, p. 92). No entanto, apesar de algumas relutâncias, até 1930, seguindo “os passos de Leandro Gomes de Barros, ao menos vinte e três autores publicaram alguns de seus poemas sob a forma de folhetos” (Abreu, 2006, p. 92). Estes que, mesmo com as resistências, se encarregaram de preservar as narrativas nascidas na cultura oral, visto que assim como as reminiscências compartilhadas entre o autor e o público, os manuscritos podem ser perdidos, como o caso do poeta Ugolino.

Escreveu em um volumoso caderno as suas melhores produções poéticas; tendo, porém, abandonado a profissão de cantador na velhice, emprestou esse caderno ao seu colega Germano da Lagoa. Deu-se em casa de Germano um incêndio, sendo o manuscrito destruído pelo fogo, ficando assim perdidas as melhores poesias desse grande cantador (Batista, 1929, p. 41).

¹⁹ É perceptível que nos estudos sobre a literatura de cordel há uma urgência em desvendar a questão da origem, que “se soma a da identidade ou pseudoidentidade de um autor ‘patronímico’” (Campos, 1990, p. 10), como comentado por Haroldo de Campos, sobre o poeta Gregório de Mattos, no *Sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso de Gregório de Mattos*.

Todavia, é relevante lembrar que nesse período a cultura oral e os folhetos impressos coexistiram, pois essa relação era uma das formas mais populares para a venda dos cordéis, cuja intenção era “despertar o interesse e atrair a curiosidade do público para a continuação da história” (Abreu, 2006, p. 95). Essa aproximação entre o público e o autor era fundamental para quem vivia da venda dos folhetos, pois conseguiam obter uma resposta imediata frente às novidades que apareciam, que eram arriscadas, considerando que o público forjado em uma cultura plenamente oralizada era resistente às inovações, porque “em uma cultura oral, a conservação de produções intelectuais depende exclusivamente da memória, criando uma propensão ao *conservadorismo*, ao *tradicionalismo*” (Abreu, 2006, p. 96, grifo nosso). Esse fator justifica a permanência e a reutilização de construções temáticas antigas e tão recorrentes na literatura de cordel, conhecidas como “classes temáticas” (Albuquerque, 2011) — dentre as quais escolhemos nosso foco de estudo (Ilustração 6) —, que apesar dos vários assuntos sempre refletia o realismo social, tanto do público quanto dos próprios poetas e que criaram uma uniformidade estilística e temática capaz de apagar qualquer marca individual “que permitissem diferenciar um poeta de outro ou determinar, com segurança, à autoria dos textos” (Abreu, 2006, p. 97).

Ilustração 6 – Classes temáticas da literatura de folheto

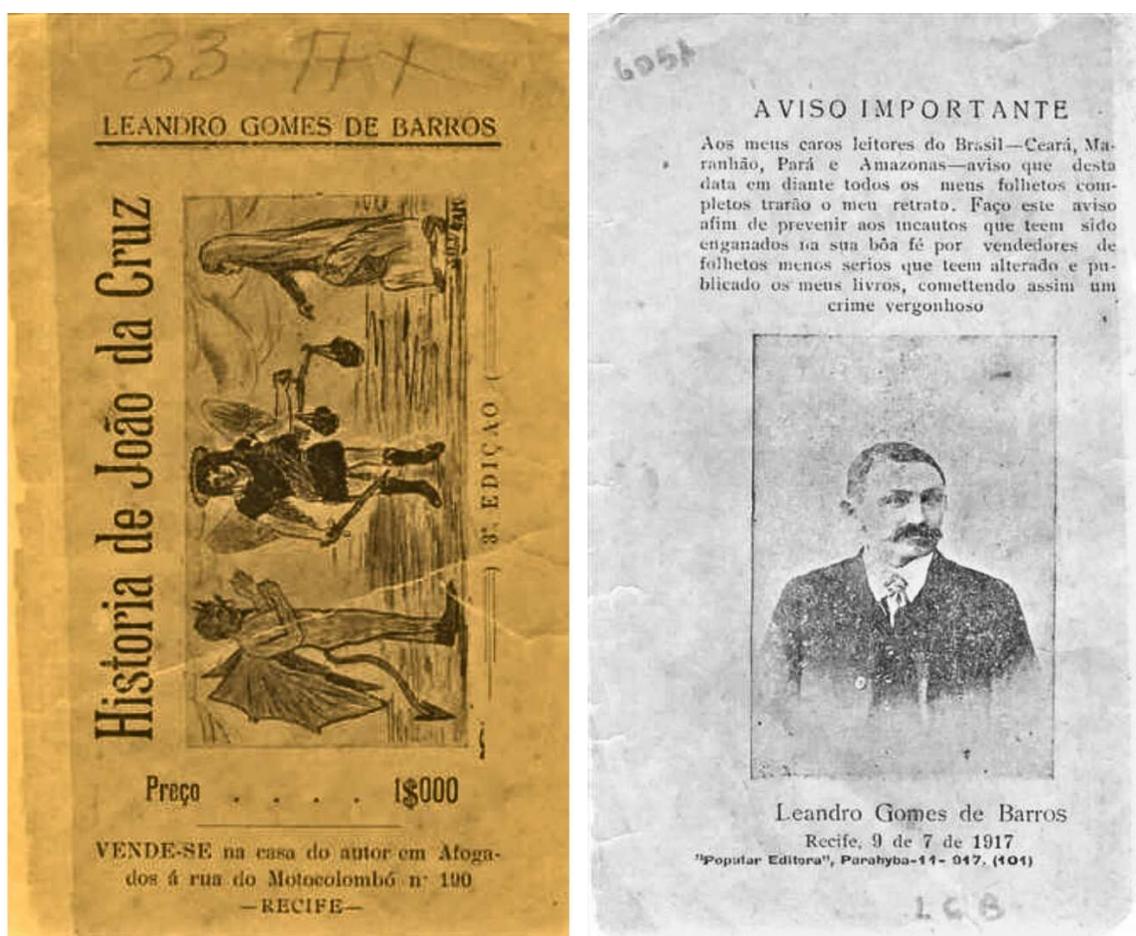


Fonte: Elaboração própria com base na tese de Albuquerque (2011).

Contrário ao que se pensava sobre a popularização dos folhetos, eles não acabaram com as apresentações orais, uma vez que o folheto impresso “não marginalizou o

aspecto mais sedutor dos versos, uma vez que cantavam e fascinavam através daquelas brochuras que eram puro encantamento” (Freire, 2012, p. 47). Além disso, os cordéis se tornaram um meio de sustento, pois quando “conseguiram editar e vender folhetos, abandonaram o antigo ofício” (Abreu, 2006, p. 93) para dedicar-se aos versos e à nova profissão. As impressões eram feitas em gráficas ou tipografias de jornal (Abreu, 2006), ou compravam prensas usadas. As vendas eram feitas tanto nas feiras quanto em suas casas, cujo endereço aparecia estampado no folheto (Ilustração 7).

Ilustração 7 – Cordel com o endereço de Leandro Gomes de Barros



Fonte: Acervo digital da Casa Rui Barbosa, Folhetos raros de Leandro Gomes de Barros, 1917.

3.3 O ciclo político e social no folheto nordestino

No contexto desta discussão, é pertinente salientar, segundo a perspectiva de Canclini (1983), que as culturas populares — expressas no plural por ser mais apropriado conforme o autor — não devem ser entendidas como simples manifestações da

individualidade de uma determinada população. Canclini (1983) argumenta que essa “personalidade não existe como uma entidade a priori, metafísica, mas sim como um efeito das relações sociais” (Canclini, 1983, p. 43).

Isso significa que as culturas populares superam em certo nível a desigualdade de acesso de bens econômicos e culturais através da “compreensão, reprodução e transformação” (Canclini, 1983, p. 42) do que há na sociedade e produz no trabalho e na vida “formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das relações sociais” (Canclini, 1983, p. 43). O que sugere que essas práticas populares não são apenas reflexos passivos e sim envolvem uma ativa participação na interpretação e recriação das experiências cotidianas. Esse fenômeno aconteceu no folheto nordestino, pois a cultura popular da literatura de cordel e o trabalho assíduo dos poetas populares deram origem a um novo gênero literário-jornalístico que atendeu à necessidade de acesso à informação ao representar em seus versos o contexto político e social do país.

Além disso, é relevante lembrar que a maioria dos poetas populares que produziam folhetos instruíram-se por conta própria — tinham “pouca ou nenhuma instrução formal” (Abreu, 2006, p. 93) — ou, às vezes, aprendiam a ler e escrever com amigos. Todavia, apesar de sua pouca escolaridade, eram pessoas “de variada leitura, inclusive leitores assíduos de mais de um jornal” (Terra, 1993, p. 39). Trabalhavam como vendedores, operários, agricultores e quando “conseguiram editar e vender folhetos, abandonaram o antigo ofício” (Abreu, 2006, p. 93) e assumiram a profissão de literatos.

A identificação com o público era quase natural, tendo em vista que os cordelistas da região pertenciam à mesma classe social de seus leitores — ou auditores²⁰ (Candido, 2006) — e tornavam-se “escritores operativos” — nomenclatura utilizada por Benjamin (1934) —, caracterizados por não só relatar uma realidade social, fictícia ou não, “mas combater, não ser espectador, mas participante ativo” (Benjamin, 1934, p. 123), se engana “o reacionário que pensa com ironia, que os poetas populares não têm ideologia”²¹ (Soares, 1998, p. 1).

O poeta é um repórter
das ocultas tradições
revelador dos segredos

²⁰ Nomenclatura utilizada para designar um público que corresponde a “uma sociedade de iletrados, analfabetos ou pouco afeitos à leitura” (Candido, 2006, p. 90).

²¹ Essa afirmação assume extrema relevância para a análise dos folhetos literário-jornalísticos, pois contesta a declaração de Campos (1977) na qual ele argumenta não encontrar “uma verdadeira ideologia política bem definida” e que os “poetas populares, [...] são geralmente individualistas: sempre observam a situação do indivíduo, poucas vezes a da coletividade e da humanidade” (Campos, 1977, p. 35). Após uma leitura minuciosa da seção *Ideologia política dos poetas populares*, classificamos essa assertiva como desprovida de coerência, sugerindo que o autor, possivelmente, desconhece a riqueza do discurso político e social presente nos folhetos nordestinos.

guiado por genios bons
pintor dos dramas poéticos
em todas composições

(Areda, [19--], p. 1)

As temáticas recorrentes nos folhetos exploravam frequentemente o cotidiano e a vida nordestina, que descreviam desde o descontentamento com “os impostos, os fiscais, o custo de vida, os baixos salários, as secas, a exploração dos trabalhadores” (Abreu, 2006, p. 120), assim como o cangaceirismo e a contínua luta pela terra.

Conforme Terra (1993) essas temáticas podem ser resumidas em três grupos: o primeiro dedica-se a descrições geográficas, marcos e os famosos ABCs; o segundo grupo é composto tanto pelos romances como pelas histórias fantásticas e o terceiro grupo, integrante do “ciclo político e social” retrata os aspectos políticos e sociais, abrangendo desde os romances sobre animais, as “queixas gerais” (Terra, 1993), até os folhetos noticiosos. Contudo, é importante lembrar que essas “demarcações” não indicam limites temáticos, considerando que as mais diferentes temáticas sempre acabam por abordar os aspectos de uma realidade social. A título de exemplo, destacamos o folheto *O cavalo que defecava dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros.

**O CAVALO QUE DEFECAVA
DINHEIRO**

Leandro Gomes de Barros

Na cidade de Macaé
Antigamente existia
Um duque veio invejoso
Que nada o satisfazia
Desejava possuir
Todo objeto que via

Esse duque era compadre
De um pobre muito atrasado
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado
Sustentava seus filhinhos
Na vida de alugado

Se vendo o compadre pobre
Naquela vida privada
Foi trabalhar nos engenhos
Longe de sua morada
Na volta trouxe um cavalo
Que não servia pra nada

Disse o pobre à mulher:

Só tem osso e o couro,
Porém tratando-se dele
Meu cavalo é um tesouro
Basta dizer que defeca
Níquel, prata, cobre e ouro!

[...] Então exclamou o velho:
- Só pude achar essas três!
Disse o pobre: — Ontem à tarde
Ele botou dezesseis!
Ele já tem defecado,
Dez mil réis mais de uma vez.

[...] Disse o velho: — Meu compadre
Você não pode tratá-lo,
Se for trabalhar com ele
É com certeza matá-lo
O melhor que você faz
É vender-me este cavalo!

[...] Compadre, o cavalo é seu!
Eu nada mais lhe direi,
Ele, por este dinheiro
Que agora me sujeitei
Para mim não foi vendido
Faça de conta que dei!

— como havemos de passar?
O cavalo é magro e velho
Não pode mais trabalhar
Vamos inventa um “quengo”
Pra ver se o querem comprar.

Foi na venda de lá trouxe
Três moedas de cruzado
Sem dizer nada a ninguém
Para não ser censurado
No fiofó do cavalo
Foi o dinheiro guardado

Do fiofó do cavalo
Ele fez um mealheiro
Saiu dizendo: — Sou rico!
Inda mais que um fazendeiro
Porque possui um cavalo
Que só defeca dinheiro

Quando o duque velho soube
Que ele tinha esse cavalo
Disse pra velha duquesa:
— Amanhã vou visitá-lo
Se o animal for assim
Faço o jeito de comprá-lo

[...] Disse o pobre: — Ele está magro

[...] Pegou o dito cavalo
Botou na estrebaria
Milho, farelo e alface
Era o que ele comia
O velho duque ia lá,
Dez, doze vezes por dia...

Logo no primeiro dia
O velho desconfiou
Porque na presença dele
O cavalo defecou
Ele procurou dinheiro
Nem um tostão encontrou

[...] Este livrinho nos mostra
Que a ambição nada convém
Todo homem ambicioso
Nunca pode viver bem,
Arriscando o que possui
Em cima do que já tem

Cada um faça por si,
Eu também farei por mim!
É este um dos motivos
Que o mundo está ruim,
Porque estamos cercados
Dos homens que pensam assim.

(Barros, [19--], p. 1-11)

O folheto do Leandro Gomes de Barros é um bom exemplo para debatermos sobre como os poetas criavam narrativas cativantes, engraçadas, impactantes e conseguiam registrar aspectos sutis sobre as lutas diárias e aspirações de um povo. O cordel em discussão destaca uma das características mais frequentes, os problemas econômicos — “Antigamente existia Um duque veio invejoso [...] Esse duque era compadre De um pobre muito atrasado” (Barros, [19--], p. 1). Em síntese, a construção do enredo, desse e dos demais folhetos, descreve vilões que “além de serem maus, eles têm, em geral, grande fortuna. Por outro lado, não há ninguém muito pobre no papel de malfeitor” (Abreu, 2006, p. 22), mesmo que usem da sua esperteza e desfrutem das conquistas de suas mentiras. As diversidades econômicas frequentes nos folhetos é justificável se levarmos em conta que o folheto surgiu e se firmou no período em que a região passava por uma crise econômica, que “repercutiu nas relações sociais e conseqüentemente no sistema de valores e nos costumes que têm por base a tradição” (Terra, 1993, p. 78).

As vèzes ele dizia:
— ó vida sacrificada
têm pessoas neste mundo
que nascem martirisada

uns com rios de dinheiro
e outros pobres sem nada.

— E tanto que eu pelejo
só para ganhar o pão
para vêr se eu não soffro
tanta fome e precisão
já vi que é um atraso
que carrego em minha mão.

(Sena, 1979, p.2)

Outro recurso utilizado para evocar os aspectos da realidade social era a criação de personagens principais cujo poder era a esperteza ou a coragem para enfrentar toda e qualquer situação. Dentre os personagens mais famosos, fictícios ou não, destacamos João Grilo, cuja origem ainda é discutida, pois desconfia-se que seja francesa²² e os poetas populares brasileiros tenham feito a sua releitura com base nas exigências temáticas dos folhetos, estes que deveriam basear-se “na crítica da ordem social, política e econômica presente” (Terra, 1993, p. 78).

AS PROEZAS DE JOÃO GRILO

João Martins de Athayde

O rei achou muita graça
nada teve o que fazer
João Grilo ficou na côrte
com regosijo e prazer
gosando um bom paladar
foi comer sem trabalhar
desta data até morrer

E todas questões do reino
era João que deslindrava
qualquer pergunta difícil
ele sempre decifrava
julgamentos delicados
problemas muito arriscados
o João Grilo desmanchava

Certa vez chegou na côrte
um mendigo esfarrapado
uma mochila nas costas

O cosinheiro zangou-se
chamou logo seu senhor
dizendo que eu roubara
da comida seu sabor
só por eu ter colocado
um taco de pão mirrado
aproveitando seu vapor

Por isso fui obrigado
a pagar certa quantia
como não tive dinheiro
o duque por tirania
mandou trazer-me escoltado
pra depois de ser julgado
ser posto na enxovia

João Grilo disse: está bem
não precisa mais falar
então perguntou ao duque
quanto o homem vai pagar?
- cinco corôas de prata
ce paga ou vai pra chibata
não lhe deve perdoar

²² Supomos que o personagem de João Grilo, presente no folheto *As proezas de João Grilo*, tenha sido uma releitura da obra *As astúcias de Bertoldo*, considerando que a esperteza de ambos é o foco da narrativa. No entanto, há uma diferença evidente, pois enquanto Bertoldo é um personagem sem qualquer reação psicológica, adora os nobres e aceita seu destino sem questionamentos — “E sobre tudo, que *se contente do seu estado, nem deseje mais*” (Lisbonense, 1816, p. 167, grifo nosso) —, João Grilo faz toda uma corte o aplaudir após uma lição: “Toda corte imperial pediu desculpa a João e muito tempo falou-se naquela dura lição e todo mundo dizia que sua sabedoria era igual a Salomão” (Athayde, [19--], p. 35).

dois guardas de cada lado
os olhos vertiam água
fazia pena o coitado

Junto dele estava um duque
que veio denunciar
dizendo: que o mendigo
na prisão ia morar
por não pagar a despesa
que fez por sua afoiteza
sem ninguém lhe convidar

João Grilo disse ao mendigo:
e como é pobretão
que se faz uma despeza
sem ter no bolso um tostão?
me conte todo passado
depois de ter escutado
lhe darei razão ou não

Disse o mendigo: sou pobre
e fui pedir uma esmola
na casa do senhor duque
e levei minha sacola
quando cheguei na cosinha
vi cosinhando galinha
numa grande caçarola

Como a comida cheirava
eu tive apetite nela
tirei um taco de pão
e marchei pro lado dela
e sem pensar na desgraça
botei o pão na fumaça
que saía da panela

João Grilo tirou do bolso
a importância cobrada
na mochila do mendigo
deixou-a depositada
e disse para o mendigo
balance a mochila amigo
pro duque ouvir a zuada

O mendigo sem demora
fez como Grilo mandou
pegou sua mochilinha
com a prata balançou
sem compreender o truque
bem no ouvido do duque
o dinheiro tilintou

Disse o duque enfurecido:
mas não recebi o meu
diz João Grilo: sim senhor
e isto foi que valei
deixe de ser batoteiro
o tinido do dinheiro
o senhor já recebeu.

Você diz que o mendigo
por ter provado o vapor
foi o mesmo que ter comido
seu manjar e seu sabor
pois também é verdadeiro
que o tinir do dinheiro
represente seu valor.

(Athayde, 1958, p. 15)

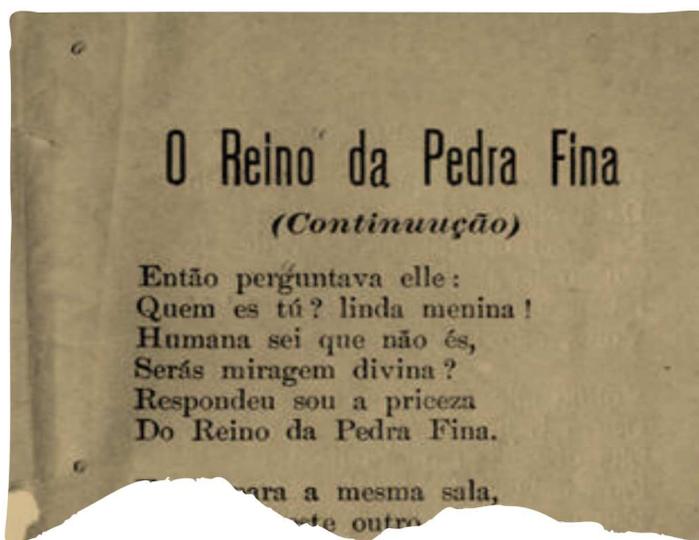
Como visto anteriormente, os folhetos, desde sua origem na cultura oral, são ligados à realidade social. Nossa análise até o momento nos permitiu compreender que os folhetos noticiosos foram integrados naturalmente — “A cultura de cordel passou a ser jornalismo” (Santos, 1984, p. 2) — aos folhetos, pois sempre mantinha seu “pé” na crítica social. Se pensarmos bem, como a vida e as queixas nordestinas eram inspiração para as produções literárias, por que não falar dos acontecimentos relatados nos jornais? Considerando que os poetas eram leitores constantes — e jornalista como o caso de Toni de Lima — dos periódicos jornalísticos, estes que, no período do firmamento dos folhetos, contavam com a contribuição jornalística-literária de diversos nomes da literatura brasileira.

Esta possível relação com o jornalismo, confirma-se pela forma como foram publicados alguns folhetos, por exemplo, um cordel continha várias faces “em um mesmo folheto, publicavam-se um desafio, uma história de cangaceiros, o relato de um acontecimento social importante, *um trecho de uma narrativa ficcional*” (Abreu, 2006, p. 103, grifo nosso),

assim como em um jornal.

O vínculo jornalístico está aí, nas entrelinhas, os cordelistas começaram, tal como os jornais, a seriar suas narrativas “da mesma forma que se fazia com os romances publicados em folhetins” (Abreu, 2006, p. 103), como o folheto *O reino da Pedra Fina* de Leandro Gomes de Barros, publicado em cinco partes (Ilustração 9) durante dois anos (1909-1910) e ganhou uma versão completa em 1910 “esta a primeira vez que a presente obra vem de ser publicada em um folheto completo. Há dez annos, precisamente, em 1909, o seu actor publicou-a em 5 folhetos diferentes, nunca porém reunindo-os em obra completa” (Baptista, 1919, p.1).

Ilustração 8 – Continuação do folheto *O reino da Pedra Fina*



Fonte: Acervo digital da Casa Rui Barbosa, Folhetos raros de Leandro Gomes de Barros, 1919.

4 FOLHETO NORDESTINO COMO LITERATURA-JORNALÍSTICA

De tudo que acontecia
No País ia escrevendo...
Padre Cícero, Lampião,
Ia o povo tudo lendo.
Criou hábito no Povo
De ler um folheto novo
Para a notícia ir sabendo
(Cavalcante, 1984, p. 4)

Como integrante de um contexto social e político específico, o estudo do cordel noticioso requer a compreensão da realidade social em que estava inserido. Esse diálogo constitui um fator essencial na análise da estrutura literária e permite que a literatura seja estudada compreendendo a função que ela exerce em seu ambiente histórico-social de origem e atuação (Candido, 2006). Seleccionamos, portanto, folhetos da primeira (1900-1930) e da segunda (1930 em diante) geração de cordelistas de acordo com seu período e a temática política e social abordada entre 1913-1996.

Para isso, versamos, na seção *Quem são os poetas-repórteres?* os/as responsáveis pela criação do gênero híbrido literário-jornalístico, para evidenciar tanto a personalidade dos/das poetas quanto seu lugar origem (Zhirmunsky, 1967). Sobre eles/elas abordaremos aspectos biográficos registrados em bibliografias, folhetos nordestinos e jornais, considerando que mesmo que alguns sejam desconhecidos no meio acadêmico, até este estudo, nos cordéis foram eternizados.

Além disso, analisamos na seção *A literatura-jornalística nos folhetos* as suas especificidades híbridas conforme o contexto político e social que estão inseridos, a fim de comprovar que, além de pertencerem ao fenômeno do jornalismo literário, os cordéis não são um sistema particular da comunicação social (Luyten, 1984) e nem se limitam a um subgênero do jornalismo (Lima, 1975). Na realidade, o cordel noticioso mantém suas características literárias únicas e integra algumas especificidades do meio jornalístico, se consolidando como um novo gênero: a literatura-jornalística.

Entre o recorte temático, político e social, encontramos subtemas recorrentes que requerem um destaque e uma análise específica considerando seu contexto de produção, são eles: *processos políticos*, no qual encontramos folhetos sobre revolução, *impeachment*, golpe político e eleições; *crise econômica e social*, no qual encontramos folhetos sobre inflação, fome e greves; e *luta pela terra*, no qual encontramos folhetos sobre massacres, violência e reforma agrária, vistos a seguir.

4.1 Quem são os poetas-repórteres?

O termo “poeta-repórter” utilizado até aqui para descrever os escritores dos folhetos noticiosos provém da autodenominação do cordelista da segunda geração José Francisco Soares (1914-1981) que o indicava na capa de sua obra literária-jornalística para assinalar que aquele cordel iria falar de algum caso da atualidade. Em sua homenagem, para organizarmos uma síntese da vida dos autores cujas obras foram analisadas, adotamos e utilizamos a expressão para nomear o trabalho dos autores, pois quem “é poeta-repórter, pelo talento ajudado, ganha os aplausos do povo, merece ser biografado” (Barros, 1978, p.1).

4.1.1 *Leandro Gomes de Barros (1865-1918)*

Reverenciado como o “maior poeta popular de seu tempo, o que mais contribuiu para o folclore nordestino” (Batista, 1929, p. 1), Leandro Gomes do Nascimento Lima, ou Leandro Xavier Farias, mais conhecido como Leandro Gomes de Barros (Ilustração 10), filho de José Gomes do Nascimento Lima e dona Adelaide Maria de Jesus, nasceu na Paraíba em 19 de novembro²³ de 1865, nas proximidades da divisa do município de Paulista com a vila de Pombal. Esta última, elevada à categoria de cidade em 1862, confere um aspecto peculiar à sua origem, ainda hoje objeto de questionamentos. Passou a infância no sítio Melancias, cujo dono era seu tio Manoel Xavier de Farias, que com idade avançada em 1880 mudou-se para Teixeira — berço da poesia popular nordestina — a pedido de seu filho sacerdote, Padre Vicente Xavier de Farias (1823-1907), professor de Latim e Humanidades, responsável por reforçar a educação do adolescente.

Em mil oitocentos e
Oitenta, seu Manoel
Vendeu a propriedade
Depois de passar o papel
Junto da família inteira
Mudou-se para o Teixeira
Para junto ao filho fiel.

Naquele tempo Leandro
Contava quinze de idade
E foi com os seus parentes
Morar naquela cidade,
Um centro de poesia
Pois, naquela freguesia
Tinha poeta à vontade
(Viana, 2005, p.3)

²³ Considerado atualmente o “Dia do cordelista”.

Ilustração 9 – Leandro Gomes de Barros.



Fonte: Acervo digital da Casa Rui Barbosa, Folhetos raros de Leandro Gomes de Barros, [19--].

Em Teixeira, Leandro teve contato com grandes nomes da poesia popular, e descobriu aos 15 anos que “pra cantador, tinha voz muito pequena; percebeu que sua força residia em sua pena” (Viana, 2005, p.4). Intrigado com seu primo Vicente, conhecido por seu “veneno” (Nobrega; Pontes, 2009), partiu para Pernambuco, onde residiu temporariamente em Jaboatão e Vitória de Santo Antão antes de fincar residência em Recife. Embora não se tenha registro preciso do início de sua produção literária, é possível presumir que Leandro tenha começado a imprimir folhetos na capital pernambucana por volta de 1889. Essa informação baseia-se em seu cordel *O dézréis do Governo*, de 1907, no qual ele afirma: “Leitores peço desculpa/ se a obra não for de agrado/ sou um poeta sem força/ o tempo tem me estragado/ escrevo a 18 anos/ tenho razão de estar cansado” (sic) (Barros, 1907, p. 08).

Em Recife, escreveu cerca de mil folhetos com mais de dez mil edições cada (Batista, 1929), inaugurando outro trabalho híbrido dos cordelistas, o poeta-editor (Dias, 2016), visto que a “certeza da fixação dos versos em sua materialidade impressa atraiu sobremaneira os poetas populares que desejavam ver os seus poemas circulando através de um novo modo de expressão: tangível, comercializável, impresso” (Dias, 2016, p. 43). Dentre

os pioneiros na edição e impressão dos folhetos, não sabemos ao certo se Leandro foi o primeiro, todavia, ele foi o responsável pelo início da publicação sistemática (Abreu, 1999), com organização e regularidade.

Leandro Gomes de Barros deixou um legado literário abrangente, explorando uma ampla gama de temas em seus folhetos, dentre eles podemos destacar: aguardente, *Discussão do vinho com a Aguardente* e *Intriga da Aguardente*; amor/paixão, *Branca de neve e o Soldado Guerreiro* e *A força do amor*; animais/bestiário/fábulas, *O boi misterioso* e *O cavalo que defecava dinheiro*; anti-herói/esperteza, *O soldado jogador* e *Como João Lezo vendeu o Bispo*; cangaceirismo/Antonio Silvino, *Antonio Silvino o rei dos cangaceiros* e *Todas as lutas de Antonio Silvino*; demônio/demonologia/diabo, *O diabo confessando uma nova seita*, *O diabo na nova-ceita*; governo/impostos/política/corrupção/poder, *A crise atual e o aumento do selo* e *O dinheiro*, esses últimos marcaram seu papel como um dos poetas-repórteres da primeira geração.

O poeta faleceu prematuramente em 1918, aos 53 anos, deixando para trás um patrimônio notável na poesia popular. Embora algumas informações biográficas permaneçam incompletas, sua influência incontestável permanece viva nas páginas dos folhetos que produziu. Leandro Gomes de Barros, sem dúvida, destaca-se como um dos cordelistas mais inspiradores, cujas palavras continuam a ressoar, transcendendo o tempo e enriquecendo a cultura popular brasileira.

4.1.2 Cuíca de Santo Amaro (1907-1964)

As mesmas entranhas baianas que encarnaram o “Boca do Inferno”, gerou, em 1907, o “Boquirroto”²⁴ José Gomes, mais conhecido por seu pseudônimo/nome de guerra, escolhido por ele mesmo sem porquês: Cuíca de Santo Amaro, Ele o Tal (Ilustração 11). Filho de Maria José Gomes e Emídio Tibúrcio Gomes. Batizado com nome de santo devido à tradição católica da época, em homenagem ao Dia de São José (Matos, 2007), ele, no entanto, estava longe de ser um santo. Era visto como um “farrista, boêmio tocador de violão” (Matos, 2007, p. 177), odiado por muitos e considerado um Gregório de Matos sem a polidez gramatical. Homem de pouca instrução, estudou no Liceu de Artes e Ofícios, contudo, teve que abandonar prematuramente a escola, pois a pedido de sua madrinha, com quem morava, arrumou uma ocupação mais “produtiva”, considerando que o “tempo era de vacas magras” (Matos, 2007, p. 175).

²⁴ Pessoa que fala muito; quem não consegue guardar segredo ou é muito indiscreto.

Ilustração 10 – Cuíca de Santo Amaro



Fonte: Documentário “Cuíca de Santo Amaro, Ele o Tal, de Joel de Almeida (2011).

Pouco se conhece sobre a biografia desse poeta, habilidoso em esconder sua vida, mas não seu talento variado: “autor, editor, chefe de publicidade e livreiro ambulante” (Amado, 1986, p. 80). Sua memória resiste. Reverenciado até mesmo por Jorge Amado em seu guia informal *Bahia de Todos os Santos*, na seção dedicada a ele, intitulada “O poeta”, o autor presta uma homenagem memorável a essa figura complexa e afirma que foi ele, “e mais ninguém, quem fez da poesia uma profissão digna, libertando-a, [...]. E, escrevendo seus versos sobre acontecimentos de todos os dias, dignificou a poesia. Perdoai mas foi assim mesmo” (Amado, 1986, p. 81).

Era baiano da gema
 Pois em Salvador nasceu,
 Se chamava José Gomes,
 Porém o apelido seu
 Ficou sendo muito claro:
 “Cuíca de Santo Amaro”
 Nome que ele mesmo o deu.

Nunca levantou um falso
 Para fazer sensação,
 Só versava o que se dava
 Da Capital ao sertão,
 Era um Jornal do Estado
 Que o povo tinha cuidado
 De ler sua narração

(Cavalcante, [19--], p. 3)

O poeta-repórter ficou conhecido no cenário da cultura das ruas e nas “feiras-livres da cidade da Bahia, Cuíca tinha o estatuto de herói, porta-voz do povo sofrido” (Matos, 2007, p. 180). Conforme a descrição poética de Jorge Amado (1986), no século XX, os livros eram inacessíveis, os jornais desnecessários, considerando que “só uns poucos podem gastar todos os dias cinco cruzeiros para ler os telegramas que já ouviram no alto-falante da praça” (Amado, 1986, p. 81). Além disso, o que se falava nos periódicos não era, costumeiramente, do gosto do povo. A população, leitores dos folhetos de Cuíca, se interessavam pelo “último crime sensacional, o encarecimento da carne-seca e da farinha, o cômico incidente na porta de um bar entre dois bêbados, a última façanha dos cangaceiros, a luta contra o nazifascismo” (Amado, 1986, p. 81), temáticas essas diariamente nos versos e na voz do poeta.

Passou ele seus vexames
Só por versar a verdade,
Foi Cuica em Salvador
O Poeta da Cidade,
Morreu pobre esquecido,
De ninguém foi protegido,
Hoje o povo tem saudade

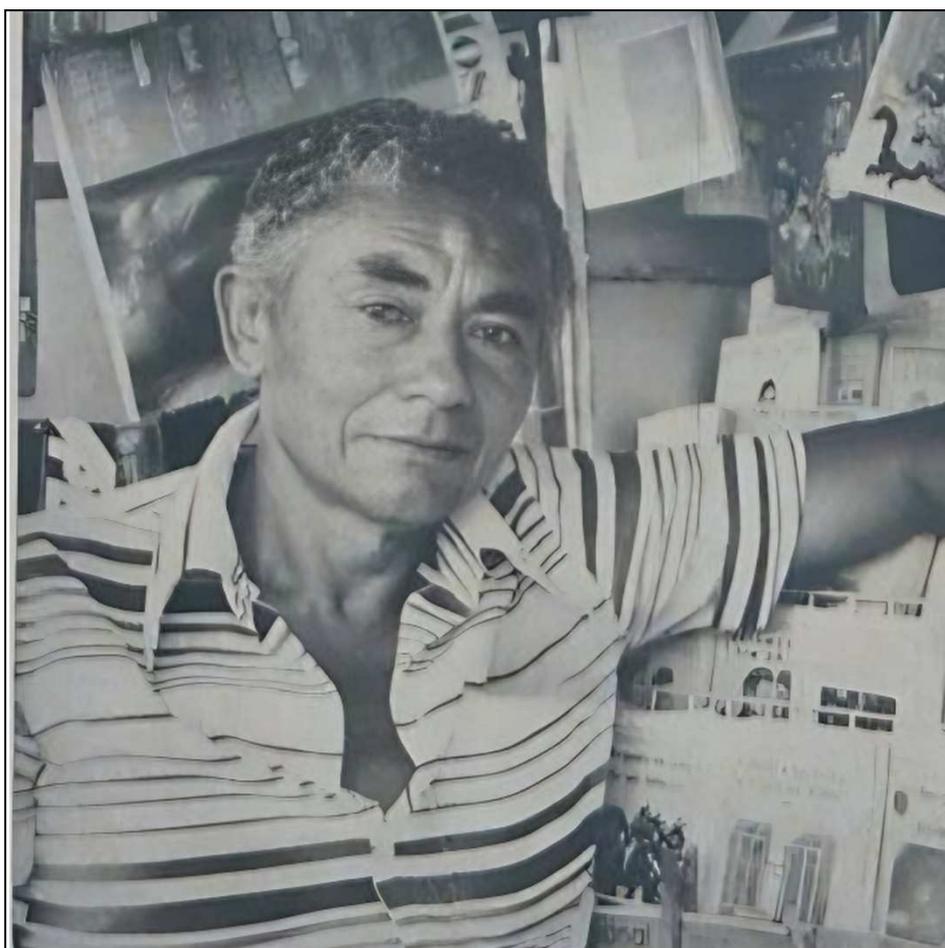
Era um Gregório de Matos
Que em Salvador vivia
Versando todos os fatos
Do Estado da Bahia,
Vivendo da inteligência
Não temia a consequência
Quando o folheto saía.
(Cavalcante, [19--], p. 6)

“Cuíca assustava meio mundo” (Cuíca [...], 1964, p. 11), informava o título do obituário do cordelista no jornal paulista *Visão*. Ele que era temido por todos os políticos pelo caráter de seus folhetos, com tiragens de 5 a 6 mil exemplares, que não poupavam ninguém: “Ai de quem caísse na mira de sua pena!” (Cuíca [...], 1964, p. 11). O poeta era o cronista do povo, publicou cerca de 2 mil cordéis durante seus 25 anos de atividade, conforme destaca o jornal. Registrava em seus versos não só ataques a ilustres e políticos, como também os acontecimentos mais importantes da cidade, sua obra, por exemplo, é um registro dos fatos que abalaram a opinião pública no século XX. José Gomes, Ele o Tal do Cuíca de Santo Amaro, faleceu prematuramente aos 56 anos, no dia 23 de janeiro de 1964. Morreu sem revelar o grande mistério de seu pseudônimo, há quem diga que o nome surgiu das suas várias idas à cidade de Santo Amaro, de natureza profissional, boêmia e amorosa, porém mesmo sem saber o porquê “o nome ficou para o povo se lembrar” (Cavalcante, [19--], p. 8).

4.1.3 José Francisco Soares (1914-1981)

Como um trovador de sua época, soube unir os casos de notícias à cultura popular, não foi o primogênito na profissão, mas o primeiro a assinar como “Poeta-repórter”. Filho de Manoel Francisco Soares e Francisca Quirina da Conceição. José Francisco Soares nasceu em Alagoa Grande, Paraíba, no dia 5 de janeiro de 1914. Ainda menino se encantava “com os desafios entre violeiros-repentistas, emboladores de coco e com os folhetos de feira que os poetas declamavam” (Soares, [19--], s.p.). Conforme seu filho Marcelo Soares, publicou seu primeiro folheto, *Descrição do Brasil por estados*, em 1923, aos 15 anos, mas ainda não podia se dedicar integralmente à profissão. Trabalhou como almocreve, fez “bicos” como agricultor e se mudou, em 1934, para o Rio de Janeiro a fim de trabalhar como pedreiro, sem jamais deixar de publicar.

Ilustração 11 – José Francisco Soares



Fonte: Veja, Cordel para tudo, 1977, s.p.

É mesmo um cabra-da- peste, embora de humildes ares, Esse poeta-repórter De versos tão populares, Quem não conhece os folhetos Do vate José Soares?	Não falo de um Frei Caneca Da história do Brasil Mas de um homem do presente Bem educado e gentil Que faz da pena um escudo E da poesia um fuzil
--	---

(Barros, 1978, p. 1)

Retornando, em 1940, para o Nordeste, fixou residência em Recife, Pernambuco, e faleceu, em 1961, em Timbaúba. José Soares, montou sua banca de folhetos no oitão do Mercado de São José, onde vendeu suas obras e de outros poetas (Ribeiro, [19--]). Torcedor 01 do Santa Cruz Esporte Clube, cobriu a boa fase do time entre os anos 60 e 70, imortalizada em seus cordéis noticiosos, como: *Chegou o Santa Cruz, a máquina de fazer gols, Santa, Campeão 73!*. Todavia, seus folhetos assinados com “Poeta-repórter” não se restringiam ao universo futebolístico, tinha faro para identificar assuntos que eram do interesse do povo e uma rapidez invejável para produzir e vender folhetos antes que caíssem no esquecimento. Suas obras com mais edições foram as que tratavam dos acontecimentos políticos, a título de exemplo “obteve sucessos, como *A renúncia de Jânio Quadros*, com 60 mil exemplares vendidos, *O assassinato de Kennedy*, que vendeu mais 40 mil cópias” (Ribeiro, [19--], s.p.).

4.1.4 Rodolfo Coelho Cavalcante (1919-1987)

Nomeado “O Rei do Cordel” pelo poeta Minelvino Francisco Silva, em seu folheto biográfico, pois ele “mostrou seu grande valor, e muita capacidade de um grande trovador” (Silva, [19--], p.2). Rodolfo Coelho Cavalcante (Ilustração 13), sem pseudônimos ou apelidos, filho de Arthur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante, nasceu em Rio Largo, Alagoas, no dia 12 de março de 1919: “No coração reina o amor! ... Para a notícia: — os jornais, na “Terra dos Marechais”, nasceu este trovador!” (Cavalcante, 1977, p.8). Criado pelos avós maternos, Florisbela e Antonio Coelho Cavalcanti, aprendeu a ler com a sua avó e a recitar versos com seu avô e os “parentes, vizinhos e amigos se deleitavam ao ver o pequeno Rodolfo declamar com desenvoltura” (Andrade, 2012, s.p.).

Aos oito anos de idade voltou a morar com seus pais, em Maceió, e pelas dificuldades se afastou do ambiente escolar, terminando apenas o ensino fundamental, por ter que contribuir com o orçamento familiar. Conseguiu um emprego cuja função era atrair clientes, para isso “ele inventava versos adaptando letras de músicas conhecidas para cantar

em frente da loja (Andrade, 2012, s.p.). Fugiu de casa inúmeras vezes e, ainda adolescente, percorreu o Norte e Nordeste trabalhando como camelô — “vendeu até pedra tipo seixo, convencendo os fregueses de que elas tinham poder de cura” (Andrade, 2012, s.p.) — e no circo como o palhaço “Pirulito”. Na Paraíba, na década de 1930, durante suas constantes fugas e voltas para casa, Rodolfo Coelho Cavalcante teve um dos seus primeiros encontros marcantes com os folhetos. Demonstrando sua inata habilidade como comunicador, deu início à sua trajetória como vendedor dos cordéis do renomado poeta João Martins de Athayde, chegou a ser preso por vendê-los, pois na época os poetas eram perseguidos pelas autoridades.

Ilustração 12 – Rodolfo Coelho Cavalcante



Fonte: Homero do Rêgo Barros, ABC do Trovador Rodolfo Coelho Cavalcante (1978, s.p.).

Em suas andanças pelo Nordeste, conheceu Hilda Moreira, em Conceição do Canindé, no Piauí, e casaram-se em 1939. Conforme Andrade (2012), Rodolfo se estabeleceu na capital, Teresina, montando um ponto de miudezas e cordéis, onde iniciou sua vocação como cordelista com o folheto *Os clamores dos incêndios em Teresina*, se transformando no trovador “especialista em folhetos de oito páginas” (Cavalcante, 1979, p. 8). Estes, entre 8 e 16 páginas, destinados especificamente aos folhetos cujos conteúdos abordassem pelepas ou um caso jornalístico, pois “se quer contar a história de um trágico acidente rodoviário, isto é matéria para um folheto, o qual só pode ter 8 ou 16 páginas. [...] nem menos, nem mais”

(Abreu, 1999, p. 113). No entanto, com problemas no pequeno comércio, quebrou e teve prejuízos, “Chateado, mudou-se, em 1945, para a cidade de Salvador, Bahia” (Andrade, 2012, s.p.), uma das regiões mais profícuas para a venda de cordéis.

Rodolfo C. Cavalcante	Rodolfo escrevendo versos
Desempenhou seu papel	Mostrou seu grande valor
Na trajetória do verso	E muita capacidade
E na poesia fiel	De um grande trovador,
Por isso merece o título	Mudou-se para Bahia
Pra ser “O Rei do Cordel”	Foi morar em Salvador. (Silva, [19--], p. 3)

Na Bahia, aproveitou as efervescências políticas da época para produzir folhetos atuais que chamariam a atenção de seus leitores, por exemplo, em 1949, dois dias depois da queda de Getúlio Vargas, Rodolfo publica a *Volta de Getúlio*, no qual o poeta se utiliza de metáforas e hipérboles para evidenciar em seus versos proféticos que “Pode o rio não correr, o oceano secar [...] Se Getúlio não voltar”, o sucesso foi tanto que as primeiras mil cópias se esgotaram em dois dias. Em 1946, quando a Bahia determinou quem seria seu governador, o poeta não perdeu a ocasião e publicou o folheto *ABC de Otávio Mangabeira*, no dia 5 de novembro, em oferecimento ao “Ao Exmo. Snr. Dr. Otávio Mangabeira, D. D. Governador do estado” (Cavalcante, 1949, p. 9). O tributo lhe rendeu uma reunião com o governador, na qual ele ousou citar a falta de liberdade para vender folhetos, em resposta Otávio determinou que o poeta podia comercializar seu trabalho em qualquer praça da Bahia (Andrade, 2012).

Com a liberdade garantida, Rodolfo deu um passo importantíssimo para a cultura do folheto nordestino, pois motivado pelo III Congresso Brasileiro de Escritores, idealizou a possibilidade de um evento dessa magnitude para os poetas populares (Andrade, 2012). Para tal fim estabeleceu contato com pessoas influentes em níveis cultural, político e econômico. Em 1954, conseguiu a oportunidade de escrever a coluna *Quando falam os trovadores*, do jornal *Diário da Bahia*. Atuando como jornalista, chegou a fundar três jornais sobre a cultura popular, *A Voz do Trovador*, *O Trovador e Brasil Poético*²⁵ (Andrade, 2012; Pinto, [20--]). A intenção de criar um Congresso partia da ideia de arquitetar uma “Associação dos Trovadores, Violeiros e Vendedores de Histórias em Versos”, a fim de ajudar os

trovadores nas suas necessidades financeiras, cooperar para a fundação em cada capital e cidade da 'Casa do Trovador', assegurar direitos autorais, editoriais, proteger os trovadores em caso de emergência, juridicamente, dentro das possibilidades da Associação e se possível, beneficiá-los em caso de doença e

²⁵ Não encontramos nenhuma edição dos jornais citados. No entanto, encontramos nas páginas do jornal *Imprensa Popular*, do Rio de Janeiro, no dia 23 de janeiro de 1995, uma menção a um dos jornais: “Um jornal, intitulado a ‘Voz do Trovador’, foi fundado como propaganda do Congresso” (I Congresso [...], 1955, s.p.).

falecimento dos seus associados (I Congresso, 1955, s.p.).

No ano seguinte, em 1955, atuando como diretor do periódico *O Roteiro* e secretário da Associação de Imprensa da Bahia, Rodolfo Cavalcante conseguiu realizar o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, do dia 1 a 5 de julho. A adesão do congresso foi de tal maneira que escritores brasileiros marcaram presença e segundo o jornal *Folha da Noite*, de São Paulo, em 28 de março, “a comissão do referido congresso é constituída por Orígenes Lessa, Herbert Moraes, José Lins do Rego, Jorge Amado, Procópio Ferreira, Almirante, Antonio Maria, Marisa Lira, José Condé, Manuel Barcelos e outros” (*Folha da Noite*, 1955, s.p.). Como resultado, foi fundada a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros, contudo alguns membros cogitaram transformá-la em um instrumento político partidário²⁶. Insatisfeito com a ideia, se demitiu da presidência em agosto de 1956, ocasionando o fim da associação. Fundou, em 1958, o Grêmio Brasileiro de Trovadores, também efêmero, considerando que “a ideia de reunir, na mesma organização, representantes de movimentos literários diferentes, provocou muitas divergências” (Andrade, 2012, s.p.). Ainda assim, conseguiu organizar o II Congresso de Trovadores e Violeiros, em setembro de 1960.

Mais tarde, em 1960, insistentemente, organizou sua terceira tentativa de unir a classe na Ordem Brasileira de Literatura de Cordel, a qual acompanhou até o fim da vida. Rodolfo Coelho Cavalcante morreu no dia 7 de outubro de 1986. Estava em plena atividade, com quase dois mil folhetos escritos, quando se envolveu em um acidente automobilístico no qual foi atropelado em frente a sua casa. O “seu trágico desaparecimento causou comoção geral” (Andrade, 2012, s.p.). A estranheza desse acontecimento é que Rodolfo Cavalcante previu a morte em sua última produção enviada para o II Concurso de Trovas de Belém do Pará.

Quando este mundo eu deixar,
A ninguém direi adeus.
Dos poetas quero levar
Suas trovas para Deus²⁷.

(Cavalcante, 1986, s.p.)

²⁶ Não conseguimos determinar ao certo as aspirações políticas de Rodolfo Cavalcante, pois ele sempre demonstra uma “neutralidade” ou um pensamento comum e as poucas vezes que se posiciona é para elogiar rasamente alguns políticos. Todavia, há alguns registros em seus cordéis de sua opinião sobre uma teoria política desconhecida, que presumimos ser de origem brasileira, chamada “esporismo” com teor religioso-nacionalista excessivo, criada por Mário Linário Leal, com aparições nos folhetos: *Mário Linário Leal, Sua Vida e Suas Obras - Sua mensagem de Fé* (1984), *Dr. Álvaro Alcântara, o poeta da luta* (1984), *O esporismo vem aí* (1984).

²⁷ Não encontramos o registro completo da última trova do poeta.

4.1.5 Apolônio Alves dos Santos (1926-1998)

O Menestrel de Guarabira, assim assinava e era conhecido o poeta Apolônio Alves dos Santos (Ilustração 14). Filho de Francisco Alves dos Santos e Antônia Maria da Conceição. Nasceu em 20 de setembro de 1926, em Serraria, Paraíba, mas foi registrado em Guarabira, para onde se mudou ainda menino. Começou a escrever folhetos aos 20 anos, seu primeiro folheto foi *Maria cara de pau e o príncipe Gregoriano*. Em 1950, aos 24 anos, foi morar no Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida: “ele nunca tinha trabalhado em construção, mas a seca arrojou tanto no seu amado torrão que ele foi obrigado abandonar o sertão” (Santos, 1982, p.1)”. Lá atuou como pedreiro ladrilheiro e em 1960 foi trabalhar em uma construção em Brasília, sem abandonar a sua vocação para poeta continuou escrevendo o folheto *A construção de Brasília e a sua inauguração*.

No ano seguinte retornou ao Rio de Janeiro, e escreveu o cordel *Discussão do Carioca com o Pau-de-Arara*, no qual ele destaca o preconceito sofrido: “O carioca rompeu /nordestino é curioso/ além de ter olho grande/ é demais ambicioso/ chega aqui se amaloca/ na terra do carioca doente tuberculoso” (Santos, [19--], p.4). No Rio o poeta atuou principalmente na Feira de São Cristóvão, conhecida popularmente como a Feira dos nordestinos, sobre a qual escreveu, em 1981, o cordel *A feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão – RJ*, que tinha “poetas violeiros/ cada qual bom menestrel/ e vários revendedores/ de folheto de cordel/ e boas comidas típicas/ buchada e sarapatel” (Santos, 1981, p. 1). Sobre a atuação do poeta-repórter na feira, o cordelista Gonçalo Ferreira da Silva afirma, em seu pequeno folheto de despedida, que foi onde mais atuou “divulgando sua poesia/ exibindo o que criou” (Silva, 1998, p.1)

Na feira de São Cristóvão
foi que mais tempo atuou
divulgando a poesia,
exibindo o que criou
mostrando o que produziu
transmitindo o que sentiu
e o ideal que abraçou

O Apolônio era simples
como os versos que escrevia
um andar harmonioso
como as rimas que fazia
conduta moral perfeita
alma certamente eleita
no reino da poesia

(Silva, 1998, p.1)

Ilustração 13 – Apolônio Alves dos Santos



Fonte: Apolônio Alves dos Santos, *As Bravuras de Ismael em Defesa do Amor*, ([19--], p.16).

Não se sabe quando, mas o poeta retornou para suas terras paraibanas e viveu até seus últimos dias em Campina Grande. Apolônio escreveu cerca de 206 folhetos, dentre os quais abordou as notícias do interesse do povo, como: *ABC da URV ou O Real a nova moeda brasileira*, *Os sofrimentos dos pobres que pagam o INPS*, *O ABC do feijão e os tumultos nas filas*, *Eleições diretas já*, *Greve Crise e Carestia no Brasil dos Tubarões*, entre outros. O poeta faleceu, aos 72 anos, em 1998, e sua última obra reproduz como foram seus últimos dias.

Com tantas complicações
Minha vida se declina
Estou confiando em Deus
E na Santa Medicina
Combatendo a diabete
Na base da insulina.

Peço a todos os Santos
Que venham me socorrer
Em nome de Jesus Cristo
Com vosso imenso poder
Venham salvar minha vida
Me defendam de morrer

(Alves, 1998, p.2)

4.1.6 Raimundo Santa Helena (1926-2018)

A sua cabeça nasceu na Paraíba e o corpo nasceu no Ceará (Helena, 1980), “porque sua mãe, cearense, queria, pelo menos, um filho conterrâneo... não deu!” (Helena, 1986, p.5). Este é Raimundo Luiz do Nascimento (Ilustração 15), mais conhecido como Raimundo Santa Helena, ou só Santa Helena. Filho de Raimundo Luiz e Rosa Ferreira do Nascimento. Veio ao mundo na Paraíba, no dia 6 de abril de 1926, no município de Santa Helena, fundado por seu pai, “o posseiro legal número um” (Helena, 1986, p. 5), localizado rente ao Ceará. No ano seguinte ao seu nascimento, Santa Helena, perdeu o pai, assassinado pelo bando de Lampião e 65 cangaceiros, que “invadiram e incendiaram a cidade” (Helena, 1980, p. 9). Escreveu vários cordéis sobre o caso, dentre eles *Lampião e o sangue de meu pai*, *Lampião e minha mãe violentada*. Nesse último o poeta faz um desabafo depois do suicídio de sua mãe, “quando a sociedade descascou a cicatriz...” (Helena, 1997, p. 12) ao levantar como troféu uma estátua de Lampião, em Serra Talhada, Pernambuco. Sua mãe estava grávida de 5 meses, quando o “sanguissedento bandido/ No dia 9 do mês/ De junto de vinte e sete/ Desrespeitou gravidez/ De minha mamãe querida/ Matou meu pai/ Em seguida/ Na minha mamãe fez sordidez. / [...] Minha mãe atrás ferraram/ Pela frente torturaram” (Helena, 1997, p. 12-13).

Aos 11 anos fugiu de casa em um velho trem de madeira “para matar Lampião” (Helena, 1980, p. 9). Teve que sustentar sua mãe e trabalhou como vaqueiro e lenhador, cuja lenha era vendida em Iguatu, no Ceará, onde começou a escrever cordéis. Trabalhou na construção do quebra-mar, em Fortaleza, pescador, peixeiro, camelô, caixeiro, cambista, empregado de pensões, vendedor ambulante, trocador de ônibus. Dentre suas outras profissões, em 1943, ingressou na Marinha do Brasil e enquanto fazia o último teste prático em alto-mar, do Curso de Tática anti-submarina, um superior o pegou rascunhando um poema “Solidão de Marinheiro”, em um pedaço de papel higiênico, o poeta afirma que:

Discretamente escondi o papel no meio de um sanduíche e fingi que estava comendo. O chefe percebeu o disfarce e mandou que eu comesse de verdade. Esperou um pouco, arrebatou o resto do sanduíche e leu o que sobrara de meus versos, dizendo: “Que vergonha para o Brasil - em plena guerra um marinheiro na hora do expediente faz versinho de merda! Você está preso!” (Helena, 1980, p. 12)

Em 1945, aos 19 anos, escreveu seu primeiro cordel publicado a bordo do navio Bracuí, após o fim da Segunda Guerra Mundial, intitulado “Fim da Guerra”: “Hoje terminou a guerra/ De irmão contra irmão/ Voltarei à minha terra/ Vou plantar no meu sertão” (Helena,

1945, p.1). Mais tarde, chegou a publicar cerca de 300 títulos publicados, circulando em 10 línguas — português, espanhol, inglês, russo, japonês, alemão, francês, holandês, esperanto e italiano —, uma inovação, a escrita de folhetos bilíngues, como o *Brazilian Amazônia*. O poeta foi citado pela imprensa em torno de 1500 vezes, com “425 recortes de jornais e 100 gravações de rádio e na TV (Helena, 1986). Foi criador da CORDEL-RIO e a CORDEL BRÁS. Com um currículo vasto, formou-se em Jornalismo, fez seis meses de Letras, dois meses de Filosofia na UFRJ, estudou russo por dois anos e quatro anos de inglês na Universidade de Illinois. Em 1986, recebeu uma oferta de 10 mil dólares de uma universidade estrangeira pelo seu acervo de Cordel, mas resolveu doá-lo à Casa de Cultura São Saruê, no Rio de Janeiro (Helena, 1986).

Ilustração 14 – Raimundo Santa Helena



Fonte: Rodolfo Coelho Cavalcante, O Cangaço (1984, p.1)

Nascido na Paraíba
Lá no Ceará viveu,
Foi até ao Maranhão,
Em Fortaleza sofreu
Seus golpes mais dolorosos
Nos seus anos inditosos
Ao depois que o pai morreu.

Caboclo paraibano
Cabra macho decidido,
Raimundo de Santa Helena
Sempre homem resolvido
Sofria de toda sorte
Sem nunca temer a morte
mesmo sendo coagido.
(Cavalcante, 1984, p. 2)

Seus cordéis abordaram diversas temáticas, dentre elas o cangaço, biografias, educação sexual, saúde e notícias que estavam em alta divulgadas pela mídia impressa, radiofônica ou televisiva. Inclusive para compor seus folhetos noticiosos mantinha uma rotina específica a fim de garantir a veracidade dos fatos, ele selecionava três notícias divulgadas em meios diferentes, selecionava as que coincidiam e construía seus versos exprimindo sua opinião sobre as mídias coletadas (Paranhos, 2018). Além disso, algo característico em seus cordéis, que indicam uma intertextualidade explícita com os meios de comunicação, são os recortes de jornais que ele inclui sobre o fato noticiado. O poeta morreu em 2018, aos 92 anos, deixando um valioso legado literário-jornalístico para a tradição de poetas-repórteres.

4.1.7 Gonçalo Ferreira da Silva (1937-2022)

“A poesia gonçalina/ tem esta destinação/ tentar abrandar o ódio/ do mais duro coração/ espalhar luz entre os homens/ espancando a escuridão” (Silva, [19--], p.1), esta que pertence ao contista, ensaísta, poeta e cordelista cearense conhecido, sem apelidos, abreviações ou pseudônimos, como Gonçalo Ferreira da Silva. Filho de Osório Ferreira da Silva e Francisca Gomes da Silva, “ou dona Mocinha/ como era conhecida/ em menos de uma hora/ dava à luz nova vida/ que teria uma infância/ extremamente sofrida” (Silva, [19--], p.4). Nasceu no dia 20 de dezembro de 1937, na cidade de Ipu, Ceará. Nos primeiros anos, teve bronquite e aos quatro a poliomelite, as pernas “de Gonçalo o enganavam/ pensando que tinha força/ por ver que os outros andavam/ mas faltava o equilíbrio/ que as pernas lhe enganavam” (Silva, [19--], p.4). Aos dez anos acompanhava os cantadores e arriscava improvisos como se já fosse um deles (Silva, 1997), “os versos de improviso/ já lhe afloravam à mente/ pronunciando talvez/ um cantador de repente (Silva, [19--], p. 4)

Faltava voz, todavia,
para cantar improviso
porém no verso era mestre,
no repente era preciso
as rimas voavam prontas
das entranhas do juízo

Daí pra frente, Gonçalo
passou a ser festejado,
querido pelos parentes,
por vates admirado
por grande poeta, tido
pelo povo respeitado.

(Silva, [19--], p. 5)

Ilustração 15 – Gonçalo Ferreira da Silva



Fonte: José Rodrigues Ferreira (2022, s.p.)

Aos 13 anos se mudou para o Rio de Janeiro, e disse ao seu pai, sem qualquer atrevimento ou ofensa: “— Hoje desprezarei nossa tapera/ se o senhor me fizer autorizado./ — Vá, meu filho, com Deus e com cuidado/ naquela ocasião meu pai dissera/. E saí, imaturo ainda era/ mas me pus a lembrar o meu passado” (Silva, [19--], p. 8). No estado fluminense obteve educação formal e estudou o 1º e o 2º grau no Liceu Literário Português. Ainda jovem, com 18 anos, começou a trabalhar na Rádio MEC, onde permaneceu até 1978. Entre esse período publicou seus primeiros cordéis intitulados *Punhos Rígidos* e *Meninos de rua e a chacina da Candelária*, este traduzido para francês, por Jean-Louis Christinat, como *Enfants des rues et le massacre de la Candelária*, e seu livro *Um Resto de Razão*. Além disso, ingressou no curso de Letras e formou-se em 1973 na PUC/RJ.

Inclusive foram os estudos sobre a cultura popular que motivaram o início de sua vocação como cordelista, pois nesse tempo começou a frequentar a Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Anos mais tarde, atuou como redator do jornal *A Voz do Nordeste* e da revista

Abnorte-Sul. Um de seus trabalhos mais importantes para a cultura da poesia popular foi a fundação da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (Ilustração 17) — na qual foi presidente de 1988 a 1996 — junto a Umberto Peregrino, com o intuito de preservar o folheto, pois o “cordel ensinou o Nordeste a ler” (Silva, 2011, s.p.). E eles “tocados, naturalmente/ por pensamento divino/ o presidente Gonçalo/ e o general Peregrino/ fizeram São Saruê/ e nossa ABLC/ unidas num só destino” (Silva, 1994, p. 4)

As temáticas abordadas em seus folhetos eram as mais variadas e abrangia lendas, crenças, romances, biografias, ciência, política, cangaço, notícias da atualidade, que frequentemente versavam sobre aspecto político e social. Gonçalo Ferreira da Silva era um amante do dicionário, sua variedade de vocabulários o distingue de outros poetas. Em seus cordéis “podemos notar a sinceridade, um agudo e natural senso de crítica e um frescor de palavras e imagens que restauram na gente o interesse pela poesia” (Ayala, [19--], p. 12). O poeta-repórter nos deixou em 2022, aos 82 anos, no Rio de Janeiro, vítima de falência múltipla de órgãos. Mesmo assim, seu legado para a poesia popular é vasto: “Se eu morresse hoje, já teria escrito sobre tudo que gostaria. Da Grécia de Homero ao massacre de Realengo” (Silva, 2011, s.p.).”

Ilustração 17 – Brasão da Academia Brasileira de Literatura de Cordel



Fonte: Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

4.2 A literatura-jornalística nos folhetos

O folheto com seu teor literário-jornalístico nasceu, no século XIX, sem pretensões noticiosas a partir da necessidade de obter informação segura com uma linguagem popular e barata. Em suma, chegou para suprir uma deficiência, um atraso e o silêncio (A ciência [...], 1980), uma vez que em lugares mais distantes “qualquer notícia maior chegava aos retalhos, quando chegava” (A ciência [...], 1980, p. 33). O trabalho híbrido desempenhado por poetas-repórteres se originou do compromisso implícito com seu público em tratar com sinceridade a vida dessas pessoas e do próprio cordelista. Estes que não são “nem os conservadores, como se os queriam Roberto Benjamin e Veríssimo de Melo, nem aguerridos líderes populares prontos para conduzir seus companheiros a lutas de reconquistas” (Luyten, 1984, p. 27). Sua produção é nada mais e nada menos do que o fruto do contexto social, no qual estavam inseridos.

Para definição e análise das obras desses poetas com dupla função, caracterizamos esse fenômeno como um gênero literário-jornalístico. Essa designação se faz necessária, por exigir uma investigação que considere as várias faces do cordel, sem exclusões. Uma vez que ao limitarmos nossa compreensão apenas ao aspecto jornalístico (como definido por Luyten, 1984, e Lima, 1975) nega-se a existência de uma tradição literária que persiste há décadas e a reduz a uma mera influência (Zhirmunsky, 1967), deixando de reconhecer sua contribuição para a cultura popular (Canclini, 1983). Nesse sentido, examinamos como essa forma híbrida de expressão expôs os acontecimentos políticos e sociais do país, sem se afastar de suas particularidades, através de um registro literário.

Ao reconhecer a presença desse intergênero, fica evidente que nos cordéis, os eu-líricos mantêm uma proximidade intrínseca com seus autores. A pesquisa revela que, nos folhetos, os versos compartilham espaço não apenas com a expressão poética, mas também com informações e opiniões. É notável observar que, nos poemas de cunho noticioso, o eu-lírico não é uma entidade fictícia criada pelo cordelista; ao contrário, representa diretamente as opiniões do próprio autor. Esse aspecto reforça a originalidade do cordelista como poeta-repórter e escritor operativo (Benjamin, 1934). Dessa forma, a finalidade desta análise foi identificar como os poetas conseguiram criar um gênero literário-jornalístico sem se distanciar de suas especificidades literárias e culturais, ao mesmo tempo, em que registraram a conjuntura de sua época.

Para alcançar esse objetivo, optamos por selecionar, entre as diversas temáticas disponíveis, os folhetos com conteúdo político e social, dentre os quais destacamos o

subtema: crise econômica e social, visto a seguir. Embora existam outras classes temáticas igualmente relevantes, como agricultura, biografia e personalidades, bravuras e valentia, cidade e vida urbana, ciência, crimes, cultura, esportes, intempéries, justiça, morte, saúde-doença, a escolha pela classe “política e social” é baseada na convicção de que esta oferece uma conexão mais profunda com os autores dos folhetos, permitindo-nos mergulhar em discursos intimamente alinhados a um contexto social específico. Essa opção proporciona uma abordagem enriquecedora, permitindo uma compreensão mais aprofundada das nuances das interações entre a realidade social e as representações presentes nos folhetos selecionados.

4.2.1 Crise econômica e social

Considerando o ciclo temático escolhido — Político e Social — para delimitar nossa análise, procedemos à categorização dos folhetos por subtemas, buscando assegurar uma investigação detalhada. Nesta seção, dirigimos nossa atenção para o subtema “Crise econômica e social”. Optamos por essa abordagem por perceber que este subtema serve como elo, conectando-se à maioria dos conteúdos abordados no tema principal, tais como carestia, fome, greves, impostos, inflação, luta pela terra, massacres, e outros temas relevantes. Essa categorização não apenas nos permitiu compreender as especificidades do gênero literário-jornalístico presente nos folhetos, mas também revelou como os aspectos informativos estão intrinsecamente entrelaçados às experiências pessoais e cotidianas dos poetas e de seus leitores e o ponto de vista autêntico dos poetas-repórteres proporciona uma perspectiva genuína das crises e dos processos políticos que marcaram o século XX.

4.2.1.1 A crise actual e o aumento do selo (1913), de Leandro Gomes de Barros

Além da guerra Européa
Trazer tudo atormentado
Não entra genero, e nem sai
O commercio está parado
A ceca tomou a frente
Está o Brazil sitiado.

No sertão não houve enverno
No sul tambem não chueu
Nos brejos mais na catinga
Nem sereno apareceu
Está de uma forma este anno
Que nem o sapé nasseu.

(Barros, 1913, p.1)

Escrito em sextilhas, o folheto literário-jornalístico de Leandro Gomes de Barros, publicado em 1913, de \$ 1 réis — diferente dos jornais avulsos que custavam entre \$ 100 e \$ 600 réis —, marca um registro histórico de como as Guerras Balcânicas (1912-1913) trouxeram danos para economia brasileira, causando uma crise interna. Uma vez que, em 1913, o abundante “capital estrangeiro que o Brasil recebia praticamente cessou e a situação se complicou ainda mais quando as matrizes dos bancos europeus decidiram concentrar os recursos em seus países de origem” (Menezes, 2015, p. 15). Em relação a isso, o cordelista destaca: “Não entra gênero, e nem sai/ O comércio está parado” (Barros, 1913, p.1). Para evidenciar a amplitude da crise, o poeta faz uma decodificação de conteúdo ao comparar a instabilidade econômica com a seca — “No sertão não houve inverno/No sul também não chueu” (Barros, 1913, p.1) —, um cenário recorrente no nordeste.

O governo vendo isso
Disse ao povo estou disposto
Se o anno for todo ceco
Não chover até agosto
Eu mando romper a banca
Aungmento mais o imposto.

A ceca ataca o sertão
A crise circula a praça
Tanto que eu creio que esto anno
Sobe tudo na fumaça,
Só ficará no Brazil
O imposto e a desgraça.

Ninguem tem a quem queixar-se
A derrota está na, vista
Doutor já está procurando
Um emprego de foguista
Já tem padre de batina
De algodão-zinho da paulista.

O arcebispo já disse
Se a cousa não melhorar
Eu vou trocar o cajado
Por um ansol vou pescar
Até ver si inda aparece
O que se possa ganhar.

(Barros, 1913, p. 1-2)

Em seus versos o poeta registra como os eventos externos, relacionados às guerras europeias que foram o estopim para a Primeira Guerra Mundial, modificaram a política econômica brasileira. O registro dessa situação, sob a perspectiva da população, é primordial para compreender quais foram as soluções governamentais fornecidas para resolver a crise e como a população viveu com tais decisões. Conforme Menezes (2015), encontrar registros

históricos que relacionam as guerras europeias e a crise econômica brasileira foi um desafio. Isso evidencia a importância dos folhetos como um registro histórico, considerando que ele é integrante de um contexto específico, pois nele há: os motivos que ocasionaram a crise, “guerra Européa/ Trazer tudo atormentado”; a solução política do governo, “O governo vendo isso/ Disse ao povo estou disposto [...]/ Eu mando romper a banca/ Augmento mais o imposto”; e como o povo se comportou frente a crise, “Doutor já está procurando/ Um emprego de foguista/ Já tem padre de batina/ De algodão-zinho da paulista” (Barros, 1913, p. 1-2).

Como uma literatura-jornalística, é explícito que além de apresentar o registro da atualidade e o retrato da conjuntura política e econômica, o cordelista inclui em sua construção literária a opinião pública de diversos setores da sociedade civil: “Diz o bispo esta Semana, /Sabe o que me aconteceu? O vinho que levei para a missa/ Um desgraçado bebeu” ; “Disse um fiscal: eu tambem/ Me vejo tão derrotado!”; “Então diz o pescador/ A crise está se damnando/ A guerra não tem mais fim” (Barros, 1913, p. 2-3). Em resposta às dificuldades da população e a situação, de acordo com Leandro Gomes de Barros, o governo respondeu com aumento de impostos: “Eu vi o povo chorar/ Isto causou-me um desgosto/ [...]/ Pra ver se o melhorava/ aumentei mais o imposto” (Barros, 1913, p. 9). Taxando, até os atos, contratos, documentos, títulos, que geralmente possuem uma taxa proporcional, mas nesse período tinha um valor fixo de \$ 300 réis, conforme o Jornal do Commercio (1913).

Primeiramente ordenei
Que sellasse até o mundo
Foi um echo sem igual
Foi um suspiro profundo
Botar trez sellos em lata
Na tampa, no meio, é no fundo.

Ordenei mais que um noivo
Pretendendo a se cazar
Sellar-se elle e a mãe
O pai tem de se sellar;
E o pai da propria noiva
Precisa se carimbar,

A sogra do noivo não,
Não é preciso sellar
A sogra, a cobra o lacrau,
Estão isentos de pagar
Graças ao veneno desses
Sempre poderam escapar

[...]

Tudo agora leva sello
Não se reserva ninguem

Quem é quem vai ou quem vem
Até eu já estou com mêdo
Não leve sêllo tambem.

(Barros, 1913, p. 10-11)

Nessas sextilhas, o cordelista realça a opinião pública sobre o Imposto do Selo e as cobranças absurdas através do uso de hipérbole, um exagero intencional, e manuseia criativamente o uso da palavra “sello” utilizando-a como sinônimo para as marcações e taxações exageradas do governo: “Tudo agora leva sello/ Até eu já estou com mêdo/ Não leve sêllo tambem” (Barros, 1913, p. 11) . Além disso, evidencia discretamente a insatisfação popular em torno das isenções das taxas para alguns setores através do humor e o ódio folclórico às sogras: “A sogra do noivo não, / Não é preciso sellar/ A sogra, a cobra o lacrau, / Estão isentos de pagar” (Barros, 1912, p. 11). Por fim, os versos seguintes que fecham o folheto contêm uma sátira com teor religioso, a morte de um fiscal que teve que “dar contas ao Eterno” (Barros, 1913, p. 13-14), que representa explicitamente como a população se sente em relação ao profissional de fiscalização. Este desprezado por Deus, pelo diabo e pelo purgatório: “Não quiz, nem p'ra derretel-o” (Barros, 1913, p. 13-14).

Morreu um dia um fiscal
Foi dar contas ao Eterno
Chegou lá, Deus perguntou-lhe
Rapaz, quede seu caderno?
Disse o fiscal: dei-o hontem
Ao caixeiro do inferno

Então Deus lhe perguntou
Porque não trouxe comsigo?
Disse o fiscal é porque
Aqui eu tenho inimigo
Os empregados do mundo
Tudo aqui correm perigo

Lá, eu empatei um santo
Pedir esmola na feira,
No dia que fiz um padre
Sellar uma padroeira
Fiz a proscissão dos Passos
Sahir em toda carreira

Até o velho diabo
Sahiu com muito desgosto
Queria atentar a gente
É não pagar o imposto,
Eu em lugar de fiscal
Não havia estar desposto

O Eterno olhou-o e disse-lhe
 Já por allí cara dura
 Vá encharcar o inferno
 Com sua horrenda figura
 O diabo disse: volte!
 Eu quero é ver-lhe a lonjura.

Voltou para o pulgatorio
 Foi o mesmo desmantello,
 Quizeram o apedrejar
 O porteiro não quiz vel-o
 Foi ao inferno, o diabo
 Não quiz, nem p'ra derretel-o.

(Barros, 1913, p. 13-14)

Em síntese, a análise do cordel *A crise actual e o aumento do selo* (1913), de Leandro Gomes de Barros, revela que os primeiros folhetos a serem considerados noticiosos são compostos por registros históricos, questões socioeconômicas e opinião pública a fim de garantir diversas visões sobre um mesmo assunto. Além disso, sem modificar sua estrutura literária, a narrativa é composta, principalmente, por recursos comuns nos cordéis, como: metáforas, hipérbole, sátiras e humor. Instrumentos utilizados sabiamente por poetas-repórteres que conseguem decodificar assuntos complexos para uma linguagem popular. Portanto, ao combinar elementos poéticos com uma perspectiva informativa e crítica, podemos enquadrá-lo em uma literatura-jornalística, pois há uma combinação de características, uma intergenerecidade, sem que nenhuma sobreponha a outra.

4.2.1.2 *ABC da carestia* (1947), de Rodolfo Coelho Cavalcante

Trinta e quatro anos após a publicação do *A crise actual e o aumento do selo* (1913), Rodolfo Coelho Cavalcante escreveu, em 1947, o folheto *ABC da Carestia*, estruturado em septilhas, com o preço de Cr.\$ 1 — e os jornais em torno de Cr. \$ 0,50 e Cr.\$ 1. Entre esse período o Brasil, e o mundo, passaram pelos mais diversos acontecimentos, dentre eles é relevante destacar: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), no ano seguinte da publicação do cordel de Leandro Gomes de Barros; a ditadura Vargas (1930-1945); e Segunda Guerra Mundial (1939-1945); Eleição Presidencial (1945); general Eurico Gaspar Dutra eleito como presidente do Brasil (1945). O cordel analisado, de Rodolfo Coelho Cavalcante, foi escrito em um momento de “redemocratização” e ele destaca, principalmente, os preços dos produtos e a falta de moradia da época.

Assucar três e duzentos
 O kilo, sem se falar
 No peso que eles nos vendem
 Quem quiser vá reclamar
 Arroz é quatro cruzeiros
 Coitados dos brasileiros
 Do cambio negro sem par!

Bacalhau não tem tabela
 Vende lá como quizer
 De dezoito à vinte e cinco
 Come ele quem poder
 O pobre vive chorando
 O rico sempre zombando
 Isto mesmo é que ele quer!

Carne de boi e toucinho
 E mais outros mantimentos
 O rico só quer a carne
 Paga até 10 e quinhentos
 O pobre cheio de remorsos
 O geito é comer os ossos
 Pagando; seis e duzentos!

Diaría de qualquer hotel
 É vinte, trinta em diante
 Seja ela um pobresinho
 Que cave a vida ambulante
 Ou seja um capitalista
 A tabela está na vista
 Não quizer vá adiante

(Cavalcante, 1947, p.1-2)

De acordo com Sodré (1963), os efeitos da Segunda Guerra Mundial no Brasil foram tão profundos quanto os da Primeira Guerra, quiçá maiores, considerando que as condições se agravaram desde 1929 com a “Grande Depressão”. Para entendermos os efeitos da crise desse período e compreender a indignação expressada no folheto é relevante evidenciar que conforme o Decreto-Lei n.º 5.977, de 10 de novembro de 1943, o salário-mínimo entre Cr. \$ 170 e Cr \$ 290 e variava para cada região. Sobre isso, nos versos iniciais do cordel o poeta emprega um formato em “ABC”, com estrofes que correspondem ao alfabeto, a fim de relatar os preços altos dos produtos básicos de consumo: “Assucar três e duzentos /O kilo, sem se falar/ No peso que eles nos vendem/ Quem quiser vá reclamar/ Arroz é quatro cruzeiros /Coitados dos brasileiros” (Cavalcante, 1947, p.1).

Entre seu desabafo é possível identificar traços de ironia, principalmente, quando a crítica se dirige a qualidade dos produtos comprados, dentre os quais ele evidencia que “O pão agora é do bom/ Não é mais de tapioca/ Mas sempre vem premiado/ Com arame enferrujado/ Agulha, prego e minhoca” (Cavalcante, 1947, p. 3, grifo nosso); “Leite para nós

não falta/ Porem puro até duvido [...] Tudo enfim nosso mercado/ Está todo corrompido” (Cavalcante, 1947, p. 4). Além disso, nos versos podemos confirmar a presença marcante do autor em seus versos, sobretudo quando há uma interação direta com seu público, na qual se inclui criticamente: “Jamais vimos meus leitores/ Aqui dentro da Bahia/ Como em todo interior/ Tão horrível carestia /Os pobres vivem coitados/ “Oprimidos e cansados” (Cavalcante, 1947, p. 4); “Quantos não vivem leitores/ Sem roupa, sem lar, sem pão!” (Cavalcante, 1947, p. 6); “Oh! senhor “donos” da terra! Lhe peço de coração” (Cavalcante, 1947, p. 5). Entretanto, o contexto social desse período não envolve “só” os altos preços e os produtos adulterados, Rodolfo Cavalcante relata em seu folheto, também as questões de moradia: “Indigentes pelas ruas/ Publicamente mendigam/ Outros morrem nos abrigos/ Os ricos passam não ligam/ Tenho visto numerosos/ Famintos tuberculosos” (Cavalcante, 1947, p. 3).

Moradores do Estica
Corta Braço e o Japão
Fizeram suas casinhas
Para não viverem em vão
Estão sujeitos perderem
Pois a burguesia querem
Levem os pobres em questão

No Corta Braço faz gosto
Agente de perto ver
Casebres edificados
Tudo em ordem podem crer
Ate escola já tem
Oh! ricos vedes tambem
Que o pobre tambem é ser!

Oh! senhor “donos” da terra!
Lhe peço de coração:
Tenha pena destes pobres
Acabe com esta questão
Faça um acordo qualquer
Estes pobres tem mulher
Tem filhos para uma Nação!

(Cavalcante, 1947, p. 5)

No folheto, o poeta-repórter relata, ainda, em seus últimos versos, a questão da luta pela terra. A união temática no folheto justifica-se pela forma como as notícias eram organizadas em um jornal, na mesma edição — que podem, ou não, ter servido de referência para o folheto, pois não há uma indicação direta. Como não há separação por títulos, acreditamos que a escolha da estrutura do ABC foi intencional, pois o poeta consegue abordar

desde o aumento de preço das mercadorias, adulteração de produtos, demora dos transportes coletivos até a luta pela terra sob uma divisão alfabética, resultando no *ABC da Carestia*.

O formato sugere que Rodolfo Cavalcante fez uma seleção das temáticas mais relevantes desse período e construiu seu cordel. Essa publicação é importante para a época, considerando a forte censura nos jornais, que eram baratos em comparação aos cordéis, mas não abordavam o que a população precisava saber. Entendemos a dimensão dessas questões ao pesquisar palavras-chave — crise, carestia, aumento, luta pela terra, entre outras — na Hemeroteca, com foco nos jornais da Bahia, em 1947. Descobrimos que havia um total de “zero ocorrências”, com exceção do jornal *O Momento* (1948), órgão de imprensa do Partido Comunista do Brasil (PCB) do estado da Bahia, no qual encontramos manchetes como: “O Governo não pode permitir o aumento do pão”, “Água e luz para o Corta Braço”, “Os Tatuirs intensificam as violências contra as massas camponesas”.

Nessa análise, conseguimos identificar diversas temáticas que representam o período de carestia que a população vivia em 1947. Além disso, constatamos uma forma inovadora de produção de notícias, uma vez que o poeta-repórter apropriou-se de seus conhecimentos literários específicos do cordel para garantir que as informações fossem difundidas. Através de seu ABC, Rodolfo Cavalcante construiu um texto poético, composto por ironia, temáticas atuais, crítica pessoal e uma forte presença do poeta nos versos, cujos rastros denotam uma obra que consegue combinar diversos recursos e se encaixa perfeitamente na qualidade de uma literatura-jornalística.

Yalha-nos senhor! da fome!
Do homem sem coração
Da vida pecaminosa
Do ardil do Tubarão!
Do Cambio Negro da vida
Só tua luz é guarida,
Da nossa tribulação!

Xarque desapareceu
Para o pobre meu leitor

Yayá pegue o roário
Peça a virgem por favor
Nos livre da fome e a peste

Zefiro brando e celeste
Acende à chama do amor

FIM

(Cavalcante, 1947, p. 8)

4.2.1.3 O Aumento da Carne Verde (1959), de Cuíca de Santo Amaro

Em 1959, o Brasil conheceu Cacareco, a rinoceronte candidata a vereadora de São Paulo: “As ruas da cidade foram hoje pichadas com o lançamento sensacional da candidatura” (Cacareco [...], 1959, p. 21). A trama, que parece ter sido construída por cordelistas nordestinos, evidencia a insatisfação da população com os políticos da época e o motivo, estampado na mesma página, aparecia na manchete do jornal de alcance nacional *Correio da Manhã*: “Açougues permanecem sem carne apesar das promessas da COFAP” (Comissão Federal de Abastecimento e Preços).

Pouco mais de uma década após a publicação do folheto *ABC da Carestia* de Rodolfo Coelho Cavalcante, em 1959, a situação crítica, que não se restringia à capital paulista, também, ganhou destaque na literatura-jornalística de José Gomes, chamado popularmente como Cuíca de Santo Amaro “Ele o tal”, intitulada *O Aumento da Carne Verde*. Neste cordel o poeta-repórter aborda de forma crítica e discursiva — “Não ouve Deputados!/ Não ouve Vereadores/ Não ouve Secretarios/ Não ouve Senadores/ Que pudesse socorrer/ Os pobres trabalhadores” (Amaro, 1959, p. 1) — a instabilidade em torno do aumento e do desaparecimento da carne fresca, mais conhecida popularmente como “carne verde”. Além disso, notamos uma similaridade de organização temática, com foco nos assuntos atuais, pois assim como no jornal, Cuíca evidencia a crise da carne e na última página do cordel antecede a publicação de outro, que não podia faltar: “A SAIR: CACARÉCO o Rinoceronte que foi eleito a Vereador²⁸” (Amaro, 1959, p. 8).

Não ouve Deputados!
 Não ouve Vereadores
 Não ouve Secretarios
 Não ouve Senadores
 Que pudesse socorrer
 Os pobres trabalhadores.

Não ouve jornaes
 Com os seus noticiarios
 Não ouve emissoras
 Com os teus comentarios
 Que pudesse socorrer
 Os pobres dos operarios

²⁸ A título de contextualização, é relevante lembrar que o século XX ficou marcado com eleições peculiares, uma vez que o descontentamento com a política nacional levou o público a eleger, em protesto, animais de diversas partes do país: Bode Ioiô (1922), “eleito” vereador de Fortaleza, Ceará; Macaco Tião (1988) terceiro candidato mais votado para o cargo de prefeito do Rio de Janeiro; Mosquito *Aedes aegypti* (1988) “eleito” nas eleições municipais de Vila Velha, no Espírito Santo; além da Rinoceronte Cacareco (1959).

Nem o Paulo Santos Silva
 Nem os comandos popular
 Conseguiram sequer
 A ganancia refrear
 Nenhum representante
 Poude o povo salvar

O povo da nossa terra
 Sabia isto de cor
 Que os gananciosos
 São quem levam a melhor
 E o pobre operario
 É quem leva a pior

(Amaro, 1959, p.1)

De início, é relevante destacar que o folheto de Cuíca de Santo Amaro mantém um formato discursivo — “O povo da nossa terra/ Sabia de cor/ que os gananciosos/ São quem levam a melhor/ E o pobre operario/ É quem leva a pior” (Amaro, 1986, p. 1), como se tivesse sido produzido para a oralidade, e foi. O poeta mantinha uma rotina específica após a impressão de seus folhetos. Próximo ao elevador Lacerda, no Mercado Modelo, em Salvador, era rotineiro encontrar o poeta-repórter com seu chapéu de coco, “envelhecido de muitos invernos chuvosos” (Amado, 1986, p. 83), seus cartazes que anunciavam a notícia da vez, de rosto alegre e “cantando seus versos para os que passam” (Amado, 1986, p. 83). Sua obra era feita para a exposição pública, uma vez que o Boquirroto de Salvador não “perdoava” ninguém. E isto evidencia uma de suas características mais singulares, pois em suas sextilhas ele não poupa nomes, seja para elogios ou um veredicto popular — “Nem o Paulo Santos Silva/ Nem os comandos popular/ conseguiram sequer/ A ganância refrear/ Nenhum representante/ Poude o povo salvar” (Amaro, 1959, p. 1).

São sempre umas desculpas
 Aos pobres dos otarios
 Que não são outros senão
 Os pobres dos operários
 Dizendo-os que os Fazendeiros
 São os unicos usurarios

Ou então dizem eles
 que taes Abatedores
 Que a ganancia
 É d'ele... os criadores
 Em combinação
 Com os engordadores

Ou por isto, ou por aquilo
 Ao povo eu exclareço
 Ao meu subconsciente

Cegamente obedeço
 Para dizer ao povo!
 O Boi subiu de preço !!!

(Amaro, 1959, p. 4-5)

Nestes versos Cuíca esclarece os motivos para escrever sobre o caso. Ele aponta que uns jogam a culpa nos outros “por isto, ou por aquilo” (Amaro, 1959, p. 4), mas não houve quem “pudesse socorrer/ Os pobres trabalhadores” (Amaro, 1959, p. 4). Diante disso ele decide esclarecer ao povo as questões em torno do aumento da carne e em obediência ao subconsciente diz à população: “O Boi subiu de preço !!!” (Amaro, 1959, p. 4), este verso caracteriza uma ampliação de voz, dando ênfase à gravidade do assunto e marca a urgência de conscientizar o público para a crise em questão.

A COAP antigamente
 Para quem conhece a materia
 Uma coisa muito seria
 Para aumentar a fome
 E fomentar a miseria

Disto nós... os Bahianos
 Já viviamos inteirados
 A COAP que sempre tivera
 Homens descontrolados
 Servia unicamente
 Para enriquecer aliados

O seu Presidente?
 Como todos devem saber
 Na surdina... na calada
 Tratou de se encher
 Deixou como se diz
 O nosso povo sofrer

Para massacrar
 Os pobres trabalhadores
 Reuniu os conselheiros
 Eximios professôres
 Assinando o aumento
 Em favor dos Abatedores

(Amaro, 1959, p. 6-7)

Nas últimas páginas de seu folheto, Cuíca de Santo Amaro expõe para a população o órgão responsável pelo ajuste no preço do produto, COAP²⁹. Sobre a comissão

²⁹ De início acreditávamos que poderia tratar-se de um erro de digitação, considerando que nos jornais da época a sigla mais presente era COFAP (Comissão Federal de Abastecimento e Preços). Todavia, em uma busca mais detalhada descobrimos que a sigla destacada pelo poeta trata-se de um órgão auxiliar cujo trabalho era fixar preços e controlar o abastecimento nas capitais e demais territórios, conforme a Lei N.º. 1.522, de 26 de dezembro de 1951.

faz uma crítica aberta e irônica apontando que “A COAP antigamente/ Para quem conhece a materia/ Uma coisa muito seria / Para aumentar a fome/ E fomentar a miséria” (Amaro, 1959, p. 6). A ironia empregada se utiliza da expressão “muito séria” para demonstrar que um órgão de grande importância, ou não, foi o principal responsável pelo aumento da fome e por impulsionar a miséria.

Como costume, o poeta estreita ainda mais a lista dos culpados ao apontar que o presidente “Como todos devem saber/ Na surdina... na calada” (Amaro, 1959, p. 7), em outras palavras, furtivamente, assinou o aumento da carne em favor dos abatedores. Para finalizar, o poeta-repórter cede espaço em seu folheto noticioso e informativo, para apontar uma solução política: — “A sua unica esperança” (Amaro, 1959, p.8) Manoel da Graça Lessa comandando a COAP. O que demarca a opinião do autor, considerando que o homem destacado como “valoroso/ que não gosta de promessa” (Amaro, 1959, p. 8) é o mesmo sobre o qual já escreveu outros folhetos, como: *Homem? É o Lessa, Para prefeito de Salvador, Graça Lessa*, este apontado fervorosamente por Cuíca como “um homem cem por cento/ sobretudo consciente/ Honesto, justo, capaz/ E bastante competente” (Amaro, 1959, p. 7). A opinião demarca uma contradição no discurso de seu folheto, pois o mesmo poeta que defende o político em questão, foi o mesmo a criticar que “O povo só tem direito/ No dia da eleição/ [...]/ Neste dia tem o povo/ Tem dinheiro, tem pirão”, mas, posteriormente “O dinheiro se consome /O eleito desaparece/ e o povo volta a fome” (Amaro, 1959, p. 3).

4.2.1.4 *A Crise da Carne Verde e a matança de jégue (1974), de Rodolfo Cavalcante*

“A Divisão de Higiene da Prefeitura de Salvador apreendeu 300 quilos de carne de jégue, que vinha sendo vendida na feira de São Joaquim” (Carne [...], 1971, p. 11). Duas décadas após a publicação do cordel *O Aumento da Carne Verde*, Rodolfo Coelho Cavalcante publica o folheto *A Crise da Carne Verde e a matança de jégue* escrito em septilhas, com o preço de CR\$ 1,00, no qual expõe sua opinião sobre a atual crise e o aumento de exportação — para países europeus e asiáticos — de carne de jégue e declara que é um “crime sem igual” (Cavalcante, 1971, p. 4).

O Governo Brasileiro
Vendo a situação
De toda a nossa pobreza
Decretou para a Nação
Um novo tabelamento
Da Carne-Verde o alimento

De maior aceitação

Antes do tabelamento
 Carne-Verde não faltava
 Nos açougues das cidades
 Ao contrário: até sobrava
 A carne o rico comia:
 O pobre, coitado, via,
 Os ossos, mas não levava

Depois que a carne baixou
 Quase todo o Fazendeiro
 Foi escondendo o seu gado
 Esperando mais dinheiro
 E assim o povo aflito
 Começou comer cabrito
 Galinha, pai-de-chiqueiro...

Os jornais estão dizendo
 Que o povo vai comer
 Agora é carne-de-jegue
 Para poder resolver
 A triste situação,
 Pois é uma alimentação
 Nutritiva, pode crer.

(Cavalcante, 1971, p.1)

O poeta estrutura seu folheto semelhantemente a um artigo de opinião, entretanto antes de entrar nos pormenores contextualiza o leitor sobre o antes e o depois do tabelamento da carne fresca. Na leitura, é possível identificar o uso de ironia para tratar a situação passada, pois ele afirma que “Antes do tabelamento/ Carne-Verde não faltava/ [...]/ Ao contrário: até sobrava/ A carne o rico comia:/ O pobre, coitado, via,/ Os ossos, mas não levava” (Cavalcante, 1971, p.1). E o que se compreende desses versos é que a crise já estava em um estado alarmante antes do tabelamento, como vimos, também, no cordel do poeta-repórter Cuíca de Santo Amaro. Em seguida, as próximas estrofes marcam o desenrolar da situação com as consequências da nova precificação, visto que “Depois que a carne baixou/ Quase todo o Fazendeiro/ Foi escondendo o seu gado/ Esperando mais dinheiro” (Cavalcante, 1971, p. 1). Nessa conjuntura, o poeta, referenciando os comentários dos jornais — “[...] para o nutricionista e médico Jamesson Ferreira Lima, tem um teor alimentício e proteico, quase idêntico ao da carne bovina” (Alagoas [...], 1970, p. 10) —, julga que a falta de carne bovina abriu margem para a matança de jegue.

Não acredito jamais
 Que o nosso Presidente
 Consinta que se assassine
 O pobre jégue, inocente,
 Um animal tão sagrado,

Que ao País no passado
Tanto ajudou sua gente!...

Foi o Jégue que ajudou
A Santa Mãe de Jesus
Conduzir o seu filhinho-
Nosso Messias de Luz-
Para as Terras do Egito,
Conforme já estava escrito
Em ser o Mártir da Cruz!

No Brasil foi o transporte
Primeiro que deu o ingresso
No comércio e na Indústria
Para o seu grande progresso,
Desde o seu Descobrimento
Do Brasil foi o Jumento
Que trabalhou com exesso!

[...]

Essas matanças de Jégue
Para vender no Japão
Eu creio que o Governo
Há de dar uma solução
Que seja compreendida.
Tomando certa medida
De real proibição

(Cavalcante, 1971, p. 2-3)

A partir desses versos percebemos que o folheto é muito mais um texto opinativo em defesa do jumento — como o artigo *A Ordem do Burro*, do jornalista David Nasser (1979) no jornal *Manchete*, do Rio de Janeiro — do que uma notícia sobre a crise da carne fresca, contrário ao indicado no título do cordel. E apesar de ser um assunto distinto, é importante evidenciar como um texto de opinião foi construído e divulgado com base em um equívoco. Nessas três estrofes seguintes o poeta indica seus argumentos persuasivos, nos quais ele destaca, primeiramente, o jumento como um bicho divino — “Um animal tão sagrado”, “Foi o Jégue que ajudou/ A Santa Mãe de Jesus/ Conduzir o seu filhinho” (Cavalcante, 1971, p.2) — e, em seguida, o animal como o primeiro transporte — “No Brasil foi o transporte/ Primeiro que deu o ingresso/ No comércio e na Indústria/ [...] / Que trabalhou com exesso!” (Cavalcante, 1971, p.3).

Posteriormente, Rodolfo Cavalcante esclarece aos leitores o motivo da matança de jegue, “Essas matanças de Jégue/ Para vender no Japão”, sem ligação com a crise da carne, destacando apenas o país asiático e esquecendo de evidenciar que a exportação também enviava a carne para países europeus, como informa o jornal *Diário de Pernambuco* —“A

carne é exportada para o Japão e França, [...]. Quanto aos miúdos, são vendidos para a firma francesa. O couro também é exportado para uma organização italiana de Verona” (Alagoas [...], 1970, p. 10). Sobre essa situação, o poeta-repórter acredita que o governo poderia solucionar essa problemática —“Tomando certa medida/ De real proibição” — através da proibição e criminalização da venda de carne de jumento, uma vez que “Assassinar um Jumento/ Hoje para se comer/ É causar uma injustiça/ Ou um crime, pode crer” (Cavalcante, 1971, p. 2).

Que o nosso Presidente
Dê urgente solução,
Que haja carne de boi
Da Capital ao sertão
Que o nosso Pecuarista
Deixe de ser pessimista
Pelo vírus da ambição!

Que se dispense o impôsto
Se isso pode resolver,
Porém a carne de boi
Não deixe de aparecer,
Também a população
Não cometa uma traição
Matar o jégue e comer!

É preciso minha gente
Prestar bastante atenção
Com carne de boi vermelha
Parecendo um camarão,
Seu dinheiro não entregue
Pode ser carne de jégue
Matada lá no sertão!

[...]

Uns vivem só de roubar
Atacando ao semelhante,
Outros vendem seu jumento,
Pobre animal fatigante
Que tanto já trabalhou
Depois de velho tombou
No cutelo cruciante.

Que o nosso Jumentino
Não seja mais imolado,
Deixe ele bem velhinho
Mesmo doente e cansado
No taboleiro pastando,
Porque ele está gozando
Por direito aposentado!

Termino este folheto
Em defesa do jumento
Porque ele foi arrimo
De todo o nosso sustento,
Que o Satanás carregue

Aquele que mata um jegue
Para servir de alimento!

(Cavalcante, 1971, p. 5-8)

Essas estrofes são as únicas que fazem referência à crise da década, como a falta de carne — “Que haja carne de boi/ Da Capital ao sertão” (Cavalcante, 1971, p. 5) —, o desaparecimento da carne nos açougues, causado pelos produtores, — “Que o nosso Pecuarista/ Deixe de ser pessimista/ Pelo vírus da ambição!” (Cavalcante, 1971, p. 5) —, a venda de carne de jégue como bovina — “É preciso minha gente/ Prestar bastante atenção/ Com carne de boi vermelha/ Parecendo um camarão/ Pode ser carne de jégue” (Cavalcante, 1971, p. 5) — como o caso de Salvador, na feira de São Joaquim, noticiado no periódico *Diário de Pernambuco*. Nas estrofes finais, o poeta faz uma analogia entre o crime do roubo — “Uns vivem só de roubar/ Atacando ao semelhante” (Cavalcante, 1971, p. 8) — com a venda do jumento para o matadouro — “Outros vendem seu jumento/ [...] Depois de velho tombou/ No cutelo cruciante” (Cavalcante, 1971, p. 8). Para concluir seu folheto opinativo, Rodolfo saiu em defesa do jumento, assim como o jornalista David Nasser³⁰, porque “ele foi arrimo/ De todo o nosso sustento” e merece estar aposentado. Nesse folheto o poeta representa a importância do jumento para o sertanejo e faz uma crítica pessoal sobre a exportação da carne de jegue, que apesar desse foco, consegue tratar os assuntos da época, pois sua obra é produto de um contexto específico.

4.2.1.5 *Acabou a gasolina? ou a gasolina acabou? (1977), de José Francisco Soares*

Em 1977, passados sessenta e quatro anos desde a publicação do cordel de Leandro Gomes de Barros, intitulado *A Crise Actual e o Aumento do Selo* (1913), o poeta-repórter José Francisco Soares lançou seu folheto *Acabou a gasolina? ou a gasolina acabou?*, que aborda o aumento do combustível e a maneira como a população lidou com a situação. Até o momento, podemos observar uma recorrência temática, mesmo em períodos distintos. No entanto, dentre as obras analisadas, o folheto de José Soares destaca-se ao introduzir a discussão sobre o combustível que é pouco, ou nada, relatada nos folhetos. Isso é notável, especialmente considerando que suas obras não costumam abordar com frequência os

³⁰ Que pediu em seu artigo de opinião “piedade para os burrinhos daqueles natais secos, misericórdia para os franciscanos de cascos nus e duros da terra batida e sofrida. Baixe um edito. É proibido comer jegue” (Nasser, 1979, p. 41).

aspectos políticos e sociais, preferindo temáticas como *A Chegada do Santo Papa, O Eclipse e o cometa kohoutek, O homem na lua* ou obituários de famosos.

Para compreendermos a relevância e o impacto do cordel em questão, é importante destacar o ambiente histórico no qual ele se encontrava. Em 1977, o Brasil estava no período do regime militar que persistia desde o golpe de 1964 e estendia-se até 1985. Nesse cenário complexo, o poeta-repórter publica o cordel em análise, escrito em sextilhas e disponível por cerca de Cr \$ 2,00. Este folheto, intitulado *Acabou a gasolina? ou a gasolina acabou?*, evidencia as problemáticas em torno do aumento do preço do combustível, proporcionando uma perspectiva única sobre como a população lidou com essas questões em meio a um contexto político e social conturbado, registrado pelo cordelista, assim como pelo jornal o *Diário de Pernambuco* —“A propósito da racionalização do consumo de gasolina decretado pelo governo brasileiro, temos lido e ouvido os maiores absurdos” (Gasolina, 1977, p. 6).

Hoje em dia o motorista
 não toca mais na bosina
 não liga mais bateria
 só viaja na sordina
 só roda 80 por hora
 prá não gastar gasolina

[...]

Eu só vejo os motoristas
 o assunto comentando
 se fizer uma viagem
 volta mais não sabe quando
 quando vai é dirigindo
 quando volta é empurrando

Se dirigir na cidade
 bota uma conga no pé
 o trânsito interrompido
 nem de frente nem de ré
 proprietário de taxi
 não arranja pro café

Me disse um barão riquíssimo
 que mora em Boa Viagem
 que comprou 1 carro do ano
 nunca tirou da garagem
 porque não tem gasolina
 empurrar não é vantagem

(Soares, 1977, p. 1)

Inicialmente, é importante destacar que o poeta-repórter utiliza suas primeiras

estrofes para destacar os casos absurdos em torno do racionamento e a falta de combustível. Em sua primeira estrofe, José Soares destaca que nesse contexto “o motorista [...] só roda 80 por hora/ prá não gastar gasolina” (Soares, 1977, p.1) e esse caso reflete a exigência de racionamento de combustível pelo governo através do Decreto n.º 79.133 de 17 de janeiro de 1977, que declara “de relevante interesse nacional a adoção, em todos os campos de atividade, de medidas que possibilitem redução de consumo de combustíveis derivados de petróleo” (Brasil, 1977, p. 610).

A problemática em torno da economia de gasolina revelou algumas ocorrências peculiares, como o citado pelo cordelista e evidenciado no jornal *Diário de Pernambuco*: “Lemos, outro dia, ter um motorista afirmando que agora com a exigência do máximo de 80 quilômetros por hora, uma viagem a Fortaleza seria feita em três dias” (Gasolina, 1977, p. 9). Esta citação indica a possibilidade de uma intertextualidade, pois alguns relatos do folheto, lembrados por José Soares, podem ter vindo do que se lia nos jornais da época. Ainda mais, quando ele retoma a temática comentando que “se fizer uma viagem/ volta mais não sabe quando” (Soares, 1977, p. 2), que remete a indignação do leitor do periódico.

Além desse caso, o poeta faz um alerta irônico ao leitor ao afirmar que se for “dirigir na cidade/ bota uma conga no pé”, pois o trânsito local foi interrompido e carro não anda “nem de frente nem de ré” (Soares, 1977, p.1). Ademais, ele evidencia um dos mais atingidos com esse decreto, os taxistas. Estes que não estão arranjando nem para o café e “o pobre motorista/ que é da bandeira dois/ tem que enfrentar assaltante/embora sofra depois” (Soares, 1977, p.2). O outro episódio causado pela falta de combustível citado pelo poeta revela que a situação atingiu até as classes mais altas, pois segundo ele “um barão riquíssimo/ que mora em Boa Viagem/ que comprou 1 carro do ano/ nunca tirou da garagem/ porque não tem gasolina/ empurrar não é vantagem” (Soares, 1977, p. 2).

Os postos fecham na sexta
só abrem segunda feira
sua cota é 5 litros
prá rodar semana inteira
se você mora no morro
fica no pé da ladeira
[...]
O problema é insolúvel
a dureza é de lascar
a problemática crescendo
sem a solução chegar
o cachimbo está caindo
sem o nego cochilar
Mais a nação brasileira
vive almejando melhora
porque quem tem um governo

como o BRASIL tem agora
botando o paiz prá frente
a sua nação não chora

(Soares, 1977, p. 6)

Para relatar a urgência da situação em seu folheto, o poeta destaca outros fatores que obrigaram a população a aderir o racionamento imposto pelo governo: o fechamento de postos de gasolina nos fins de semana — “Os postos fecham na sexta/ só abrem segunda feira” (Soares, 1977, p. 6); e a cota de combustível máxima semanal — “sua cota é 5 litros/ prá rodar semana inteira/ se você mora no morro/ fica no pé da ladeira” (Soares, 1977, p. 6). Em relação à limitação do uso de combustível, não encontramos referência sobre como essa cota atingia a população no geral, tornando o registro do folheto primordial, uma vez que nos periódicos há uma predominância de destaque dos casos em torno dos táxis, ambulâncias, viaturas, entre outros. Ainda, José Soares afirma que o problema cresce gradualmente e utiliza a metáfora como um recurso — “o cachimbo está caindo / sem o nego cochilar (Soares, 1977, p. 7)” — para dar ênfase a uma questão que não está no controle da população empregando “cachimbo” e o ato de cair como um símbolo para a situação descrita.

Posteriormente, o poeta revela um posicionamento pessoal aparentemente contraditório ao afirmar que “quem tem um governo/ como o BRASIL tem agora/ a sua nação não chora” (Soares, 1977, p. 7). Essa aparente discrepância entre suas afirmações e o conteúdo lamurioso do folheto em relação à situação da época revelou uma possível ironia. Considerando a possibilidade, analisamos o folheto em busca de evidências e percebemos que essa posição é, de fato, a opinião do cordelista, contrariando os relatos citados. Mais adiante, ele enfatiza que “nossos comandantes são/ homens que não temem a morte” e expressa confiança no presidente ao declarar “Confio no Presidente/ e em sua diretriz” (Soares, 1977, p. 9). Em um tom de admiração, o poeta destaca o presidente Geisel como “homem de ideias mil/ nasceu para comandar/ esse país varonil” (Soares, 1977, p. 9). Assim, a aparente contradição revela uma ambiguidade de sentimentos do cordelista diante do contexto político e social, proporcionando uma visão complexa do contexto.

O nosso povo está certo
em querer forçar a barra
um paiz que vai pra frente
não recua nem esbarra
nossa jornada está próxima
temos que chegar na marra
(SOARES, 1977, p. 6-7)

4.2.1.6 Kissinger fura greve dos professores (1981), de Raimundo Santa Helena

“Estudantes sitiam Kissinger na UnB” (Jornal do Brasil, 1981, p. 1) dizia a manchete no *Jornal do Brasil* que relatava o caso que aconteceu no dia 18 de novembro de 1981 no *campus* Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília (UnB). Henry Kissinger (1923-2023), alemão, representante dos Estados Unidos — considerado “um dos homens mais poderosos e torpes do cenário geopolítico mundial nas décadas anteriores” (Henry [...], 2021, s.p.) —, esteve na UnB em 1981, a convite do reitor/coronel José Carlos de Almeida Azevedo, para uma palestra no Auditório Dois Candangos, com público composto por “embaixadores políticos e autoridades ligadas ao governo militar” (Henry [...], 2021, s.p.).

Por esse motivo, o movimento estudantil junto aos docentes se organizaram em frente à instituição para enxotar o palestrante através do lançamento de ovos, em quem ousava aparecer na porta, e com as seguintes palavras de ordem “Kissinger GO HOME” e “Kissinger é ladrão, vai sair de camburão” (Estudantes [...], 1981). Sobre isso, o poeta-repórter Raimundo Santa Helena, escreveu em septilhas um folheto intitulado *Kissinger fura greve dos professores*, no dia 25 de novembro de 1981, com o preço de Cr \$ 3,00, que registrou um dos momentos mais importantes para o processo de redemocratização do país, uma vez que o caso teve repercussão nacional.

O folheto escrito pelo poeta-repórter é uma pequena edição composta por quatro páginas com recortes de jornais localizadas no início e no fim do cordel, revelando que a escrita do cordel não é uma mera reprodução ou decodificação do dito nos jornais, uma vez que o cordelista participou da manifestação — “O ato com 15 minutos de atraso teve início às 11h15min com a apresentação de dois cantores repentistas, Zé Duda e Miguel Bezerra, e o poeta de cordel Raimundo Santa Helena com a poesia ‘Professores e a Greve’ (Helena, 1981, *apud*, O Globo, 1981). E segundo o jornal *O Globo*, Santa Helena foi aplaudido quando sua leitura evidenciava os motivos do protesto: “Faculdades Federais: mal pagos educadores/ não iriam fazer greve/ nossos irmãos professores/ se não tivessem motivo;/ Nunca foi subversivo/ quem defende seus valores” (Helena, 1981, *apud*, O Globo, 1981).

O governo não libera
 Mais dinheiro pro Ensino
 E contrata Henry Kissinger
 Americano ladino
 Que levou nosso cruzeiro
 Pra dizer ao brasileiro
 Como ser um bom menino...
 O Brasil não é colônia
 Embora compre feijão.
 Os cartolas de Brasília

Aprenderam a lição:
Tio Sam chegou com flores
No colinho dos reitores
Mas saiu num camburão...

(Helena, 1981, p. 4)

Santa Helena abre seu folheto com a motivação para a manifestação de estudantes e professores — “O governo não libera/ Mais dinheiro pro Ensino” (Helena, 1981, p. 4) — indicando a desvalorização da educação no período do regime militar. E aponta, ironicamente, que no ensino não há investimento, mas contrataram um homem como Henry Kissinger para dar uma palestra particular “Pra dizer ao brasileiro/ Como ser um bom menino...” (Helena, 1981, p. 4). Em seguida, o poeta expressa a opinião de que o Brasil não é colônia e nesse dia em questão os militares e Kissinger, simbolizados como “Cartolas de Brasília” e “Tio Sam”, “aprenderam a lição” (Helena, 1981, p. 4), pois o homem recebido com flores “no colinho dos reitores” (Helena, 1981, p. 4) saiu de camburão — “Kissinger só conseguiu sair a bordo do camburão 523 da PM, que o apanhou de marcha à ré” (Estudantes [...], 1981, p. 1).

Professores, estudantes
Trabalhadores enfim
Comem tripa congelada
Mas não vão comer capim.
Nossa gente não é burra
Mister Henry leva surra
Com gemas de ovo ruim... FIM

Aos professores

(Helena, 1981, p. 5)

Portanto, ao encerrar seu breve folheto, o poeta-repórter manifesta que professores, estudantes e trabalhadores, apesar de enfrentarem condições desagradáveis como o consumo de “tripa congelada” (Helena, 1981, p. 5), uma possível referência à má alimentação devido aos elevados preços da carne fresca naquele período, recusam-se a “comer capim” (Helena, 1981, p. 5). Esta uma metáfora que sugere um símbolo de vigilância e insatisfação, indicando que os manifestantes estão atentos e conscientes, contrário aos animais passivos que servem como meio de transporte, carga e alimento. O poeta conclui enfatizando que “nossa gente não é burra” (Helena, 1981, p. 5), evidenciando a resistência e a determinação desse grupo diante das adversidades políticas e sociais da época.

4.2.1.7 Eleições Diretas Já (1984), de Apolônio Alves dos Santos

“O que se colima é restaurar a tradição da eleição direta, através do voto popular, tradição esta profundamente arraigada não só no Direito Constitucional brasileiro como também nas aspirações do nosso povo” (Brasil, 1983, p. 2), dizia a justificção da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n.º 05/1983, de autoria do deputado Dante de Oliveira, apresentada ao Congresso Nacional. O motivo para a criação da emenda, iniciou no dia 1.º de abril de 1964 com o golpe militar que durou 21 anos e depôs o presidente João Goulart, eleito democraticamente (1961-1964). Esse período ficou marcado pelas diversas greves e manifestações e dentre os movimentos político-sociais mais importantes destacamos o “Diretas Já”, que tinha o intuito de restabelecer a eleição direta para presidente e vice-presidente do Brasil. Apesar de seu alcance, o projeto de lei foi rejeitado no dia 25 de abril de 1984.

Vamos pedir proteção
ao nosso Onipotente
para solucionar
esse problema da gente
todo povo esperará
“eleições diretas já
para um novo presidente”

Conto a meus caros leitores
desta pátria brasileira
uma tragédia que fez
desfraldar nossa bandeira
disvitando a legenda
e derrotando a emenda
do DANTES DE OLIVEIRA.

Da quarta para quinta-feira
em 25 de abril
se reuniu o congresso
para a votação hostil
com grande perseverança
visando nova esperança
para o nosso Brasil

Esta foi uma derrota
que jamais se esquecerá
nosso País tá quebrado
e jamais se emendará
está sofrendo a nação
e a nossa solução
seria as diretas já

(Santos, 1984, p. 1)

No dia 05 de maio de 1984, o poeta-repórter Apolônio Alves do Santos publicou *Eleições Diretas Já: Para um Novo Presidente*, em torno de Cr\$ 200,00, escrito em septilhas,

para relatar o acontecimento aos seus leitores. Para isso ele construiu um folheto opinativo que mescla informações e acontecimentos específicos com sua opinião. Nessas estrofes introdutórias, Apolônio expõe aos leitores a rejeição o projeto de lei do deputado Dante de Oliveira e representa a data como “tragédia” e uma “votação hostil” em que hastearam a bandeira brasileira — como mencionado: “desfraldar nossa bandeira”—, e desvirtuaram “sua legenda”, uma possível alusão ao lema “Ordem e Progresso”, ao rejeitar a emenda e garantir a continuidade de um regime não democrático, pois “nosso País tá quebrado/ e já se emendará [...] e a nossa solução/ seria as diretas já” (Santos, 1984, p. 1).

Queremos um presidente
dinâmico e de otimismo
que seja bem democrático
dentro do socialismo
que ofereça vantagem
com menos politicagem
chega de militarismo.

— Que honre o patriotismo
e veja a situação
do pobre pai de família
sem emprego e proteção
tristemente lamentando
vendo seu filho chorando
a falta de leite e pão

— Diminua a inflação
a maldita carestia
a ganância, a ambição
a maldade, a rebeldia
o roubo e o desenfreado
sugando o suor alheio
explorando dia a dia

Como na semana santa
fiquei horrorizado
na venda do peixe fresco
com um preço exagerado
vi escandalosamente
roubando publicamente
o pobre assalariado.

A caçarola do pobre
não sente mais nem o cheiro
do peixe fresco e da carne
no seu campo financeiro
devido o preço estúpido
pobre hoje está vivendo
no mais cruel desespero.

Nosso país oferece
evoluído progresso
mas se um líder apresenta
um projeto no congresso
se reúne os partidários

e outros líderes contrários
reprovam aquele sucesso.

(Santos, 1984, p. 2-3)

Nessas estrofes o poeta inicia seu argumento utilizando o verbo “queremos” na primeira pessoa do plural para incluir a si e a seus leitores nas exigências para o novo presidente. Ao repudiar o recente regime — “chega de militarismo” — recomenda que o novo líder de estado deva ser alguém: dinâmico, otimista, democrático, socialista e patriota. E que, além disso, “veja a situação/ do pobre pai de família/ sem emprego e proteção” e “diminua a inflação/ a maldita carestia” (Santos, 1984, p. 2).

Sobre o contexto desse período, Apolônio exemplifica uma situação do dia a dia, mais especificamente na Semana Santa, em que se deparou com os preços exorbitantes dos produtos, algo comum nos folhetos literário-jornalísticos — “fiquei horrorizado/ na venda do peixe fresco/ com um preço exagerado” (Santos, 1984, p. 3) — e utiliza a hipérbole como um recurso para marcar seu espanto ao fazer uma analogia da situação com um roubo — “vi escandalosamente/ roubando publicamente / o pobre assalariado” (Santos, 1984, p. 3). E inclui em sua próxima estrofe que esta era uma situação tão recorrente — “no campo financeiro; “devido o preço estupendo” (Santos, 1984, p. 3) — que, personificando objetos através da prosopopeia, a “caçarola do pobre/ não sente mais nem o cheiro/ do peixe fresco e da carne” (Santos, 1984, p. 3). Retornando à temática principal, o poeta-repórter, conclui a página, de forma irônica e crítica, expondo que a conjuntura “oferece/ evoluído progresso/ mas”, se alguém como Dante de Oliveira apresenta um projeto: “se reúne os partidários/ e outros líderes contrários/ reprovam aquele sucesso” (Santos, 1984, p. 3).

Os governantes também
com seus projetos diários
de vez enquanto assinando
alterações de salários
crescendo mais a intriga
enchendo mais a barriga
de altos funcionários

E quando se anuncia
um aumento de salário
aumenta o custo de vida
num ritmo extraordinário
o transporte, a luz, o gás,
piora cada vez mais
a vida do operário.

Por onde a gente se vira
só se ver exploração
sobe o preço da farinha

do arroz e do feijão
e o FMI
descascando o abacaxi
aumentando a inflação

Nos bares um cafezinho
está custando trezentos
um sanduiche de queijo
custando mil e quinhentos
ver-se gente igual a bicho
mexendo as latas de lixo
a procura de alimentos
(Santos, 1984, p. 6-7)

Apolônio Santos inicia essas estrofes comentando que os projetos aprovados pelos governantes diariamente são mal formulados e não condizem com a realidade. Como exemplo, ele cita o Decreto n.º 90.381, nas entrelinhas, o qual ajustou o salário mínimo para em Cr \$ 166.560,00, todavia, esses reajustes salariais não acompanhavam a inflação da época, pois “quando se anuncia/ um aumento de salário/ aumenta o custo de vida/ num ritmo extraordinário” (Santos, 1984, p. 6). Assim como os outros cordéis literário-jornalísticos, o poeta destaca a frequente alteração dos preços de produtos básicos como farinha, arroz e feijão. Afirma que o Fundo Monetário Internacional (FMI) para resolver esse problema complexo — ou “descascando o abacaxi” (Santos, 1984, p. 7) — aumentou ainda mais a inflação. A título de exemplo, o poeta-repórter comenta que “o kilo da carne fresca/ custa cinco mil cruzeiros/ e uma duzia de ovos/ mofados nos galinheiros/ custando mil oitocentos/ sardinha mil e seissentos” (Santos, 1984, p. 7). E coisas básicas como o cafezinho do bar “custando trezentos”, o sanduíche de queijo “mil e quinhentos” e para comprovar seu argumento cita como exemplo uma analogia de que nesse contexto “ver-se gente igual a bicho/ mexendo as latas de lixo/ a procura de alimentos” (Santos, 1984, p. 7).

Para uma conclusão
nosso mundo está marchando
enquanto a pobreza vive
de fome se acabando
os grandes milionários
dirigentes, donatários
de mais a mais enricando.

Por causa do desemprego
e a grande carestia
ver-se muitos mendicantes
pelas praças todo dia
pedindo por caridade
é uma calamidade
que antes não existia.

Porém esta mordomia
já está para se findar
daqui pra 85
vamos ver quem vai ficar
ninguém sabe é um segredo
Paulo Maluf ou Tancredo
vem aí para mudar.

Com as eleições diretas
o povo fica tranquilo
vem uma nova esperança
portanto não é sigilo
o que estou escrevendo
o Brasil está morrendo
nas garras do CROCODILO.
(Santos, 1984, p. 8)

Em sua conclusão o poeta faz referência ao regime militar, citando que o Brasil “está marchando” e, articulando a prosopopeia com uma antítese, indica que nesse contexto “a pobreza vive de fome se acabando” (Santos, 1984, p. 8) e para sustentar sua argumentação informa que a grande carestia e o desemprego resultam em “muitos mendicantes pelas praças todo dia” (Santos, 1984, p. 8), que segundo o cordelista “é uma calamidade que antes não existia” (Santos, 1984, p. 8).

Além disso, retomando um de seus argumentos — “os grandes milionários/ dirigentes, donatários/ de mais a mais enricando” (Santos, 1984, p. 8) — o poeta prevê que esta “mordomia” vai acabar, pois ele acreditava que em 1985 a situação do país mudaria, com a possível eleição de Paulo Maluf ou Tancredo Neves, pois “com as eleições diretas/ vem uma nova esperança” (Santos, 1984, p. 8). Assim, acreditamos que o Apolônio tinha essa leitura do contexto brasileiro, uma vez que na época os movimentos sociais e estudantis em torno do “Diretas Já” permaneceu forte apesar do projeto do deputado Dante de Oliveira ter sido rejeitado, sobre isso o poeta afirma:

E pelas diretas já
nossa luta continua
nada de agitações
cada qual fique na sua
a classe de estudantes
e outros manifestantes
estão de blocos na rua.

Com as eleições diretas
o povo fica tranquilo
vem uma nova esperança
portanto não é sigilo
o que estou escrevendo
o Brasil está morrendo
nas garras do CROCODILO.

(Santos, 1984, p. 7)

4.2.1.8 Democracia nas urnas (1985), de Raimundo Santa Helena

Em 1985, um ano após a publicação do cordel de Apolônio Alves dos Santos, intitulado *Eleições Diretas Já: para um novo presidente*, Raimundo Santa Helena lançou o folheto *Democracia nas urnas*, com uma tiragem de 8 mil exemplares. O folheto, escrito em septilhas e sem indicação de preço, apresenta um formato que se distancia da tradição da literatura de cordel, adaptando-se ao estilo das folhas-volantes. Essa uma fórmula editorial jornalística, típica da América Latina, que consiste em “relatos ocasionais que eram impressos e difundidos através de papéis avulsos com o intuito de narrar determinados acontecimentos” (Comerlato e Hohlfeldt, 2023, p. 2). Nessa estrutura, o poeta-repórter expõe duas estrofes que metaforizam a primeira eleição direta após 21 anos de regime militar, que elegeu Tancredo Neves e José Sarney.

A Democracia é
 Nossa vontade secreta
 Pingando dentro das urnas
 Numa eleição direta!
 É a coisa mais sagrada
 E deve ser respeitada
 Numa contagem correta...

Pois fraudar os resultados
 É ultraje à Nação
 A pureza do civismo
 É a honra do povão
 Que por motivo menor
 Já se lascou no pior
 Que foi a revolução!

(Helena, 1985, p.1)

Nos seus primeiros versos, Santa Helena destaca o retorno da democracia, descrevendo-a como uma “vontade secreta” que goteja “dentro das urnas” (Helena, 1985, p.1). O simbolismo do “pingo”, representa cada indivíduo, que em conjunto reflete a vontade popular “numa eleição direta!” (Helena, 1985, p.1). Além disso, ele enfatiza que a eleição é “a coisa mais sagrada/ e deve ser respeitada” com uma “contagem correta” (Helena, 1985, p.1), no sentido minucioso e moral, referenciando às frequentes fraudes da época citadas em periódicos nacionais como o *Jornal do Brasil*. Em seguida, o poeta afirma que “fraudar os resultados/ é ultraje à Nação” (Helena, 1985, p.1), pois “a pureza do civismo/ é a honra do povão” e ressalta que, por motivos menores que a fraude eleitoral, a população “se lascou no pior/ que foi a revolução!” (Helena, 1985, p.1), referenciando a ditadura militar, difundida na mídia como “revolução”. Assim, Santa Helena utiliza sua poesia para alertar sobre os perigos da corrupção no processo eleitoral, destacando as cicatrizes deixadas pelos “Ásperos tempos”

4.2.1.9 *Massacre em Volta Redonda (1988), de Gonçalo Ferreira da Silva*

Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, o general José Luiz Lopes da Silva informou que os soldados — “Com apoio de quatro carros blindados, [...] armados com fuzis e metralhadoras” (Choque [...], 1998, p. 4) — reagiram “à violência” e afirma que: “a tropa só queria entrar na usina e foi recebida 'a tiros, pedradas e coquetel molotov'. Admitiu, no entanto, que nenhum soldado ficou ferido a tiro nos confrontos e que nenhuma arma tinha sido apreendida” (Choque [...], 1988, p.4). Esse cenário conhecido como a “Greve da CSN” foi nomeado pelos sindicatos como “Massacre de Volta Redonda”, uma vez que três operários — Valmir Freitas Monteiro (25 anos), William Fernandes Silva, (23 anos), Carlos Augusto Barroso (19 anos) — foram mortos, além de dezenas de trabalhadores ficarem feridos na operação militar de 1988. Esse caso teve alcance não só nacional, como internacional, e foi reportado por inúmeros jornais, incluindo os folhetos nordestinos. Um deles foi publicado em 1988, por Gonçalo Ferreira da Silva, intitulado *Massacre em Volta Redonda*, sem indicação de preço e escrito em oitavas, no qual relatou o fato através do gênero literário-jornalístico em que expôs o episódio e sua opinião política.

Volta Redonda cidade
De um povo trabalhador
Quando sumiu a tarde
Experimentou o terror
Da fúria assassina
Que reprimiu e matou
Dentro e fora da usina
A mando do opressor

É uma história horrenda
Que este cordel registra
Não foi nenhuma contenda
Foi um massacre nazista
Contra a classe operária
Que reclamava justiça:
As 6 horas de jornada
Na constituinte prevista

[...]

Parece um sonho no papel
Mas são cabeças diferentes
E eu já prossigo o cordel
Chorando trincando dentes
Tamanha foi a desgraça
Do nosso povo tão sofrido
Os gritos se encrepavam
Por todo lado estampidos

(Silva, 1988, p. 1-2)

Em seus primeiros versos o poeta-repórter utiliza a antítese implícita, presente no contraste entre a imagem inicial da cidade trabalhadora — “Volta Redonda cidade/ de um povo trabalhador” (Silva, 1988, p.1) — e a descrição subsequente do terror — “Experimentou o terror/ Da fúria assassina/ Que reprimiu e matou” (Silva, 1988, p.1) —, além de uma transição dessas imagens a partir da frase “Quando sumiu a tarde” (Silva, 1988, p.1), que indica o desaparecimento da luz e o início de um período de adversidade. Essa oposição como recurso de escrita causa um impacto dramático e destaca a transformação negativa que a cidade experimentou. Na estrofe seguinte, ele insere seus leitores ao fato e a urgência em relatá-lo, uma vez que trata-se de “uma história horrenda/ que este cordel registra” (Silva, 1988, p.1), classificado pelo cordelista como “um massacre nazista/ contra a classe operária/ que reclama justiça” (Silva, 1988, p.1) através da reivindicação do reajuste salarial e jornada de 40h semanais, que “parece um sonho no papel” (Silva, 1988, p.1). Essa expressão destaca a visão do poeta-repórter acerca da discrepância entre o que está previsto na Constituição e a dura realidade vivenciada pelos trabalhadores. Isso confere ao cordel não apenas o papel de narrador, mas também a responsabilidade de testemunhar e denunciar os horrores sofridos pela classe operária em sua luta pelos direitos: “Tamanha foi a desgraça/ Do nosso povo tão sofrido/ Os gritos se encrespavam/ Por todo lado estampidos” (Silva, 1988, p.1).

De balas disparadas
 Forjando dantesco ritmo
 Em meio às bombas nefastas
 Era o povo perdendo o tino
 Pois as baionetas falavam
 Entrando pelos umbigos
 Mais quente que uma fornalha
 A noite fez-se em abismo
 [...]
 Feriram e mutilaram
 Numa torpe sangria
 Até o aço furaram
 Com tanta fuzilaria
 Covardemente mataram
 Por causa da mais valia
 Os companheiros operários
 Da estirpe de Santo Dias

Uma violência tão bárbara
 Que eu escrevo carnificina
 Contra a classe operária
 Em greve por vida digna
 Era uma greve pacífica
 Só o governo deu outro nome
 Dizendo que era política
 Sim! Era a política da fome

(Silva, 1988, p. 2-3)

Nessas estrofes, Gonçalo Ferreira da Silva descreve o momento do confronto, no qual os soldados agiram com extrema brutalidade, feriram e mutilaram/[...]/ covardemente mataram” (Silva, 1988, p. 2). O poeta nos faz recordar a fala do general José Luiz Lopes da Silva para o *Jornal do Brasil*, onde este afirmava que a intenção do exército era “restabelecer a ordem e assegurar a integridade do patrimônio da companhia” (Choque [...], 1988, p. 4). Notavelmente, entre as prioridades declaradas, não estava a segurança dos grevistas, conforme destaca o poeta: “as baionetas falavam/ Entrando pelos umbigos” (Silva, 1988, p. 2). Assim, o poeta denuncia o descaso pelas vidas dos grevistas, descrevendo como uma “carnificina”, evidenciando a brutalidade do conflito no qual os soldados, conforme suas próprias palavras, “feriram e mutilaram/[...]/ covardemente mataram/ Por causa da mais valia/ Os companheiros operários/ Da estirpe de Santo dias” (Silva, 1988, p. 2).

Da fome de liberdade
Terra trabalho e pão
De tornar realidade
A letra da Constituição
Ainda que tal senhora
Seja caolha da vista
A fome de garantir agora
As nossas parcas conquistas
[...]
A fome de parir feliz
De toda mulher operária
Sem aquela ordem que diz:
“Volta depressa e trabalha”
A fome que aqui se ilustra
No momento é provisória
A nossa fome que é muita
É escrever uma nova história

Por causa dessa fome
O século é de embaraço
Luta de classe é o nome
Desde o tempo de Spartacus
No combate a essa fome
Lá na usina de aço
Trepidam cuturnos infames
Em todo canto do pátio

(Silva, 1988, p. 4-5)

Em seguida, o cordelista desenvolve seu argumento sobre a afirmação de que essa conjuntura “era a política da fome” (Silva, 1988, p. 4). Para fundamentar essa análise, ele identifica diferentes facetas dessa situação. Inicialmente, destaca a fome por “liberdade”, definida como o acesso à “terra”, “trabalho” e “pão”, além de buscar “tornar realidade/ a letra da Constituição” (Silva, 1988, p. 4) para assegurar as poucas conquistas da classe operária. Além desse enfoque, o poeta revela a problemática em torno da maternidade das mulheres

proletárias, submetidas à ordem “volta depressa e trabalha” (Silva, 1988, p. 4), as quais têm a “fome de parir feliz” (Silva, 1988, p. 4). No entanto, Gonçalo aproveita a liberdade poética para ressaltar que essa é uma fome temporária, uma vez que o desejo maior é “escrever uma nova história” (Silva, 1988, p. 4). Ele justifica que a causa dessa fome é a luta de classes e o que ocorreu na usina da CSN foi “o combate dessa fome” (Silva, 1988, p. 5), que fez trepidar o exército (Silva, 1988). Assim, o cordelista constrói nessas estrofes uma análise profunda do contexto, relacionando a fome em suas diversas formas à luta por direitos e à transformação social, conferindo um sentido mais amplo e simbólico à narrativa.

A partir desses versos percebemos que há uma adoção de termos específicos ideológicos que demarcam uma intertextualidade com os textos de Karl Marx (1818-1883). Notam-se expressões como “luta de classes” e “mais-valia”, além da declaração explícita na primeira pessoa do plural, “nós comunistas” (Silva, 1988, p. 4). Essa escolha indica a possibilidade de que o cordelista estava vinculado em alguma organização política, mantinha uma leitura marxista ou ambos, uma vez que, ao noticiar através do gênero literário-jornalístico, o poeta produziu uma análise de conjuntura política elucidando as razões pelas quais a greve atingiu certas proporções.

Os versos deste cordel
 Calcado na boa rima
 Apontam aqui no papel
 Os mandantes da chacina
 Pois é preciso que todos
 conheçam aquela matilha
 Revelo o nome dos lobos
 Sedentos lá de Brasília

[...]

E não perco mais meu tempo
 Em esboçar esse asqueroso
 Ministro como o nojento
 Um tal Roberto Cardoso
 Pois eu já vejo o ACM
 A escória dos baianos
 Tramando ações dementes
 Com seus comparsas tiranos

Ainda existem outras víboras
 Nas linhas que não versei
 Uma corja que se enquista
 No palácio com Sarney
 Este presidente biônico
 Um brinquedo da camarilha
 Quando toca o clarim insano
 É o primeiro que se perfila

Imenso e podre é o listão
 Dos entulhos da ditadura

Cevados na corrupção
 Que ainda hoje perdura
 Sugando toda a Nação
 Sob a bandeira da ordem
 Matando nossos irmãos
 De fome que já explode

(Silva, 1988, p. 4-5)

Além disso, o cordelista destaca os protagonistas do Massacre de Volta Redonda, argumentando que “é preciso que todos/ conheçam aquela matilha” (Silva, 1988, p. 4). Entre os envolvidos, o poeta menciona especificamente o ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Cardoso, a quem acusa de conspirar com “seus comparsas tiranos” para desencadear o confronto (Silva, 1988, p. 4). Embora o poeta não revele todos os nomes, ele adverte que 'existem outras víboras' que circulam no palácio junto ao presidente José Sarney, qualificado por Gonçalo como 'joguete da camarilha' (Silva, 1988, p. 5). Adicionalmente, o poeta ressalta que a lista de envolvidos é extensa, caracterizando-os como “entulhos da ditadura”³¹, que sob a “bandeira da ordem” (Silva, 1988, p.5), conforme sugerido pelas palavras do general José Luiz Lopes (Jornal do Brasil, 1988), esses indivíduos mataram nossos irmãos (Silva, 1988). Por fim, em seu relato de denúncia, o poeta encerra seu folheto com uma mensagem de resistência e luta, ao afirmar que “a paz nessa miséria/ é o mesmo que submissão” (Silva, 1988, p. 6) e a fome de liberdade clama uma ação: “varrer os imperialistas/ e seus jagunços lacaios/ toda raça que escraviza” (Silva, 1988, p. 6). O cordelista destaca que esta é uma tarefa árdua, mas a história não para e “o cordel verbera: Avante Classe Operária/ Estandarte de uma nova era” (Silva, 1988, p.6).

In memoriam:

Walmir, Barroso e William.

(Silva, 1988, p. 6)

4.2.1.10 *Sem-terras massacrados a sangue-frio (1996), de Raimundo Santa Helena*

Em 17 de abril de 1996, o Brasil testemunhou um trágico episódio, oito anos após o brutal massacre de Volta Redonda. Dessa vez, a carnificina aconteceu em Eldorado do Carajás, no Pará, onde camponeses foram brutalmente “atingidos no crânio e na cabeça por

³¹ A título de exemplo, vale lembrar que Roberto Cardoso foi membro do partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA), uma base importante para a ditadura militar, que, como observa o poeta, “ainda hoje perdura” (Silva, 1988, p. 5).

tiros de fuzil” (Tiros [...], 1996, p. 5), marcando assim o terrível capítulo conhecido como Massacre de Eldorado do Carajás. Este caso ganhou destaque internacional, principalmente pela ligação com o então presidente, Fernando Henrique Cardoso, eleito ao cargo com a promessa de resolver as questões agrárias por meio de um programa social “que, por enquanto, ninguém viu” (Tiros [...], 1996, p. 2). Após o massacre, as manchetes dos jornais especulavam sobre a possibilidade do presidente recriar o Ministério da Reforma Agrária (Tiros [...], 1996), evidenciando a pressão pública e as expectativas por ações efetivas diante da tragédia.

Sobre o acontecimento, o poeta-repórter Raimundo Santa Helena publicou o folheto *Sem-terras massacrados a sangue-frio*, escrito no estilo Martelo agalopado³², com três estrofes de dez versos, sem indicação de preço. Ganhou destaque no artigo de opinião de Luiz Gadelha, *Cordel fala da matança em Eldorado de Carajás*, do jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro, no qual o jornalista afirma que “os dez versos do martelo valem mais do que qualquer editorial publicado nos últimos dias. Seco e cortante, disseca o Brasil de FHC, sigla que bem pode significar algum gás venenoso” (Gadelha, 1996, *apud*, Helena, 1996).

Eldorado é chão dos carajás
 Encharcado com sangue neste mês
 Dos 60 sem-terra e sem vez
 Massacrados com armas desiguais.
 Vinte mortos mas dizem que foi mais
 Consequentes de ordem arbitrária
 Como sói na reforma pré-agrária.
 Os PMs cercando atiravam
 Golpeando também e comentavam:
 “Ninguém vai falar só da Candelária”

(Helena, 1996, p.1)

O poeta-repórter inicia o folheto de maneira incisiva e direta, declarando que o solo do município do Eldorado de Carajás encontrava-se “encharcado com sangue [...] dos 60 sem-terra e sem vez” (Helena, 1996, p. 1). Esta afirmação inicial não apenas ressalta a tragédia que se desenrolou na região, como aponta para uma realidade social complexa, na qual os camponeses agredidos não só foram privados de suas terras, mas também se viram desprovidos da oportunidade de exercer seus direitos. E ao tentar assegurá-los, eles foram cruelmente “massacrados com armas desiguais” (Helena, 1996, p. 1), destacando a

³² O Martelo agalopado é um estilo poético de cordelistas e cantadores que consiste em estrofes de dez versos decassilábicos. Desenvolvido por Silvino Pirauá de Lima, o Martelo agalopado adota versos de 10 sílabas com esquema rímico ABBAACCDDC, persistindo como padrão em diversas composições de poetas populares (Silva, 2011).

disparidade de forças enfrentada pelos camponeses diante de um sistema que, ao invés de protegê-los, os submetem a uma violência excessiva — “Os tiros começaram a ser disparados depois que fracassou uma negociação entre o comando da PM e os líderes dos sem-terra” (Tiros [...], 1996, p. 5) —, que matou vinte pessoas “mas dizem que foi mais” (Helena, 1996, p.1).

No verso seguinte, o poeta afirma que a situação é algo frequente — “Como sói” — “na reforma pré-agrária” (Helena, 1996, p.1), ironia que referencia o programa social prometido pelo presidente, ressaltando a discrepância entre as promessas políticas e a realidade enfrentada pelos camponeses. No desfecho da primeira estrofe, o poeta destaca a crueldade dos PMs que cercaram e atiraram nos sem-terra simulando uma fala “Ninguém vai falar só da Candelária” (Helena, 1996, p. 1), que remete à Chacina da Candelária (1993), no Rio de Janeiro, na qual oito adolescentes em situação de rua foram assassinados.

Dezenove defuntos perfurados:
Olhos, nuças, nas costas, coração
Empilhados no chão do caminhão...
Brasileiros civis executados,
Com sinais de tortura, algemados.
Nessas lutas inúteis, fratricidas
Muitos sonhos se foram, muitas vidas
Na reforma agrária, “tartaruga”
Do “poder latifúndio-sanguessuga”
Das elites armadas reunidas

(Helena, 1996, p.1)

Em seguida, o poeta utiliza seus versos para desenhar a proporção do massacre, descrevendo os ferimentos, assim como noticiou o jornal *Tribuna da Imprensa*: “tiveram a tampa do crânio arrancada por tiros disparados provavelmente à curta distância” (Tiros [...], 1996, p. 5). A descrição de Santa Helena evidencia a covardia dos policiais que atingiram os camponeses em regiões críticas como “olhos e coração”. Além disso, ao ressaltar que as vítimas foram atingidas por trás, nas “nuças, nas costas” (Helena, 1996, p. 1), a narrativa destaca a vulnerabilidade dos que foram brutalmente atacados. Ainda, destaca que civis brasileiros executados foram “empilhados no chão do caminhão...” (Helena, 1996, p. 1) e torturados. Classifica o confronto como “fratricida”, onde muitos sonhos e vidas foram ceifados devido à lentidão da reforma agrária, apelidada de “tartaruga”, por fim o relato literário-jornalístico revela o veredicto, aponta o culpado: o “poder latifúndio-sanguessuga”

Desta vez foi nas terras do Pará
Num momento difícil pro país:

O real vai secando na raiz
 Com a seiva virando guaraná
 Pros banquetes do velho marajá
 Que não vota reformas no Congresso.
 A justiça inverte o processo
 Presidente lá fora faz cartaz
 Mas o trem aqui dentro vai pra trás
 Com ladrões e covardes em excesso.

(Helena, 1996, p.1)

Por fim, o poeta-repórter encerra seu folheto afirmando de forma implícita que houve outros casos, como a Chacina da Candelária, citada no cordel, mas dessa “vez foi nas terras do Pará” (Helena, 1996, p.1). Além disso, Santa Helena registra que o país está em um momento difícil, contrário ao que se pensa, como afirma Gadelha (1996) ao lembrar que o Massacre de Eldorado do Carajás “derrubou o sonho presidencial de que governa um paraíso agradecido pela queda da inflação, mostrou de vez que o bicho-papão está na questão social, nunca na moeda” (Gadelha, 1996, *apud*, Helena, 1996). Sobre isso, o poeta constrói uma metáfora sobre a situação socioeconômica do país ao afirmar que o real está “secando na raiz” (Helena, 1996, p.1) que indica uma possível desvalorização da moeda.

Além disso, o poeta faz uma referência sobre o trabalho dos camponeses que alimentam o país, expondo que “a seiva virando guaraná” chega nos jantares do “velho marajá” (Helena, 1996, p.1), referindo-se a Fernando Henrique Cardoso. Este que em suas viagens diplomáticas “faz cartaz” sobre a criação de um programa social para resolver as questões agrárias, mas, na prática, com os “ladrões e covardes em excesso” (Helena, 1996, p.1) as reformas não são aprovadas. Por fim, o poeta-repórter faz uma alusão ao retrocesso no desenvolvimento social e econômico do país ao desconsiderarem reformas de base, expondo que “o trem aqui dentro vai pra trás” (Helena, 1996, p.1), esta visão que “não é outra senão a do povo, para quem sempre escreve o poeta popular” (Gadelha, 1996, *apud*, Helena, 1996).

Essa constatação reforça a função do poeta como legítimo porta-voz das inquietações e desejos da população por meio de seu folheto. Até aqui, torna-se evidente que os poetas-repórteres mantiveram-se fiéis, sem comprometer suas características literárias e culturais específicas, utilizando sua obra como uma ferramenta literária-jornalística imersa na realidade política e social do país, capaz de quebrar o silêncio (A ciência [...], 1980).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vou parar por aqui mesmo,
Pois Cordel é minha paixão,
Como tenho veia forte,
Posso pifar o coração
Acompanhando os colegas
Que deixaram este chão.

(Maxado, 1982, p. 7)

O folheto nordestino literário-jornalístico, atingindo seu auge no século XX, representa um fenômeno análogo ao jornalismo literário (1840-2004). No entanto, a diferenciação crucial está na disposição dos elementos, uma vez que, ao contrário do que ocorreu a partir do século XIX, o jornalismo emerge da literatura e não o contrário. Dessa forma, ao analisarmos o fenômeno, constatamos que as hipóteses que o categorizam como um caso específico e particular do jornalismo (Lima, 1975; Luyten, 1984) estão equivocadas. Isso se deve ao fato de que em nenhum momento ocorre a renúncia das características literárias específicas em favor do desempenho de sua função como um sistema de comunicação popular. Na verdade, notamos um cuidado evidente na preservação das características composicionais típicas da literatura de cordel. Isso torna-se evidente, principalmente, no folheto literário-jornalístico de Rodolfo Coelho Cavalcante, que adota a forma do ABC, um formato específico pertencente à tradição dos poemas populares. Da mesma forma, nos folhetos do poeta-repórter Cuíca de Santo Amaro, cuja escrita mantém o aspecto oral característico dos primeiros cordéis.

Para chegarmos a esta conclusão, determinamos como necessário investigar as origens, características e desenvolvimento do folheto nordestino como literatura-jornalística. Nesse sentido, estabelecemos como essencial revisitar o contexto histórico da imprensa no Brasil e destacar as interações da literatura com o jornalismo. Além de descrever o percurso histórico dos folhetos para evidenciar suas origens, a transição de um sistema de comunicação oral para o escrito, e sua relação com o realismo social. E, também, evidenciar quem eram os “poetas-repórteres” e analisar os folhetos noticiosos para identificar sua contribuição na formação de uma expressão literária híbrida, nomeada “literatura-jornalística”, que para isso, exploramos a interação dessas obras com o contexto político e social do século XX. A seguir, esclarecemos as descobertas em cada um dos objetivos específicos e como elas auxiliaram na compreensão desse fenômeno singular, proporcionando uma análise aprofundada e abrangente do tema.

Revisitar o contexto histórico da imprensa no Brasil e destacar as interações da literatura com o jornalismo:

Uma das primeiras descobertas sobre a história da imprensa no Brasil foi a afirmação de Olinto (1955) que, em sua perspectiva, define o fenômeno do jornalismo literário como algo natural. Segundo ele, apesar das diferenças entre ambos, a similaridade reside no trabalho com a palavra, que não apenas serve como um veículo para a poesia, mas também transmite a notícia impactante, como a morte de uma criança sobre o asfalto (Olinto, 1955). Esse ponto de vista é interessante para nossa compreensão do fenômeno, pois concordamos que esta sinergia de longa data foi espontânea. Esta que tornou o jornalismo não só mais informativo e atrativo, como também foi crucial para a consolidação da literatura brasileira, uma vez que o jornalismo abriu as portas do panteão literário para “jovens sem diploma ou renda” (Costa, 2005, p. 10), proporcionando-lhes a oportunidade de subsistir por meio de seu próprio trabalho.

Durante a investigação, destacamos cada um dos gêneros literários difundidos nos jornais — folhetins, crônicas e poemas. Nessa etapa, conseguimos compreender a magnitude da contribuição da imprensa para a disseminação da literatura. Enquanto os livros permaneciam inacessíveis para a classe assalariada, a publicação periódica de capítulos de romances, nas seções de *folhetim*, não só facilitou o acesso à literatura, mas também proporcionou aos jovens literatos a oportunidade de divulgar suas obras mesmo sem um livro completo. A compreensão desse fenômeno nos levou a identificar uma similaridade no folheto nordestino, evidenciando que os poetas populares realizavam leituras regulares desses jornais. A título de exemplo, recordamos o folheto *O Reino da Pedra Fina*, de Leandro Gomes de Barros, seriado em cinco partes de 1909 a 1910, assim como os folhetins.

Dentre os gêneros literários destacados, os poemas foram os que mais prenderam a nossa atenção, inicialmente, por serem, talvez, os mais antigos entre os gêneros. No entanto, o que despertou nosso interesse foi a presença dos cordéis nas páginas dos jornais, evidenciando uma conexão profunda entre os folhetos e os periódicos. Intertextualidade essa que não se restringe a simples citações ou referências aos jornais em seus versos, mas sim a uma união mais íntima que compartilha seus espaços. Entre os exemplos que encontramos, destaca-se o poeta-repórter Toni Lima, cujo trabalho era predominantemente publicado nos jornais, como o folheto *A Inflação Permanece* (1980). Além dele, podemos citar Raimundo Santa Helena, frequentemente lembrado nos periódicos, como evidenciado no artigo *Cordel fala da matança em Eldorado de Carajás* (1996), no jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro.

Descrever o percurso histórico dos folhetos para evidenciar suas origens, a transição de um sistema de comunicação oral para o escrito, e sua relação com o realismo social:

A narrativa do percurso histórico dos folhetos revelou-se crucial não apenas para a compreensão de suas origens e da transição do sistema de comunicação oral para o escrito, mas também para entender a sua interligação com o realismo social, uma vez que os folhetos passaram de um gênero literário fictício para uma expressão híbrida, literária-jornalística. Essa transformação permitiu que eles não apenas representassem, de maneira única, os acontecimentos políticos e sociais do país, mas também estabelecessem uma conexão íntima com a realidade em constante mudança. Ademais, entre as descobertas que merecem destaque, é pertinente recordar que, desde suas origens na poética dos cancioneiros, a poesia popular representa o pensamento de um contexto específico. Essa característica torna-se evidente ao se depararmos com a peleja entre Inácio da Catingueira e Romano da Mãe D'Água em 1879, que apesar de ser considerado um “duelo de titãs” registrou as marcas do preconceito da era da escravidão. Assim, entender como se deu a evolução dos folhetos e a expressão poética foi crucial para compreender a riqueza e a complexidade dessas manifestações culturais ao longo do tempo.

Outro ponto relevante a ser citado, é como a chegada da imprensa no Brasil auxiliou na produção e popularização dos folhetos nordestinos, uma vez que os textos populares nascem, aproximadamente, junto ao início da imprensa brasileira (Abreu, 2006), evidenciando uma conexão de longa data. Basicamente, no final do século XIX, parte das narrativas populares pré-folhetos começaram a ganhar sua forma impressa e tornou-se o que chamamos hoje de folheto nordestino. Este que se transformou em um meio de sustento para aqueles que conseguiram editá-los e vendê-los, levando-os a abandonar seus antigos ofícios de vendedores, operários e agricultores (Abreu, 2006). Essas profissões desempenharam um papel crucial na construção de uma relação de confiança entre os poetas e seus leitores, pois compartilhavam tanto o discurso quanto as experiências, em outros termos, estavam inseridos no mesmo contexto social. E foi essa proximidade com o público, a habilidade em abordar temas reais por meio de narrativas fictícias e a necessidade de facilitar o acesso à informação que concederam ao cordel um papel crucial como um sistema de comunicação popular, sem perder de vista sua tradição literária, criando uma forma de expressão híbrida que nomeamos como literatura-jornalística.

Evidenciar os “poetas-repórteres” e analisar os folhetos noticiosos para identificar sua contribuição na formação de uma expressão literária híbrida:

Durante esta fase da pesquisa, focamos nossa atenção exclusivamente nos poetas que mantiveram uma produção regular de folhetos literário-jornalísticos entre 1900 e 1999, com o objetivo de categorizá-los como poetas-repórteres. Identificamos, assim, sete cordelistas que consistentemente produziram folhetos noticiosos abordando uma variedade de temas. Provenientes de diferentes regiões e com diferentes posicionamentos, esses poetas contradizem a afirmação de Campos (1977) que os rotula como “individualistas”, abordando as situações políticas e sociais não apenas sob a perspectiva do indivíduo, mas também da coletividade.

Para a seleção criteriosa dos folhetos analisados, o primeiro passo consistiu em direcionar nossa atenção para aqueles que, no âmbito do ciclo temático político e social, abordassem o tema crucial que identificamos como central: a crise econômica e social. Nesse contexto, aprofundamos nossa investigação ao identificar o ano de produção de cada cordel, buscando indícios de uma intertextualidade explícita com os jornais e uma possível presença de recursos típicos da escrita jornalística da época. Essa fase do processo analítico revelou-se fundamental por possibilitar a identificação de algumas referências aos periódicos da época nos folhetos selecionados. Contudo, é importante ressaltar que, embora tenhamos encontrado alguns indícios, não observamos a ocorrência de citações exatas de informações provenientes desses veículos de comunicação.

Tal constatação ressalta a autonomia e a originalidade dos poetas-repórteres, que, mesmo dialogando com o contexto jornalístico, não se limitaram à reprodução direta de dados, demonstrando uma vasta capacidade de interpretação e criação de uma forma literária-jornalística. Nesse novo gênero, os poetas-repórteres habilmente conciliam formas literárias tradicionais, como a estrutura com uma quantidade específica de versos e a utilização da métrica e da rima, com o propósito de apresentar notícias e eventos reais de maneira poética. Para além da estrutura formal, eles manipulam recursos poéticos, tais como o uso de metáforas e simbologias, para expressar questões complexas. Em outras palavras, os poemas se transformam em um veículo singular de transmissão de emoções e relatos ligados a um contexto político e social específico. Essa fusão literária e informativa ressalta a habilidade dos poetas-repórteres em ultrapassar as fronteiras entre a tradição literária e a reportagem jornalística, conferindo uma dimensão estética única à narrativa de eventos da realidade.

Assim, é importante salientar que este estudo não escapou de algumas limitações, sendo a principal delas o tempo restrito para a condução da pesquisa. Este fator pode ter influenciado tanto a amplitude quanto a profundidade da análise. Além disso, devido ao curto prazo para a execução do trabalho, foram necessárias exclusões no *corpus* de análise devido a problemas de acesso recorrentes nos acervos digitais, que frequentemente ficavam indisponíveis, restringindo o estudo aos cordéis que estavam acessíveis.

No entanto, essa limitação serve como uma oportunidade para futuras pesquisas, pois acreditamos que na classe temática “Político e Social” ainda há algumas lacunas que merecem ser discutidas, como, por exemplo, a questão da ideologia dos poetas populares, uma vez que identificamos tanto a presença de um pensamento marxista quanto uma defesa ideológica de uma teoria política que não tínhamos conhecimento, o esporismo, criada por Mário Linário Leal, defendido por Rodolfo Coelho Cavalcante. Ambos dados que contradizem a fala de Campos (1977) — “Não nos apercebemos de uma verdadeira ideologia política bem definida por parte dos poetas populares” (Campos, 1977, p. 35) — e merecem ser estudados. Ademais, outra classe temática que demanda uma análise aprofundada é a dos “Crimes”, pois sobre ela cabe uma pesquisa que aborde a maneira como os poetas-repórteres noticiaram crimes hediondos. Um exemplo a ser estudado é o caso do folheto *O crime da doméstica*, que relata a história de Mercedes “uma jovem bem alegre/ bastante relacionada/ que na casa da patroa/ morreu toda retalhada” (Clemente, 1970, p. 1).

Apesar das limitações apresentadas, acreditamos firmemente que o presente trabalho conseguiu atingir seus objetivos propostos. E ao trazer a discussão, historicamente focada na área de Comunicação Social, sobre o fenômeno do folheto como uma literatura-jornalística para o âmbito da Literatura Comparada, visamos ampliar as fronteiras de entendimento e proporcionar uma abordagem interdisciplinar enriquecedora sobre a literatura de cordel. Além disso, é relevante pontuar que este trabalho realça a importância da valorização da literatura popular, considerando que, por ser uma literatura complexa com várias nuances, é necessária uma contínua discussão por tratar-se de um campo fértil para as mais variadas perspectivas. Acreditamos, portanto, que este trabalho não apenas expandiu o entendimento sobre o folheto nordestino como literatura-jornalística, mas também servirá como base para pesquisas futuras que aprofundarão ainda mais a compreensão desse fascinante fenômeno literário e jornalístico.

REFERÊNCIAS

- A Ciência complica o cordel. **Correio Braziliense**. Rio de Janeiro, ed. 6378, 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/8124. Acesso em: 28 jul. 2023.
- A Ordem do Burro. **Manchete**. Rio de Janeiro. ed. 1425, 1979. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/187232>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- ALAGOAS exporta jumentos para MG. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, ed. 5, 1970. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/154. Acesso em: 27 nov. 2023.
- ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6183>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- ALENCAR, José. O nosso cancionero. **Diário de Pernambuco**, Recife, ed. 297, 1874. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_05/11872. Acesso em: 10 ago. 2023.
- ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. [S. l.: s. n.], 1893. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- AMARO, Cuica de Santo. **O Aumento da Carne Verde**. Salvador: [s. n.], 1959. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/510>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- ANDRADE, Maria do Carmo. Rodolfo Coelho Cavalcanti. **Pesquisa Escolar Online**, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, [20--?]. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=920:rodolfo-cavalcanti&catid=52:letra-r&Itemid=1. Acesso em: 24 out. 2023.
- AREDA, Francisco Sales. **O romance de João besta e a gia da lagoa**. Recife: Ed. Prop João José da Silva, [19--]. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/18227>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- ATHAYDE, João Martins de. **As proezas de João Grilo**. Juazeiro do Norte: Ed. Prop. João Martins de Athayde: José Bernardo da Silva, 1958. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/17426>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- BARBOSA, Manoel Messias. **História do boi vermelho**. Caucaia: Editora Realce, 1916. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/66574>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BARROS, Homero do Rego. **José Soares: o poeta repórter do recife**. Recife: Ed. prop., 1978. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/33565>. Acesso em: 24 out. 2023

BARROS, Leandro Gomes de. **Conclusão da Mulher roubada**. In: O dézréis do Governo. Pernambuco: Typografia Miranda, 1907.

BARROS, Leandro Gomes. **A crise actual e o aumento do selo**. Recife: [s.n], 1913. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao.html. Acesso em: 24 set. 2023.

BATISTA, Francisco das Chagas. **Cantadores e poetas populares**. Paraíba: Editor F.C., 1929. Disponível em: <http://ibamendes.org/Cantadores%20e%20Poetas%20Populares%20-%20Francisco%20das%20Chagas%20Batista%20-%20IBA%20MENDES.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BATISTA, Pedro. **Aos leitores**. In: O reino da Pedra Fina. Guarabira: Ed. Prop, 1919. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/RuiCordel/1299>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BENJAMIN, Walter. **O autor como produtor**. In: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1934.

BRASIL. Decreto-lei n.º 5.977, de 10 de novembro de 1943. Altera a tabela do salário mínimo, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 nov. 1943. Seção 1, p.1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5977-10-novembro-1943-416056-anexo-pe.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2023.

BRASIL. Decreto n.º 79.133 de 17 de janeiro de 1977. Declara de relevante interesse nacional a adoção, em todos os campos de atividade, de medidas que possibilitem redução de consumo de combustíveis derivados de petróleo, e estabelece normas de atuação, nesse campo, para os órgãos e entidades da Administração Federal Direta e Indireta e Fundações supervisionadas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 jan. 1977, Seção 1, p.1. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-79133-17-janeiro-1977-428620-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRASIL. Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n.º 05/1983. Dispõe sobre a eleição direta para Presidente e Vice-Presidente da República. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF 14 mar. 1983, Seção 1, p.1. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=9430549&ts=1691754832180&disposition=inline&_gl=1*nq0t6c*_ga*MTk1MDgxNTg2LjE2ODc3MTUzMjk.*_ga_CW3ZH25XMK*MTcwMjczNzAxMC43LjEuMTcwMjczNzEyNS4wLjAuMA. Acesso em: 16 nov. 2023.

CACARECO candidato a vereador. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, ed. 20395, 1959. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/110857. Acesso em: 26 nov. 2023.

CAMPOS, Haroldo. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira**: o caso Gregório de Mattos. Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste**. MEC, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, FUNARTE, 1977.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC da Carestia**. Salvador: [s.n], 1947. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcbr/46197>. Acesso em: 25 set. 2023.

CAVALCANTE, Rodolfo. **Origem da literatura de cordel e expressão de cultura do nosso país**. [S.l.: s.n], 1984. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/34495>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CARNE apreendida. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, ed. 195, 1971. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/18733. Acesso em: 26 nov. 2023.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Vida e luta do trovador Raimundo Santa Helena**. Salvador: [s.n], 1984. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/36514>. Acesso em: 30 out. 2023.

CHOQUE com o Exército na CSN mata 2 operários. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, ed. 216. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/247441. Acesso em: 30 nov. 2023.

COMENTÁRIOS da semana. **Diário do Rio de Janeiro**, ed. 307, 1861. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/14997. Acesso em: 22 set. 2023.

COMERLATO, Eduardo; HOHLFELDT, Antonio. As folhas-volantes na América Latina: uma análise do fenômeno comunicacional que antecedeu o jornalismo periódico. **Metodos.revista de Ciencias Sociales**, Madri, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17502/mrcs.v11i2.618>. Acesso em: 26 nov. 2023.

COMO era viver no Brasil da inflação descontrolada dos anos 1980?. **Brasil de Fato**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/08/18/como-era-viver-no-brasil-da-inflacao-descontrolada-dos-anos-1980#:~:text=Em%201980%2C%20a%20infla%C3%A7%C3%A3o%20no,aspectos%20do%20cotidiano%20social%20brasileiros>. Acesso em: 26 set. 2023.

COSTA, Cristiane Henriques. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2005.

CUÍCA assustava meio mundo. **Visão**. São Paulo, ed. 24, 1964. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Recortes%20de%20Jornais/36824>. Acesso em: 25 set. 2023.

DECLARAÇÃO. **A Marmota**. Rio de Janeiro, ed. 1136, 1860. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/475>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DIAS, Maurílio. **Tipografias de cordel**: o nascimento do editor. Bahia: Editora Fonte Viva, 2016.

ESTUDANTES sitiam Kissinger na UnB. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, ed. 225, 1981. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/51012. Acesso em: 28 nov. 2023.

ETIEMBLE, René. Crise da Literatura Comparada. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tania (org.). **Literatura Comparada**: Textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FERREIRA, Héris. **O jornalismo literário**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

FEUILLETON. **La Presse**. Paris, ed. 123, 1882. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k544040f> Acesso em: 20 mar. 2023.

FONTES, Manuel da Costa. Canções da gesta, romanceiro e pressupostos teóricos: um livro sobre D. Gaifeiros. Algarve. **Estudos de Literatura Oral**. Centro de Estudos Ataíde Oliveira, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/1331>. Acesso em: 08 ago. 2023.

GASOLINA racionada. **Diário de Pernambuco**. Pernambuco, ed. 23, 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/95619. Acesso em: 27 nov. 2023.

HELENA, Raimundo Santa. **Kissinger fura greve dos professores**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1981. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/27452>. Acesso em: 29 nov. 2023.

HELENA, Raimundo Santa. **Democracia nas urnas**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1985. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/70531>. Acesso em: 30 nov. 2023.

HELENA, Raimundo Santa Helena. **Sem-terras massacrados a sangue-frio**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1996. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/cordelfcrb/52316>. Acesso em: 10 dez. 2023.

HENRY, Kissinger na UnB: 40 anos de um motim anti-imperialista. **Esquerda Diário**. Distrito Federal, 2021. Disponível em:

<https://www.esquerdadiario.com.br/Henry-Kissinger-na-UnB-40-anos-de-um-motim-anti-imperialista>. Acesso em: 28 nov. 2023.

I CONGRESSO nacional dos poetas trovadores. **Imprensa Popular**. Rio de Janeiro, 1955.

Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/CDU%20-%20Recortes%20de%20Jornais/10819>. Acesso em: 24 nov. 2023.

JUNIOR, Diégues Manuel. Congresso de Trovadores Populares. *In*: **Folclore e História**.

[S.l.], 1954. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Recortes%20de%20Jornais/17382>. Acesso em: 26 out. 2023.

KOCH, Ingedore; BENTES, Anna; CAVALCANTE, Mônica. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

LITERATURA. **Libertador: Orgão da Sociedade Cearense Libertadora**. Ceará, ed. 1,

1881. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/229865/989>. Acesso em: 11 mar. 2023.

LIMA, Gustavo. **Ao repique da marimba e do pandeiro**: a voz e o verso de Luiz Gama e Inácio da Catingueira como “discursos fundadores” da poesia negra brasileira. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/0d1df9db-3e39-426e-9da8-a5e5d2d3de1b/content>. Acesso em: 11 mar. 2023.

LIMA, José Ossian. Cordel e jornalismo. **Revista de Comunicação Social**, Fortaleza, v. 5, n. 1/2, p. 29-40, 1975. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51138/1/1975_art_jolima.pdf. Acesso em: 26 nov. 2022.

LIMA, José Ossian. Os meios de comunicação e a literatura de cordel. **Revista de Comunicação Social**, Fortaleza, v. 6, n. 1/2, p. 49-57, 1976. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51190/1/1976_art_jolima.pdf. Acesso em: 26 de nov. 2022.

LUYTEN, Joseph Maria. **Notícia na literatura de cordel**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, 1984.

MASSACRE dos sem-terra liquida a imagem do Brasil no exterior. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, ed. 14103, 1996. Disponível em:

MAXADO, Franklin. **O cordel do cordel**. São Paulo: [s.n.], 1982. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/34354>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MENEZES, Joimar de Castro. **Setor externo e política econômica do Brasil, 1913-1918**.

(Tese: Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-19012017-123001/publico/2015_JoimarDeCastroMenezes_VOrig.pdf. Acesso em: 07 nov. 2023.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NA Bahia o I Congresso de Trovadores Populares. **Folha da Noite**. São Paulo, 1955.

Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/CDU%20-%20Recortes%20de%20Jornais/11677>. Acesso em: 26 out. 2023.

NEVES, Margarida de Sousa. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. *In: A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NOTÍCIAS vindas por via da França. **Gazeta do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ed. 01, 1808. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_05/36459. Acesso em: 11 dez. 2022.

OLINTO, Antonio. **Journalismo e litteratura**. Edições de Ouro, 1968.

PACOTILHA. **Correio Mercantil, Instructivo, Político, Universal**. Rio de Janeiro, ed. 185, 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/6257>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

PUBLICAÇÕES a pedido. **Correio Mercantil, Instructivo, Político, Universal**. Rio de Janeiro, ed. 303, 1948. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/217280/1248>. Acesso em: 11 mar. 2023.

RIO de Janeiro, 23 de janeiro. **O Chronista**. Rio de Janeiro, ed. 282, 1838. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/702811/1009>. Acesso em: 23 mar. 2023.

RIO, 5 de setembro. **Correio Mercantil, Instructivo, Político, Universal**. Rio de Janeiro, ed. 212, 1853. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/7785>. Acesso em: 10 mar. 2023.

RAMOS, Graciliano. Inácio da Catingueira e Romano. **Diário de notícias**. Rio de Janeiro, ed. 3647, 1937. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/093718_01/34200. Acesso em: 29 jul. 2023.

SANTOS, Apolônio Alves dos. **Eleições diretas já para um novo presidente**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/35081>. Acesso em: 29 nov. 2023.

SENA, Cipriano Batista de. **O assassinato de João Caetano e a vingança de seu filho**. Guarabira: Ed. Prop, 1979. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/14447>. Acesso em: 13 ago. 2023.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Massacre em Volta Redonda**. Rio de Janeiro: [s.n], 1988.

Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/27175>. Acesso em 01 dez. 2023.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Introspecção**. In: Inglaterra e Argentina em guerra pelas Malvinas. Guarabira: Tip. Pontes, [19--]. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/62314>. Acesso em: 30 out 2023.

SILVA, Gonçalo Ferreira. **In Memoriam de Apolônio Alves dos Santos**. Rio de Janeiro: Studio Gráfico e Editora, 1998. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/64031>. Acesso em: 26 out. 2023.

SILVA, Minelvino Francisco. **Biografia de Rodolfo Coelho Cavalcante o rei do cordel**. [S./: s.n], [19--]. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/14588>. Acesso em: 24 out 2023.

SOARES, José Francisco. **Acabou a gasolina? ou a gasolina acabou?**. Recife: [s.n], 1977.

Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/14524>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SOARES, Marcelo. **Reforma Agrária Já!**. Recife: [s.n], 1998. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura%20de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176/79876>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. [S./]: Mauad Editora Ltda., 1998.

TAVARES, Luiz. **O mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Edições Tempo brasileiro, 1980.

TERRA, Ruth. **Memória de lutas: a literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930)**, São Paulo: Global! Editora, 1993.

TRISTEZA! Cordelista “Raimundo Santa Helena” morre aos 92 anos. **Diário do Sertão**, Paraíba, 2018. Disponível em:

<https://www.diariodosertao.com.br/noticias/cidades/285441/tristeza-cordelista-raimundo-santa-helena-morre-aos-92-anos.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

TIROS de fuzil mataram sem-terra. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, ed. 14102, 1996. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_05/36436. Acesso em: 2 dez. 2023.

UMA vida contada em cordel. **Detakjornal**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Recortes%20de%20Jornais/55559>. Acesso em 01 nov. 2023.

VIANA, Antonio Klévisson. **Leandro Gomes de Barros, o pioneiro da Literatura de Cordel**. Fortaleza: Tupynanquim editora, 2005.

ZHIRMUNSKY, Victor. Sobre o estudo da Literatura Comparada. *In*: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tania (org.). **Literatura Comparada: Textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.